

Vicente Soares Neto

Corações e Letras

Segunda Edição

A História da
Academia Campo-belense de Letras

Corações e Letras

© Copyright 2027, Vicente Soares Neto

1ª edição

1ª impressão

(publicado em JUNHO de 2027)

Todos os direitos reservados, protegidos pela Lei 9.610/98.
Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida, em qualquer meio ou forma, nem apropriada e estocada sem a expressa autorização do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
SOARES, Vicente Soares.

Partes deste livro poderão ser utilizados, desde que informe a fonte.

Editora AMAZON

ASIN: B0H8WNL9KM

SOBRE O AUTOR



Vicente Soares Neto é uma figura multifacetada, cujo brilhantismo permeia as áreas da engenharia, literatura, poesia e ensino. Engenheiro por vocação e escritor por paixão, Vicente tem dedicado sua vida a expandir os horizontes do conhecimento e da cultura. Com uma carreira que remonta a 1973, ele traz consigo uma impressionante bagagem acadêmica e profissional:

Formação Acadêmica:

Engenheiro de Telecomunicações (CREA 11.056/D) pelo Instituto Nacional de Telecomunicações (INATEL) - 1972.

Engenheiro Eletricista - Eletrônico (CREA 28.974/D) pelo INATEL - 1980.

Especialista em Computação Analógica pela EFEI - 1972.

Especialista em Teleinformática pela UFMG - 1985.

Experiência Profissional:

Atuou em empresas e órgãos de destaque no setor de telecomunicações, como:

Companhia Telefônica Brasileira (CTB), depois TELESP.

Telecomunicações de Minas Gerais (TELE-MIG).

Empresa Brasileira de Telecomunicações (EMBRATEL).

Ministério da Infraestrutura (MINFRA).

Ministério das Comunicações (MINICOM).

Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL).

Contribuições Acadêmicas:

Dedicou-se ao ensino em instituições renomadas, como:

Colégio Técnico de Eletrônica Armstrong.

Instituto de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

Universidade FUMEC.

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).

Além disso, elaborou e ministrou palestras e seminários em nível nacional e internacional.

Reconhecimentos e Atividades Atuais:

Comendador do INATEL (2017).

Imortal na Academia Campo-Belense de Letras, ocupando a cadeira nº 40.

Atualmente, exerce a função de Diretor de Negócios da Lynce Consultoria.

Presidente da Academia Campo-belense de Letras – ACL pelo biênio 2025 a 2027.

Engenheiro escritor e poeta, Vicente é também astrônomo amador e guarda a sensibilidade dos que enxergam além do visível. Sua trajetória combina técnica e inspiração, ciência e arte, consolidando sua posição como um dos grandes expoentes no campo das telecomunicações e da literatura em Minas Gerais.

SUMÁRIO

SOBRE O AUTOR.....	6
SUMÁRIO	9
PREFÁCIO	11
1 - O CAMPO GRANDE	19
2 - AS PALAVRAS GANHARAM CASA	30
3 - A PALAVRA SE VESTIU DE LUZ	36
4 – APRENDEMOS A CANTAR	40
5 - O SONHO DE 32 ANOS.	44
6 - O BRILHO DE VERSOS AO VIVO	48
7 - A LICENÇA NÃO AUSENTE	51
8 - A CONSAGRAÇÃO DAS CADEIRAS	56
9 - OS VOTOS APRENDEM A SONHAR.....	62
10 - ENTRE SINOS E SILÊNCIOS.....	72
11 - 1985: UM NOVO CAPÍTULO.....	77
12 - O SILÊNCIO DAS ATAS.....	82
13 - O NOME GRAVADO NO TEMPO.....	89
14 - AS PORTAS DO TEMPO	94
15 – MUDANÇA DE GUARDA	100
16 - AS LETRAS PEDIRAM FUTURO	105

17 - UMA ELEIÇÃO EMOCIONANTE	110
18 - ECOS DE UMA NOITE DE JULHO.....	115
19 - A CIDADE SE CELEBROU	118
20 - LANÇAMENTO DO ANUÁRIO	121
21 - A CAMINHADA	127
22 - LAÇOS AFETIVOS	131
23 - UM MAESTRO NA PRESIDÊNCIA	136
24 - DESPEDIDA DO MAESTRO	142
25 - A PRIMEIRA MUDANÇA	146
26 - O LIVRO QUE FEZ A MEMÓRIA SORRIR	149
27 - A CONFIANÇA RENOVADA.....	153
28 - DISCURSO DE POSSE	167
29 - O INÍCIO MOTIVADOR	175
30 - A PRIMEIRA SESSÃO SOLENE	180
AÇÕES INICIAIS DE MODERNIDADE	185
31 - A CRIAÇÃO DE COMISSÕES	195
32 - A SEGUNDA SESSÃO SOLENE.....	204
33 - HINO DA ACADEMIA	228
34 - ACADÊMICOS	235
35 - GALERIA DOS PRESIDENTES	240

PREFÁCIO

Há momentos na vida em que o tempo parece suspender o próprio fôlego, como se esperasse algo que ainda não aconteceu, mas já é pressentido pela alma. Assim foi quando atravessei, pela primeira vez, o limiar da Academia Campo-belense de Letras. As paredes antigas pareciam sussurrar nomes, histórias, versos, e eu, diante delas, compreendi que estava diante de um templo onde o passado e o futuro se abraçavam em silêncio.

Naquela noite, a Casa de Miserani não era apenas um edifício; era uma presença. Cada cadeira, cada estante e cada retrato de um imortal contavam fragmentos de uma mesma narrativa: a da cultura que resiste, a da palavra que não se curva ao esquecimento. E foi nesse instante que senti o chamado, não o de um cargo, mas o de uma missão.

A minha entrada na Academia foi como o início de um novo capítulo na própria história da minha vida. Havia, em mim, o mesmo encantamento de um estudante que descobre o poder das letras pela primeira vez. A honra de ser rece-

bido entre os pares era imensa, mas o que mais me tocava era o sentido de pertencimento, a certeza de que eu passava a fazer parte de uma linhagem de sonhadores.

Ser imortal, percebi logo, não é ser lembrado pelo nome, mas pelo gesto. É fazer da palavra uma semente e do exemplo, uma herança. Cada confrade e confrreira que encontrei ali carregava esse brilho no olhar, o mesmo brilho dos que sabem que a literatura é a mais nobre forma de eternidade.

E assim começou a minha travessia. De leitor e escritor, tornei-me também guardião de uma história maior do que a minha. A Academia me acolheu com a doçura de um lar antigo, e, ao mesmo tempo, me impôs o peso da responsabilidade: preservar o que foi construído, fortalecer o presente e sonhar o futuro.

A eleição para a presidência chegou como chegam as estações, inevitável, natural e profundamente simbólica. Eu não a busquei; ela me encontrou. E quando os votos se transformaram em confiança, percebi que aquela missão já não era mais individual. Era o desejo coletivo de ver a Academia florescer novamente.

Recordo-me do dia da eleição como de um rito de passagem. Os olhos dos confrades e confradeiras traziam esperança e expectativa. A Casa de Miserani parecia respirar um novo ar: o da renovação, do diálogo, da reconstrução. Ali começou o tempo de plantar sonhos em terreno fértil.

O desafio de comandar uma instituição literária é, ao mesmo tempo, sublime e árduo. Não se trata de administrar paredes, mas de inspirar almas. De manter acesa uma chama que atravessa gerações, mesmo em tempos de incerteza e dispersão.

Na presidência, descobri que liderar é escutar. Escutar as vozes do passado, as necessidades do presente e os murmúrios do futuro. Cada decisão era uma ponte entre o que fomos e o que desejávamos ser.

A Casa de Miserani tornou-se, durante aqueles dias, minha segunda morada. Era ali que eu encontrava o silêncio necessário para pensar e o eco da história que me fazia agir. As manhãs pareciam mais luminosas quando o sol tocava a

minha face, abrindo as janelas daquela casa repleta de significados.

Vieram os primeiros projetos, as primeiras reuniões, os primeiros sonhos compartilhados. E com eles, também, os primeiros desafios. Continuar o trabalho daqueles que me antecederam na instituição exige coragem, delicadeza e fé. Há resistências, há dúvidas, há silêncios. Mas há, sobretudo, o amor pelas letras, é ele que sustenta tudo.

Alguns diziam que a Academia havia se recolhido, que seu brilho já não era o mesmo. Eu, porém, via nela um coração apenas adormecido, à espera de um novo pulsar. Bastava ouvir com atenção e agir com ternura e firmeza.

Com o tempo, percebi que não era apenas presidente: era ponte, era mediador, era aprendiz. Cada confrade tinha algo a ensinar, cada confreira, uma história a inspirar. E nesse convívio, o que antes parecia difícil tornou-se aprendizado.

A cada reunião, via nascer novas ideias. A Academia se abria, como uma flor que desabrocha ao amanhecer. Falávamos de livros, de cultura, de Campo Belo, mas, acima de tudo, falávamos de pertencimento.

Foi um tempo de reencontros. Reencontros com os ideais que fundaram a instituição, com a força dos que vieram antes e com o papel que cabia a nós: perpetuar o espírito das letras na alma da cidade.

Os dias passavam entre a emoção das cerimônias e o trabalho silencioso dos bastidores. Houve noites em que permaneci só com a Casa de Miserani, até mesmo sonhei, olhando os retratos dos fundadores e sentindo o peso doce da história repousar sobre meus ombros.

Em cada ação, buscava unir razão e emoção, o necessário equilíbrio entre a gestão e o sentimento. Porque a Academia não vive apenas de estatutos, mas de afetos. É a soma dos corações que a mantém viva.

Vieram os eventos, as publicações, as homenagens. Cada iniciativa era uma chama acesa, uma forma de dizer à cidade: “A Academia está viva, e pulsa no coração de Campo Belo.”

Houve também os momentos difíceis, quando o silêncio parecia mais forte que as vozes. Mas foi justamente nesses instantes que compreendi o valor da persistência e da fé.

Nem sempre é fácil conciliar o sonho com a realidade, a emoção com o dever, a arte com a administração. Mas aprendi que, quando o propósito é puro, o caminho se ilumina por si.

A Casa de Miserani me ensinou que o verdadeiro poder de uma presidência não está nas decisões, mas nos exemplos. E que liderar é, antes de tudo, servir.

Em muitas ocasiões, recordei os que já haviam partido, confrades cuja presença ainda se fazia sentir no vento que atravessava os corredores. Eles também guiavam meus passos, invisíveis e eternos.

O tempo da presidência foi breve como uma estação, mas intenso como uma vida inteira. Cada gesto, cada palavra, cada encontro era um traço do quadro que comporia o legado.

A Academia transformou-se, durante esse ciclo, em um espaço de convivência e esperança. Ali, as letras tornaram-se pontes entre gerações e corações.

Olhar para trás é ver que o que parecia apenas gestão foi, na verdade, uma travessia espiritual. Um aprendizado sobre humanidade, humildade e amor pela cultura.

Hoje compreendo que o verdadeiro sentido da presidência não está apenas no que fizemos, mas no que despertamos. Nas ideias que germinaram, nas emoções que renasceram, na chama que continua acesa.

A Casa de Miserani seguirá viva enquanto houver quem acredite na força da palavra. E enquanto houver corações dispostos a servir, a Academia continuará sendo o coração literário de Campo Belo.

O que deixei ali não foi apenas uma gestão, mas um pedacinho de alma. Uma promessa silenciosa de que as letras continuarão florescendo, mesmo quando as páginas do tempo se virarem.

Escrever este livro é, portanto, mais do que registrar um período. É agradecer. A cada confrade, a cada confreira, a cada pessoa que acreditou na beleza das palavras e na missão da cultura.

“Corações e Letras” é o testemunho de um tempo em que a emoção e a razão se encontraram sob o mesmo teto. Um tempo em que a presidência foi, acima de tudo, um ato de amor: pelas letras, pela Academia e por Campo Belo.

Vicente Soares Neto

1 - O CAMPO GRANDE

O vento descia lento das serras ao entardecer, espalhando pelo vasto campo aberto o perfume agreste das flores silvestres e o murmúrio distante dos rios que ainda procuravam o mar. Era o século XVIII, e aquelas terras, ainda sem nome, guardavam o silêncio dos tempos primeiros, quando o homem ainda caminhava com respeito sobre o chão sagrado dos povos indígenas.

O sol, antes de se esconder por detrás das montanhas, tingia de ouro o capim alto, que balançava em ondas suaves como um mar de esperança. Ao longe, cavaleiros passavam, vindos das Minas de Ouro, buscando a estrada que levava à Capitania de São Paulo. Era um ponto de passagem, mas havia ali algo mais, uma quietude que parecia guardar segredos.

Os viajantes chamavam aquele lugar de Campo Grande, pela vastidão que os olhos não conseguiam medir. Contudo, nas noites de lua cheia, dizia-se que o campo ganhava outra voz, o eco de tambores antigos, vindos de tempos de

dor e de luta, quando os filhos do quilombo de Ambrósio tentaram ali reconstruir a liberdade perdida.

Ninguém sabia ao certo quantos sobreviveram. Alguns diziam que apenas meia dúzia de almas feridas chegou até aquele vale; outros juravam que foram muitos, que ali ergueram suas moradas de barro e palha, escondendo-se dos caçadores de homens. O certo é que, entre as névoas das madrugadas, os primeiros fogos da esperança voltaram a acender-se.

Entre eles, havia uma mulher de nome N'Gola, de olhar profundo e voz serena. Carregava no ventre uma criança e, no coração, o pressentimento de que aquele seria o início de um novo destino. À noite, contava aos companheiros histórias de coragem, prometendo que, um dia, as gerações futuras caminhariam livres por aquelas terras.

Os indígenas, que habitavam as margens do rio, os receberam com desconfiança, mas também com compaixão. E assim, negros e índios aprenderam a conviver, trocando saberes, curando feridas, compartilhando sonhos. Nascia ali, silenciosamente, o primeiro sopro de Campo Belo.

O tempo correu lento, como correm os rios quando ainda estão aprendendo seu curso. As primeiras casas de pau-a-pique se alinharam próximas à colina, e, sobre o morro, ergueu-se uma cruz de madeira, símbolo da fé que começava a tomar forma.

Catarina Maria de Jesus, conhecida como Catarina Parreira, recebeu a Sesmaria das Águas Claras sendo figura importante no povoado nascente, tendo participado ativamente do esforço pela construção da Igreja do Senhor Bom Jesus.

Diziam que as águas por onde Catarina caminhava tinham memória. Quando tocava o dormiente manto da manhã, o ribeirão devolvia cantos em língua antiga, e as margens, vestidas de capim, pareciam inclinar-se em reverência à mulher que vinha traçando o destino daquela sesmaria.

Catarina tinha o passo firme de quem conhece o valor da terra. Seu olhar, ao percorrer os campos de Águas Claras, não era apenas de posse: era de promessa. Promessa de que ali algo nasceria que não poderia ser apagado pelas tempestades ou pelos homens de sorte inclemente.

Vinha de uma linhagem que misturava o labor e a oração. Chamavam-na Catarina Parreira, como quem conjurasse um laço entre a gente e o lugar. Era dona de uma vontade que não se curvava, e quando falava sobre o terreno que recebera por sesmaria, a voz possuía um timbre de decisão que fazia os mais ingratos calarem-se.

O marido, José Martins Parreira, fora um homem de negócios e mistérios. Havia sussurros sobre noites em que retornava mais pálido, mãos trêmulas, como quem traz consigo segredos que o faziam envelhecer antes da hora. Catarina, no entanto, mantinha-se ao seu lado com uma paciência de rocha, até a noite em que o homem deixou de responder ao chamado do mundo.

Diziam que sua morte não fora natural. Encontraram-no à beira do ribeiro, como se tivesse regressado ao ventre da terra; suas botas apontavam para as pedras claras, e no bolso de seu casaco, um bilhete úmido com letras quase apagadas. A vila murmurou. Havia olhares que evitavam Catarina; outros se aproximavam com dissimulada piedade.

Para a mulher, o luto foi um punho que apertou sua garganta, e, ao mesmo tempo, uma lâmina que acendeu uma

determinação: proteger a terra que recebera, terminar a obra do templo, dar um nome de dignidade ao lugar que era lar de tantos. Com isso, passou a empregar seus escravos e angariar recursos, aparelhando a igreja com a mesma disciplina com que cuidava das nascentes.

Entre as paredes ainda cruas do templo, Catarina sentia-se ouvindo vozes: algumas pediam perdão, outras, vingança. Era impossível separar o sagrado do humano; o martelo do pedreiro misturava-se à batida do coração do ribeirão. Em noites de lua baixa, a comunidade jazia inquieta, tateando a aura de mistério que pairava sobre a família Parreira.

Foi então que veio a notícia: um artesão chegaria, um homem que viera da cidade grande, aluno de mestres famosos, capaz de esculpir o que o povo chamava de “obra de alma”. Catarina assinou os contratos com mão firme. Francisco Gorgônio de Meneses, disseram, tinha mãos nascidas para dar forma ao que o céu parecia querer guardar.

O povo observava tudo: as etapas da construção, a chegada do sino, a colocação do altar-mor. E junto às obras

crecia um rumor, pequeno como a nascente, que corria entre casa e casa — rumores sobre quem teria interesse na morte de José Martins, sobre velhas dívidas, sobre negócios que deviam ser ocultados sob as tábuas do salão da fazenda.

Catarina começou a receber cartas anônimas, folhas sem remetente, versos curtos que cabiam no bolso e traziam palavras como “cuidado”, “olhe para o ribeirão antes que ele olhe por você”. Colocava as cartas junto ao pão, fingia risos, e deixava que o cuidado se transformasse em vigilância.

Numa noite de vento, Catarina foi sozinha ao ribeirão. Levou consigo o bilhete que tinham achado no bolso de José Martins, guardara-o como quem guarda um osso de memória. A lua era um furo pálido no tecido do céu; o campo respirava um silêncio pesado, pronto a romper-se.

Quando encostou os dedos na água, viu, por um instante apenas, uma sombra desfazer-se entre as pedras. Não foi temor, mas reconhecimento: a sensação de que a vida e a morte dançavam ali como se fossem uma mesma canção. Voltou para casa com o coração estranhamente leve, sabendo que precisava transformar medo em luz.

Então, em público, decidiu abrir as portas de sua casa para o povo. Ordenou que as ceias fossem frequentadas por todos; que o dinheiro que possuía fosse usado em obras. A generosidade era também uma estratégia, dissipar a sombra com calor humano.

Enquanto o templo ao morro ganhava traços finais, temia-se uma vingança. Um homem desconhecido foi visto rondando as cercanias numa noite. Pegadas frescas sobre o barro levaram até a margem do ribeirão e pararam, como se tivessem perdido o rumo diante de algo que não se explica. O povo fechou portas, trancou janelas.

A inauguração da igreja, semiacabada foi marcada por uma procissão que fez o campo parecer um manto de estrelas. O murmúrio das pessoas soou com voz grave, atravessando vales, e o altar-mor reluzia sob as velas. Francisco Gorgônio de Meneses fora capaz de tornar o sacrário quase humano, as talhas pareciam respirar. Catarina, com os olhos vermelhos, sorriu como se o mundo lhe devolvesse uma verdade perdida.

Mas a paz tinha um preço. Em segredo, um escrivão do cartório encontrou documentos que vinculavam antigos credores de José Martins a negociações duvidosas. Havia menções a terras, promessas e ameaças. A pista principal apontava para lavras afastadas, onde homens de passado sombrio ainda guardavam nomes sussurrados.

Catarina não recuou. Reuniu provas, aliados, e encarou os acusadores em praça pública. Em seu discurso, falou de perdão e justiça, sem permitir que a mentira prosperasse. A verdade, quando dita com coragem, tem o efeito de um sol atravessando a neblina: clareia, aquece e revela o que foi pisoteado.

Ao fim, descobriu-se que a morte de José Martins fora cercada por interesses profundos, mas que não envolviam a maldade absoluta, apenas a mistura do desespero humano com decisões mal tomadas. A vila, por sua vez, aprendeu que o limite entre vítima e perpetrador podia ser tênue, e que a terra, quando amada, exigia mais do que olhos atentos: pedia coração.

Catarina envelheceu como quem plantou uma árvore para as gerações que não a veriam. Quando partiu, o ribeirão

pareceu cantar mais alto. E os homens e mulheres que ouviam aquela história continuavam a caminhar pelo campo, sentindo, sempre, que nas águas claras residia, para sempre, o eco de uma mulher que tivera coragem de transformar o luto em semente.

As procissões ganhavam o campo aberto. As lamparinas, vistas de longe, pareciam vagalumes bailando sob o véu da noite. E, em cada canto, havia a sensação de que algo sagrado estava sendo tecido — a alma de um povo que começava a se reconhecer.

Era um tempo de fé e de medo. Bandidos cortavam estradas, doenças assolavam a região, e muitos acreditavam que os espíritos dos antigos quilombolas guardavam o campo, protegendo os inocentes e punindo os que vinham com intenções sombrias.

As histórias se espalharam. Alguns diziam ter visto, em noites silenciosas, uma figura feminina de branco caminhando pela colina, olhando para o templo em construção. Seria

N'Gola, a mulher que sonhara com a liberdade? Ou apenas o reflexo da lua sobre a névoa das madrugadas?

O certo é que aquele campo, antes chamado de Grande, começou a ser visto como belo — belo pelas águas claras, belo pelas serras que o cercavam, belo pela coragem dos que ali fincaram suas raízes.

E assim, em 1818, a fé e a história se entrelaçaram em um novo nome: Senhor Bom Jesus de Campo Belo. O som do sino ecoava longe, atravessando vales e corações, como se anunciasse ao mundo que um novo tempo estava por vir.

As crianças brincavam nas ladeiras, o comércio ganhava vida, e os viajantes, ao passar, diziam sentir algo diferente no ar — uma paz misteriosa, como se a própria terra respirasse gratidão.

Campo Belo nascia entre o sagrado e o humano, entre o sofrimento e o renascimento, guardando nas dobras do tempo as vozes que a construíram.

Mas, mesmo entre as luzes da fé, havia quem ainda escutasse, nas noites de chuva, o canto longínquo da escrava do

Quilombo, sussurrando às margens do rio as histórias que o tempo não ousa apagar.

E talvez seja por isso que, até hoje, ao caminhar por aquelas ruas antigas e sentir o vento que vem das serras, há quem diga que Campo Belo vive, não apenas na terra, mas na memória das almas que a sonharam primeiro.

2 - AS PALAVRAS GANHARAM CASA

Naquela tarde de abril, Campo Belo parecia respirar diferente.

O sol descia lentamente sobre as fachadas antigas, dourando telhados, janelas e silêncios, como se soubesse que algo invisível, porém definitivo, estava prestes a nascer. Era 21 de abril de 1979. Dia de Tiradentes. Ano do centenário da cidade. E, embora ninguém ainda pudesse medir o alcance daquele gesto, algumas almas inquietas caminhavam para o Salão Nobre da Câmara Municipal carregando consigo não apenas papéis e discursos, mas sonhos que vinham sendo escritos havia décadas, sem tinta, apenas em silêncio.

No centro de tudo estava o doutor Oswaldo Alvarenga. Médico das dores do corpo, mas também atento às dores do esquecimento, presidia aquela reunião com a serenidade de quem sabia: fundar uma academia não era criar um prédio, nem assinar um estatuto, era acender uma fogueira em plena travessia do tempo. Ao seu lado invisível, embora ausente fisicamente, pairava o espírito de João Barbosa, poeta, jornalista, professor e sonhador persistente, que por anos imaginara uma

casa para as letras em Campo Belo. Agora, finalmente, o sonho encontrava portas.

Às dezesseis horas, quando o relógio tocou a hora exata em que o passado parece encontrar o futuro, dezenove nomes se reuniram sob aquele teto antigo, cada um trazendo consigo uma história, uma profissão, uma maneira particular de amar as palavras.

Ali estavam Adolfo Pinto Lasmar, farmacêutico e poeta, misturando versos como quem prepara remédios para a alma; Célio Bastos, professor das manhãs e poeta das noites; Geraldo Raimundo de Souza, radialista que transformava vozes em memória; Iolanda Menezes, que ensinava letras às crianças e às esperanças; Joaquim Vilela Filho e José Lopes Dias, ambos veteranos da Força Expedicionária Brasileira, homens que haviam conhecido a guerra e agora se dedicavam ao delicado ofício da crônica; José Augusto de Carvalho, musicólogo das palavras; Júlia de Sá Carvalho, industriária das ideias; Lindolfo Cazeca, Maria Clara Mendonça, Marta Peixoto Silva, Nilson Reis, Ninfa Leite Cambraia, professores, jornalistas,

educadores, cada qual moldando frases como quem molda destinos.

Havia ainda aqueles que, mesmo distantes, pareciam presentes, como Otávio Alvarenga, poeta vindo de Lavras; Henry Correia de Araújo, filósofo das inquietações humanas; Josefina Marisa Massote e Natércia Silva Villefort Costa, que traziam de Belo Horizonte o sopro das grandes academias e o eco das tradições literárias. Também João Barbosa, o grande sonhador da causa, estava ausente fisicamente, mas ninguém ali duvidava de que sua cadeira invisível estivesse ocupada.

Outros nomes, impedidos pelo acaso e pela urgência da vida, justificaram suas ausências: Artur Edmundo de Souza Rios, Francisco Raposo Lima, José de Oliveira Barra e Marli Carvalho Pacheco. Ainda assim, parecia que todos estavam ali, até mesmo os que só chegariam depois, nas décadas futuras, sem saber que aquela tarde seria, para eles, origem.

Quando Oswaldo Alvarenga convidou José Augusto de Carvalho para secretariar os trabalhos, um silêncio suave tomou o salão. Não era o silêncio do vazio, mas aquele que precede o nascimento de algo maior do que seus criadores. Em seguida, o presidente falou, e suas palavras não ecoaram

apenas nas paredes do prédio, mas nos corredores invisíveis do tempo.

Falou da cidade que completava cem anos. Falou da necessidade de guardar não apenas seus fatos, mas suas emoções. Falou de uma Academia que não seria apenas um círculo de erudição, mas um farol, para leitores ainda por nascer, para escritores que ainda não sabiam que escreveriam, para memórias que, sem esse gesto, talvez se perdessem como poeira ao vento.

Ninguém ali podia imaginar os caminhos que aquela instituição tomaria.

Não sabiam que aquelas cadeiras abrigariam vozes diversas, gerações sucessivas, estilos conflitantes, entusiasmos e crises, encontros luminosos e silenciosas despedidas. Não sabiam que, em certos momentos, a Academia pareceria forte como pedra, e em outros, frágil como papel, mas sempre viva. Não sabiam que os livros escritos sob seu abrigo viajariam além da cidade, nem que seus debates ecoariam em salas de aula, jornais, saraus e memórias familiares.

Talvez fosse melhor assim.

Pois toda fundação precisa de um pouco de mistério, como um romance cujas primeiras páginas prometem muito mais do que revelam.

Naquela tarde, entre discursos, assinaturas e discretos sorrisos, nascia oficialmente a Academia Campo-Belense de Letras. Mas o que realmente se inaugurava ali era algo mais sutil: um pacto entre o tempo e a palavra, entre a cidade e sua memória, entre o passado que pede abrigo e o futuro que exige voz.

Quando a sessão terminou, os presentes deixaram o salão sem perceber que haviam mudado a paisagem invisível de Campo Belo. As ruas continuavam as mesmas, os sinos tocavam como sempre, o céu seguia seu curso, mas, em algum ponto secreto da cidade, passara a existir uma casa para aquilo que não envelhece: o verbo, o sonho, a lembrança.

E talvez seja esse o maior mistério da Academia.

Ela nasceu naquela tarde, mas seus verdadeiros rumos, suas vitórias silenciosas, suas batalhas discretas e suas permanências inesperadas só seriam escritos aos poucos, por mãos

que ainda não haviam segurado uma caneta, por vezes que ainda não haviam aprendido a dizer seu primeiro verso.

Tudo estava apenas começando.

3 - A PALAVRA SE VESTIU DE LUZ

Na noite de dezenove de maio de mil novecentos e setenta e nove, enquanto o ano do centenário ainda pulsava como sino em festa, o Salão Nobre da Câmara Municipal de Campo Belo deixou de ser apenas espaço, tornou-se rito. Às vinte horas, sob lâmpadas que pareciam vigiar a história, homens e mulheres reuniram-se não para um simples ato administrativo, mas para algo mais raro: dar morada permanente à palavra.

Abriu-se a sessão pela voz serena do prefeito José Cardoso Cambraia, que não falava apenas como autoridade, mas como testemunha de um nascimento. Em seguida, o secretário José Augusto de Carvalho leu a ata de fundação da Academia, leitura que soava menos como documento e mais como certidão de alma. O aplauso que se ergueu não era ruído: era reconhecimento de que ali se iniciava um tempo novo.

Com emoção visível, o prefeito declarou seu orgulho por ver surgir, em seu governo e no ano simbólico dos cem anos da cidade, uma casa dedicada à cultura, à literatura e à permanência do espírito humano. E, como quem entrega uma

chama ainda trêmula, deu posse ao fundador e primeiro presidente da Academia, doutor Osvaldo Alvarenga cujo nome passava, naquele instante, a escrever-se junto ao próprio destino da instituição.

A cerimônia avançou com outro gesto carregado de ternura: a investidura do professor João Barbosa como Presidente de Honra. Era justo que assim fosse, pois fora ele quem, antes mesmo de existir uma Academia, ousara sonhá-la, e todo sonho verdadeiro é já uma forma de fundação. Seu entusiasmo, contagioso como primavera, dera forma ao que antes era apenas desejo.

Quando Osvaldo Alvarenga tomou a palavra, o silêncio tornou-se espesso, como se todos quisessem ouvir não apenas sua voz, mas o que nela vibrava de futuro. Falou do peso da responsabilidade, confiada pelo destino, mas também da confiança em Deus e nos companheiros de jornada. Disse que a Academia nascera como fonte, pequena ainda, mas clara, destinada a irrigar gerações com frutos de beleza, memória e pensamento.

Lembrou, com gratidão, o papel essencial de João Barbosa, reconhecendo nele o artesão invisível daquela arquitetura espiritual. E, ao revelar a escolha de Juscelino Kubitschek como patrono de sua cadeira, explicou que não se tratava apenas do estadista de gestos largos, mas do escritor, do homem que soubera unir poder e palavra, ação e imaginação, duas forças que moldam o mundo.

Vieram então os diplomas, entregues um a um, como se fossem pequenas cartas de compromisso com o tempo. Cada rosto trazia consigo uma emoção diferente: orgulho, espanto, alegria, reverência. O presidente justificou a ausência de alguns confrades, ausentes no corpo, mas presentes no espírito que ali se formava.

Ao final, o prefeito voltou a falar, agora não mais como dirigente, mas como homem agradecido. Disse-se compensado por viver, em seu mandato, acontecimento de tão rara grandeza. Agradeceu a Deus por ser prefeito no ano do centenário, agora também consagrado como o Ano Um da Academia Campo-belense de Letras.

Assim, naquela noite de maio, não se empossava apenas uma diretoria. Firmava-se um pacto invisível entre o tem-

po e a palavra, entre a memória e o sonho. E, desde então, cada letra escrita pela Academia passou a carregar, em silêncio, o batimento desses corações reunidos sob a mesma luz.

4 – APRENDEMOS A CANTAR

Na noite de vinte e nove de setembro de mil novecentos e setenta e nove, Campo Belo parecia respirar mais fundo. Havia no ar um rumor de festa antiga, como se os sinos invisíveis da memória tocassem antes mesmo que alguém os tivesse inventado. No recinto da Academia Campo-belense de Letras, as cadeiras alinhadas pareciam páginas abertas, esperando que alguém lhes escrevesse o futuro.

O presidente, doutor Oswaldo, abriu a sessão com voz serena, mas o que se abria, de fato, era outra coisa: um tempo. Pela primeira vez desde o nascimento da Academia, o Hino a Campo Belo elevou-se pelas mãos da Corporação Musical Santa Cecília. Não foi apenas música, foi a cidade reconhecendo a própria face no espelho do som. As notas subiam, desciam, voltavam, como pássaros treinando o voo sobre telhados centenários. E cada ouvido presente parecia, sem saber, tornar-se parte da melodia.

À mesa, sentavam-se símbolos mais que autoridades: o prefeito José Cardoso Cambraia, com o gesto sóbrio de quem governa o presente; o vereador José Alvarenga, decano da edi-

lidade coral, trazendo no rosto a paciência do tempo público; e a irmã Cléria, presença luminosa, representando o Colégio São José e o Colégio Dom Cabral, escolas que haviam ensinado à cidade não apenas a ler, mas a sentir. Não era uma mesa: era um retrato da própria Campo Belo, sentada consigo mesma.

Dr. Oswaldo levantou-se para o discurso oficial. Falava do primeiro século de emancipação política da cidade e da jovem Academia que nascia para guardar palavras como quem guarda sementes. Mas sua voz não falava só ao ouvido, falava ao chão, às paredes, às gerações que ainda não tinham nome. Cada frase parecia pousar suavemente no tempo, como folhas caídas sobre a água de um rio que segue.

Depois, foi a vez de Adolfo Pinto Lasmar. Seu discurso veio tingido de emoção, como quem abre uma carta antiga diante de estranhos. Evocou José Miserani, companheiro de humanidade em Formiga e Alfenas, e falou de seus dois grandes amores: Amélia Maria e a terra natal. Ao nomeá-los, algo mudou no ar como se o afeto pudesse ser ouvido. E, em gesto

de delicada saudade, Natércia Silva Villefort homenageou o campo-belense ausente, aquele que vive longe, mas nunca parte por completo, pois carrega consigo, no bolso da memória, um punhado de ruas, vozes e manhãs.

Então veio a música outra vez, como quem retorna para lembrar que ainda está ali. O professor João Barbosa, apresentado por Marli Carvalho Pacheco, trouxe ao centro da noite o hino do centenário, de autoria de José Augusto de Carvalho, interpretado pelo Coral Imaculada Conceição. As vozes subiram juntas como se a cidade tivesse aprendido a falar em coro. Não era apenas um canto: era um agradecimento coletivo ao próprio existir.

Seguiu-se o Parabéns, Campo Belo, Cidade Centenária, e ali a celebração ganhou feição de abraço. As pessoas não apenas ouviam, pertenciam. Cada nota parecia dizer: “ficamos”, e cada silêncio respondia: “lembramos”.

Ao final, o prefeito levantou-se mais uma vez, agora com voz de quem entrega flores ao tempo. Anunciou a concessão do Troféu Centenário a três acadêmicos: professor João Barbosa, doutor Oswaldo e José Augusto de Carvalho, presidente, vice-presidente e primeiro secretário da Academia.

Não era uma homenagem apenas a homens, mas àquilo que neles se tornara maior: o serviço silencioso à memória da cidade.

E assim terminou a sessão, mas não o que nela nasceu. Porque naquela noite, Campo Belo não celebrou apenas seus cem anos. Celebrou o milagre de ainda saber cantar o próprio nome. E a Academia, feita de tinta, vozes e esperança, tornou-se guardiã desse canto, prometendo ao futuro que jamais deixaria a cidade esquecer a música que a fundou.

5 - O SONHO DE 32 ANOS.

Naquela noite de comemoração, quando a Academia Campo-belense de Letras celebrava seu primeiro aniversário, o ambiente parecia suspenso entre o que fora e o que ainda viria a ser. As cadeiras ocupadas por todos os acadêmicos formavam mais que uma assembleia: compunham um círculo de afetos, de vozes que, unidas, davam forma ao desejo antigo de eternizar a palavra.

Havia nos gestos, nos sorrisos e nos silêncios uma espécie de reverência invisível, como se o salão guardasse segredos à espera de quem soubesse escutá-los. Não era apenas uma data festiva; era um encontro com algo maior, algo que ainda não tinha nome, mas que pulsava no ar com delicada insistência.

Quando o presidente, doutor Osvaldo Alvarenga, levantou-se para falar, o burburinho cedeu espaço a uma quietude quase ritual. Sua postura serena escondia uma revelação que parecia madura demais para ser dita às pressas. Houve um breve instante de pausa, aquele silêncio denso em que o coração se adianta às palavras.

Então ele falou, com voz calma e carregada de ternura:

— Esta Academia... já foi sonhada antes.

Os olhares se cruzaram. Alguns sorriram sem entender, outros franziram a testa, intrigados. Como assim, antes? Que sonho era esse, oculto sob as camadas do tempo? A pergunta não precisou ser feita, já pulsava nos olhos atentos de cada confrade.

Doutor Osvaldo contou, então, que trinta e dois anos antes, em 21 de março de 1948, o Jornal O Campo Belo, em sua edição número 14, registrara uma tentativa pioneira de criar uma academia de letras na cidade. A iniciativa partira de professores do Ginásio Dom Cabral, homens e mulheres que acreditavam, silenciosamente, que a cultura também precisava de um lar.

Enquanto ele narrava, parecia que aquelas figuras distantes ganhavam contornos vivos: mestres sonhadores, reunidos talvez em salas modestas, imaginando o que ainda não podia existir, mas já se insinuava como necessidade profunda. Não conseguiram fundar a Academia, é verdade, mas planta-

ram algo mais duradouro que um estatuto: plantaram esperança.

Naquele momento, a celebração do primeiro aniversário deixava de ser apenas um marco recente. Transformava-se em resposta tardia a um chamado antigo, como se a cidade, décadas depois, enfim tivesse escutado o sussurro guardado em suas próprias páginas de jornal.

Um arrepio suave percorreu o salão. Não era surpresa, era reconhecimento. A ACL não surgira do acaso, mas dá continuidade invisível de um desejo coletivo, amadurecido pelo tempo, protegido pelo esquecimento, até estar pronto para nascer de novo.

E assim, naquela noite, compreendeu-se algo precioso: a Academia não começava ali. Ela apenas se revelava. Seu verdadeiro nascimento acontecera muito antes, no coração de professores anônimos, em linhas impressas quase apagadas, em sonhos que jamais desistiram de esperar.

Talvez por isso aquela sessão tivesse um brilho diferente. Não se comemorava apenas um ano de existência, mas trinta e dois anos de gestação silenciosa, e a certeza comoven-

te de que certos sonhos, quando são verdadeiros, nunca morrem: apenas aprendem a esperar.

6 - O BRILHO DE VERSOS AO VIVO

Na noite de 28 de junho de 1980, a Academia Campobense de Letras vestia-se de festa. O salão, iluminado por vozes amigas e expectativas silenciosas, parecia preparado não apenas para mais uma cerimônia, mas para acolher algo raro: o nascimento público de uma nova presença nas fileiras da palavra.

Quase todos os acadêmicos estavam ali, como se soubessem, intuitivamente, que aquela não seria uma sessão qualquer. Havia nos gestos contidos, nos olhares atentos e nos sorrisos discretos uma delicada antecipação, semelhante à que antecede a primeira linha de um poema ainda não revelado.

Cumpridos os trâmites regimentais da Academia, o ambiente tornou-se subitamente mais solene, não por rigidez, mas por reverência. Então, a palavra foi entregue à jovem Mirian Boueri, que avançou com a serenidade de quem carrega nas mãos não apenas um juramento, mas um destino entrelaçado às letras.

Seu compromisso com a Academia, pronunciado com voz firme e emocionada, ecoou no recinto como um pacto silencioso entre o tempo e a sensibilidade. Empossada na cadeira 24, Mirian foi recebida sob aplausos calorosos, que pareciam mais do que congratulações: eram boas-vindas à promessa de um futuro que começava ali.

Mirian, uma jovem de apenas dezenove anos, com o seu talento natural, com a sua simpatia, escritora de versos perfeitos, emocionou a todos pela sua gentileza e humildade.

Coube ao vice-presidente Adolfo Pinto Lasmar a missão de recepcioná-la, e ele o fez com palavras tão belas que pareciam moldadas em ouro fino. Sua oração, carregada de ternura e erudição, não apenas apresentou a nova acadêmica, mas a envolveu numa atmosfera de afeto e pertencimento, como quem entrega alguém a uma casa antiga, construída de memória e sonho.

Houve, então, um instante de suave suspensão, como se todos aguardassem algo mais, algo que ainda não estava nos protocolos, mas já se insinuava nos silêncios. E não tardou.

Antes do encerramento, Mirian, com delicadeza quase tímida, ofereceu aos presentes alguns versos de sua autoria. As palavras brotaram como música contida, revelando não apenas talento, mas sensibilidade, aquela rara capacidade de transformar sentimento em forma.

O salão, que antes escutava, agora respirava poesia. Cada verso parecia pousar suavemente sobre os corações atentos, como pétalas invisíveis lançadas ao tempo. Não era apenas uma leitura: era uma assinatura afetiva deixada na memória da Academia.

Os olhares se cruzavam em cumplicidade, como se todos soubessem que testemunhavam algo maior que uma posse, presenciavam o início de uma história que ainda seria escrita em muitas páginas, muitas noites, muitos sonhos.

E assim, a sessão foi se encerrando, não como se fecham atas, mas como se concluem sonetos: com harmonia, beleza e aquela sensação rara de que algo precioso acaba de nascer, não no papel, mas no espírito coletivo da Casa das Letras.

7 - A LICENÇA NÃO AUSENTE

A história da Academia Campo-belenses de Letras, feita de palavras, encontros e sonhos compartilhados, nem sempre avança sob céu claro. Há dias em que o tempo pesa sobre os ombros da memória, e a escrita se curva, silenciosa, diante da dor humana. Foi numa dessas noites, em 30 de agosto de 1980, que os acadêmicos se reuniram sem saber que seriam tocados por uma ausência ainda presente.

O relógio marcava vinte horas quando os confrades tomaram seus lugares, e havia no ar algo que não se dizia, mas se pressentia. A mesa, composta como sempre, parecia aguardar não apenas a abertura dos trabalhos, mas também uma revelação delicada, daquelas que não se anunciam com alarde, apenas com respeito.

Entre papéis, atas e comunicações rotineiras, surgiu um envelope vindo de Belo Horizonte. Seu peso não estava no papel, mas no silêncio que o cercava. Todos reconheciam o nome do remetente: professor João Barbosa, mestre das palavras, presença constante, voz firme e generosa da Academia.

Ao ser aberta, a carta parecia conter mais do que linhas escritas, guardava, entre cada frase, uma sombra de cansaço e uma dignidade ferida. João Barbosa falava de “dolorosos motivos íntimos” e de uma “mortificante conturbação mental”, expressões que soavam como passos cautelosos sobre terreno frágil, evitando dizer o indizível.

O pedido era de licença por prazo indeterminado. Não havia revolta, não havia queixa, apenas um gesto humilde de quem, mesmo ferido, pensava primeiro na instituição que tanto amava. Seu afastamento não era abandono, mas recuo necessário, como o de um viajante que, exausto, senta-se à beira da estrada para poder continuar.

À medida que a carta era lida, os confrades percebiam que aquele não era apenas um documento administrativo, mas uma confissão silenciosa de luta interior. Havia ali a fragilidade rara dos espíritos grandes, que sabem reconhecer o próprio limite sem renunciar à própria dignidade.

Ainda assim, João Barbosa não fechava portas. Reservava-se o direito de, sempre que possível, comparecer às reuniões, como quem promete voltar à casa mesmo nos dias em

que o coração ainda pede repouso. Era um adeus provisório, que mais parecia um até breve sussurrado com ternura.

Mas o que ninguém ali sabia, e só viria à tona instantes depois, era que, às vésperas da reunião, o professor fizera um telefonema ao secretário da Academia. Sua voz, embora cansada, carregava um cuidado quase paternal, como se desejasse proteger os amigos até mesmo da própria dor.

Pediou que se retificasse o tom da carta, não nos fatos, mas no afeto. Queria que cada confrade recebesse, não apenas seu pedido formal, mas também um abraço saudoso e fraterno, acompanhado de votos sinceros de felicidade, saúde e fecundo trabalho acadêmico. Mesmo abatido, João Barbosa continuava a semear gentileza.

Esse gesto simples dissolveu o peso do silêncio na sala. De repente, a ausência tornava-se presença, e o afastamento ganhava contornos de cuidado. O homem que pedia licença não se afastava da Academia, apenas confiava a ela sua fragilidade, como quem entrega um tesouro para ser guardado.

Muitos dos confrades, naquele instante, compreenderam que a verdadeira grandeza não está apenas na obra escrita, mas também na delicadeza com que alguém enfrenta seus próprios abismos. João Barbosa, mesmo ferido, permanecia inteiro em sua nobreza, digno de respeito, afeto e admiração.

A sessão prosseguiu, mas algo havia mudado. Cada palavra parecia mais grave, cada gesto mais contido, como se todos passassem a falar também por aquele que, naquele momento, precisava calar para sobreviver. A Academia, então, tornava-se abrigo.

E foi assim que, naquela noite, não se registrou apenas um pedido de licença em ata, mas um testemunho silencioso de humanidade. João Barbosa, o mestre, o confrade, o amigo, ensinava mais uma vez, não pela voz, mas pela coragem de reconhecer a própria dor.

O tempo haveria de seguir seu curso, como sempre faz, mas a imagem do professor permaneceria ali, intacta, entre livros, ideias e afetos. Seu nome continuaria a ecoar nas reuniões, como se nunca tivesse deixado a sala, porque, de fato, nunca a deixara.

Pois alguns homens não se ausentam: recolhem-se. E, ao fazê-lo, permanecem ainda mais presentes. Assim foi João Barbosa naquela noite, não apenas um acadêmico em licença, mas um confrade eterno, guardado na memória viva da Academia Campo-belenses de Letras.

8 - A CONSAGRAÇÃO DAS CADEIRAS

Naquele primeiro dia de 1983, a Academia Campobelenses de Letras não apenas abriu suas portas, parecia abrir também um segredo. O ar carregava um perfume de expectativa, como se as paredes, os livros e até a poeira antiga do tempo soubessem que algo irreversível estava prestes a nascer.

Os acadêmicos chegavam em passos contidos, quase cerimoniais, como quem atravessa um limiar invisível. Não era uma reunião comum: havia no silêncio uma vibração suave, semelhante à de um sino distante que ainda não tocara, mas já se fazia ouvir no coração.

Durante anos, aquela Casa fora construída em murmúrios, debates pacientes, sonhos discretos e esperanças persistentes. Agora, porém, tudo parecia convergir para um único instante, como se o passado inteiro aguardasse permissão para tornar-se definitivo.

Sobre a mesa repousavam os Estatutos e o Regimento Interno, frutos da pena cuidadosa do secretário da Academia. Não eram apenas páginas alinhadas por artigos e incisos, mas

uma espécie de mapa afetivo, traçando o destino de uma instituição ainda jovem, mas já profundamente amada.

Quando o presidente terminou a leitura dos textos, ninguém aplaudiu de imediato. Houve antes um silêncio espesso, quase sagrado, desses que não denunciam vazio, mas plenitude. Era como se todos temessem romper o encanto de um momento que ainda se escrevia sozinho no ar.

Alguns ali perceberam, sem saber exatamente por que, que aqueles documentos não pertenciam apenas àquela noite, nem sequer àquela geração. Tinham sido redigidos para caminhar por décadas, talvez por séculos, carregando nomes que ainda nem existiam.

Então veio o instante mais delicado. O presidente anunciou que se passaria à escolha dos patronos das cadeiras, grandes vultos da literatura brasileira que emprestariam seus nomes à eternidade daquela Casa. A expectativa cresceu, como antes de um segredo finalmente revelado.

Cada nome pronunciado parecia ressoar além da sala, como se atravessasse paredes, ruas e décadas. Não eram ape-

nas homenagens, eram alianças silenciosas entre Campo Belo e a história maior das letras, seladas sob a forma de palavras sussurradas com reverência.

Havia algo de comovente naquele gesto: homens vivos invocando os mestres do passado para proteger o futuro. As cadeiras deixavam de ser simples assentos simbólicos e tornavam-se altares discretos, guardando promessas que ainda não tinham rosto.

Por determinação do presidente, decidiu-se que aquela ata conteria o quadro completo e definitivo dos acadêmicos e patronos, como se fosse um retrato imóvel pendurado na galeria invisível do tempo. Não para congelar a vida, mas para assegurar que a memória jamais se perdesse.

Estabeleceu-se ali, quase sem perceber, que aquelas trinta cadeiras seriam permanentes, não enquanto houvesse homens, mas enquanto houvesse palavra; não enquanto houvesse livros, mas enquanto houvesse sonho. Era um juramento silencioso feito à própria eternidade.

Naquele instante, muitos compreenderam que não se tratava apenas de nomes ou cargos, mas de linhagens espirituais. Cada cadeira passava a carregar uma herança invisível, um

fio delicado que ligava o passado remoto ao futuro ainda impensado.

A solenidade ganhou outro brilho com a presença do prefeito municipal, José Cardoso Cambraia, cuja figura serena parecia representar a própria cidade sentada entre seus poetas, cronistas e sonhadores. Seu gesto discreto dizia mais que discursos: Campo Belo estava ali, inteira.

Por proposição do acadêmico Nilson Reis, aprovou-se, por unanimidade, uma moção de gratidão ao prefeito, agradecendo-lhe não apenas pelo apoio material, mas sobretudo pelo amparo espiritual dado à Academia nascente. Foi como um abraço público entre a cidade e sua Casa das Letras.

Subiram à tribuna Nilson Reis, o presidente Oswaldo Alvarenga e o secretário da Academia. Mas suas falas não soaram protocolares. Eram confissões de amor à cultura, à memória, ao futuro, palavras ditas como quem planta árvores cuja sombra não chegará a ver.

Enquanto os discursos ecoavam, muitos sentiram que os fundadores ausentes se tornavam, de algum modo, presen-

tes. Seus esforços silenciosos, suas renúncias discretas e suas esperanças persistentes pareciam caminhar pela sala, invisíveis, mas intensamente vivos.

Assim, naquele primeiro dia de 1983, não se aprovaram apenas normas: instituiu-se um destino. As cadeiras, os patronos, os acadêmicos, tudo se alinhava como fragmentos de um vitral invisível, pronto para filtrar a luz da cultura sobre gerações futuras.

A Academia deixava, enfim, de ser promessa para tornar-se permanência. Deixava de ser projeto para converter-se em herança. A cada artigo aprovado, parecia que a Casa gravava seu nome na pedra delicada do tempo, onde apenas o essencial permanece.

E compreendeu-se, então, que algumas instituições não nascem, são consagradas. Não se fundam apenas, são confiadas ao futuro. Naquela noite, a Academia Campobelenses de Letras recebeu algo maior que estatutos: recebeu alma.

Porque há datas que passam, e há datas que permanecem. E aquele primeiro dia de 1983, desde então, não terminou. Continua acontecendo, silenciosamente, cada vez que

uma cadeira é ocupada, cada vez que uma palavra é escrita, cada vez que a memória encontra morada.

65

Composição da Academia em 29 de janeiro de 1983 (a)

<i>Ordem</i>	<i>Patrono</i>	<i>Acadêmico Fundador</i>
01	Antônio de Guimarães	Moisés Casimiro Pacheco
02	Antônio de Aguiar	José Lopes Dias
03	Augusto dos Anjos	Leandro Lourenço de Araújo
04	Paulo da Costa	Leandro Pinto Leão
05	Leandro de Aguiar	Joaquim Távila Filho
06	Leandro de Aguiar	José de Oliveira Lima
07	Leandro de Aguiar	Marina Clara Moura
08	Leandro de Aguiar	José Maria de Aguiar de Aguiar
09	Leandro de Aguiar	Leandro de Aguiar
10	Leandro de Aguiar	Leandro de Aguiar
11	Leandro de Aguiar	Leandro de Aguiar
12	Leandro de Aguiar	Leandro de Aguiar
13	Leandro de Aguiar	Leandro de Aguiar
14	Leandro de Aguiar	Leandro de Aguiar
15	Leandro de Aguiar	Leandro de Aguiar
16	Leandro de Aguiar	Leandro de Aguiar
17	Leandro de Aguiar	Leandro de Aguiar
18	Leandro de Aguiar	Leandro de Aguiar
19	Leandro de Aguiar	Leandro de Aguiar
20	Leandro de Aguiar	Leandro de Aguiar
21	Leandro de Aguiar	Leandro de Aguiar
22	Leandro de Aguiar	Leandro de Aguiar
23	Leandro de Aguiar	Leandro de Aguiar
24	Leandro de Aguiar	Leandro de Aguiar
25	Leandro de Aguiar	Leandro de Aguiar
26	Leandro de Aguiar	Leandro de Aguiar
27	Leandro de Aguiar	Leandro de Aguiar
28	Leandro de Aguiar	Leandro de Aguiar
29	Leandro de Aguiar	Leandro de Aguiar
30	Leandro de Aguiar	Leandro de Aguiar

DO LIVRO DE ATAS DA ACADEMIA CAMPO-BELENSE DE LETRAS

9 - OS VOTOS APRENDEM A SONHAR

Naquele 26 de fevereiro de 1983, a Academia Campobense de Letras parecia guardar um segredo entre suas paredes: algo estava prestes a mudar, mas ninguém ousava dizer em voz alta. Os corredores sussurravam passos antigos, e os livros, empilhados como sentinelas do tempo, pareciam vigiar aquela tarde que nascia com promessa.

Sob a presidência serena do doutor Oswaldo Alvarenga, os confrades chegaram um a um, trazendo consigo não apenas documentos e expectativas, mas também lembranças do que a Academia já fora, e, sobretudo, do que ainda poderia vir a ser.

O regimento interno, aprovado semanas antes, repousava sobre a mesa como um mapa de navegação. Não era apenas um conjunto de normas: era um pacto silencioso entre homens e mulheres que acreditavam no poder das palavras para moldar destinos.

Compareceram 17 votantes, mas outros 7, distantes apenas no espaço, enviaram seus votos por carta, como quem

envia também o próprio coração dobrado dentro de um envelope. Cada assinatura era um gesto de confiança no futuro da Casa.

Quando a votação começou, instalou-se um silêncio que não era vazio, era grávido de expectativa. Ouviam-se apenas o roçar das folhas, o discreto bater de canetas, e, talvez, o som invisível das esperanças sendo depositadas urna adentro.

Havia naquele instante um suspense delicado: não o das disputas acirradas, mas o das histórias que se escrevem sem saber ainda seus títulos. Cada voto parecia perguntar ao tempo: “quem nos conduzirá daqui em diante?”

A apuração começou lentamente, como se o destino pedisse delicadeza. E, pouco a pouco, os nomes foram surgindo, iluminando rostos, provocando sorrisos contidos, gestos discretos de emoção.

Para a presidência, foi eleito o doutor Nilson Reis, recebendo não apenas um cargo, mas uma herança de sonhos e responsabilidades. Ao seu lado, Adolfo Pinto Lasmar assumi-

ria a vice-presidência, como quem se dispõe a caminhar junto, sem jamais deixar o outro caminhar só.

José Augusto de Carvalho foi escolhido secretário; Militão Batista Brasileiro, segundo secretário; José de Oliveira Barra, tesoureiro; José Lopes Dias, segundo tesoureiro. Para a guarda dos livros, esses corações de papel, elegeram-se Ninfa Leite Cambraia, bibliotecária, e Júlia de Sá Carvalho, sua segunda.

Os demais cargos foram preenchidos por outros confrades, compondo uma diretoria que não nascia de ambições individuais, mas de um desejo coletivo de cuidar da Academia como se cuida de um jardim antigo, onde cada flor carrega a memória das mãos que a plantaram.

Assim, aquela diretoria sucedia à primeira da Academia Campo-belense de Letras, não como quem fecha um ciclo, mas como quem vira uma página, sabendo que o livro continua, e que cada capítulo precisa honrar os anteriores sem deixar de ousar o próximo.

Terminada a apuração, os abraços começaram a surgir, tímidos no início, depois mais francos, mais longos. Havia ri-

sos contidos, olhares agradecidos, e aquela alegria serena que só nasce quando se sente que algo foi feito do jeito certo.

Comentava-se, com discreto orgulho, o grande interesse demonstrado pelos acadêmicos, a maturidade da Casa, o amor pela leitura que parecia unir gerações e tornar aquele espaço mais do que uma instituição, quase um lar.

Foi então que o presidente Oswaldo Alvarenga pediu a palavra. Seu tom era firme, mas carregava uma ternura que emocionava. Agradeceu a todos pelo comprometimento, pela confiança, pelo zelo com os destinos da Academia.

Confessou, com pesar, que problemas de saúde o impediram de concorrer à reeleição. Não houve lamento teatral, apenas uma honestidade serena, como quem entrega o leme não por desistência, mas por amor à própria travessia e à segurança dos que seguem a bordo.

Suas palavras pairaram no ar como um adeus que não se completa, pois todos sabiam: mesmo fora da presidência, Oswaldo continuaria presente, inscrito nas paredes invisíveis da Casa, na memória de cada gesto inaugural.

A reunião se aproximava do fim, mas ninguém parecia ter pressa. Era como se todos quisessem guardar um pouco mais daquele instante, conscientes de que, anos depois, ele seria lembrado como um daqueles dias que passam despercebidos, mas constroem futuros.

Por fim, o secretário José Augusto de Carvalho lavrou a ata, com a caligrafia de quem sabe que não escreve apenas para o agora, mas para olhos que ainda não existem, leitores de um tempo distante que buscarão ali os sinais de um começo.

Lida e achada conforme, a ata foi assinada por todos os presentes, selando em tinta aquilo que já estava selado em confiança: a certeza de que a Academia seguia viva, pulsando entre nomes, livros e afetos.

E assim terminou aquela noite, sem fanfarras, sem discursos grandiosos, mas com algo muito maior: a sensação de que, naquele dia, os votos não apenas escolheram uma diretoria, mas aprenderam a sonhar junto com a própria história da Casa, costurando mais um capítulo da augusta Casa de Miserani.

Na noite de 26 de março de 1983, às vinte horas em ponto, a Academia Campo-belenses de Letras deixou sua sede habitual e atravessou a cidade para se reunir em um lugar especial: a residência do doutor Oswaldo Alvarenga, na Avenida Afonso Pena, número 272. Era como se, por uma vez, a Academia decidisse vestir roupas de festa e bater à porta da própria memória.

Não se tratava de uma reunião qualquer. Havia no ar uma expectativa doce, quase solene, misturada à alegria leve de quem sabe que está prestes a viver algo que, mais tarde, chamará de inesquecível. Aquela seria uma noite diferente, e todos pareciam saber disso antes mesmo de chegar.

Acadêmicos vieram acompanhados de familiares, e amigos do presidente se misturavam aos confrades como se sempre tivessem pertencido àquela Casa de Letras. O ambiente era de confraternização, mas também de despedida, e essa mistura de sentimentos tornava cada sorriso um pouco mais profundo.

A reunião fora convocada para marcar, de forma especial, o encerramento da presidência de Oswaldo Alvarenga. Não como quem fecha uma porta, mas como quem abre uma janela para a continuidade, com gratidão pelo que passou e confiança no que ainda viria.

As luzes da casa iluminavam não apenas rostos, mas histórias. Entre abraços e cumprimentos, os convidados iam ocupando os espaços como se ocupassem páginas em branco, prontas para receber novas memórias da Academia.

Quando o presidente tomou a palavra, o murmúrio suave cessou. Seu tom era sereno, mas carregava aquela emoção discreta que só se percebe nos olhos. Agradeceu, um a um, pela confiança que lhe fora depositada ao longo de sua trajetória à frente da instituição.

Confessou, mais uma vez, o pesar por não ter podido oferecer ainda mais à Casa, em razão de problemas de saúde, palavras simples, mas que traziam consigo o peso de uma dedicação interrompida, jamais diminuída.

As homenagens recebidas naquela noite o tocaram profundamente. Havia gestos pequenos, olhares, palmas, sorrisos, mas todos pareciam conter algo maior: o reconhecimento.

to de que sua presidência havia deixado marcas invisíveis, porém duradouras.

Em seguida, convidou os presentes para um belíssimo coquetel, que logo se espalhou pela casa em aromas, risadas e delicadezas. Finos salgados, copos erguidos, conversas leves, tudo se misturava num cenário de amizade que parecia suspender o tempo.

A festa transcorria em clima de descontração, mas sem jamais perder a aura de respeito que cercava aquela despedida. Não era apenas um encontro social: era uma celebração da própria história da Academia, traduzida em gestos simples e afetos compartilhados.

Entre uma conversa e outra, surgiu uma proposta que carregava consigo o peso simbólico das grandes ideias: que o doutor Oswaldo Alvarenga, como primeiro presidente fundador, tivesse uma cadeira cativa e permanente à mesa das reuniões do sodalício.

O instante em que a proposta foi anunciada pareceu alongar-se, como se todos quisessem respirar fundo antes de

responder. Mas não houve hesitação. A moção foi aprovada por unanimidade, acompanhada de aplausos que soaram como páginas sendo viradas com cuidado.

Naquele aplauso, não se celebrava apenas um homem, mas uma fundação, um começo, um gesto inaugural que agora ganhava permanência simbólica, como uma âncora cravada no tempo da Academia.

Oswaldo, visivelmente comovido, recebeu a homenagem como quem recebe um livro raro: com gratidão, silêncio e reverência. Seus olhos diziam mais do que qualquer discurso poderia ousar dizer.

A noite avançava sem que ninguém percebesse. As horas pareciam caminhar mais devagar, como se quisessem respeitar aquele momento em que despedida e permanência se abraçavam sem contradição.

As famílias conversavam, os acadêmicos trocavam lembranças, e os amigos do presidente descobriam, pouco a pouco, que aquela Casa de Letras era feita menos de paredes e mais de pessoas, de afetos, histórias e sonhos compartilhados.

Havia ali uma nostalgia suave, não de algo perdido, mas de algo vivido intensamente. E um suspense discreto: quais seriam os próximos capítulos daquela Academia que já aprendera, tão cedo, a transformar encontros em memória.

Quando a reunião começou a se encerrar, ninguém parecia disposto a partir sem levar consigo um pedaço invisível daquela noite, como se cada abraço fosse uma assinatura silenciosa em uma ata escrita no coração.

Para constar, o ilustre acadêmico José Augusto de Carvalho redigiu a ata do encontro, mas todos sabiam que havia outra, não escrita, gravada nos gestos, nas risadas e na emoção que pairara sobre aquela casa.

10 - ENTRE SINOS E SILÊNCIOS

Em 23 de fevereiro de 1985, como tantas outras vezes desde sua fundação, a Academia Campo-belense de Letras voltou a se reunir no salão solene da Câmara Municipal de Campo Belo. O espaço, já acostumado às vozes da Casa, parecia reconhecer cada passo, como se guardasse ecos de reuniões passadas nas paredes discretas.

Havia ali um ar de continuidade, quase ritualístico. Poucas eram as exceções àquele endereço simbólico, que, mais do que um local físico, tornara-se um ponto de encontro entre memórias, ideias e esperanças.

Sob a presidência do doutor Nilson Reis, os acadêmicos tomaram seus lugares, trazendo consigo não apenas pastas e papéis, mas também aquela expectativa silenciosa que sempre antecede decisões importantes.

A reunião transcorreu dentro da ordem habitual, até que o presidente, com voz firme e expressão serena, apresentou uma proposta que fez o ambiente vibrar de significado: a

realização de uma sessão solene em homenagem aos padres Crúzios, pelos cinquenta anos de atuação no Brasil.

A proposta foi recebida com entusiasmo e aprovada pelo plenário sem reservas, como se todos reconhecessem, naquele gesto, não apenas um tributo institucional, mas um agradecimento coletivo à presença silenciosa e fecunda daqueles religiosos na história do país.

Coube ao próprio doutor Nilson Reis a honrosa missão de ser o orador oficial da homenagem, que deveria ocorrer, provavelmente, no mês de abril. O anúncio trouxe consigo um leve suspense: que palavras seriam escolhidas para traduzir meio século de dedicação?

A pauta seguiu seu curso, e então emergiu um assunto delicado, daqueles que exigem firmeza sem perder a ternura. Tratava-se da posse do senhor José Sebastião de Assunção Fragoso Rodarte, eleito para a cadeira número 25 em 31 de janeiro de 1981, mas ainda não empossado.

Após ponderações cuidadosas, decidiu-se conceder-lhe um prazo definitivo para assumir a cadeira. Findo esse perío-

do, a vaga seria declarada aberta, não como gesto de exclusão, mas como necessidade de manter viva a pulsação da Casa.

Pairou por instantes um silêncio respeitoso, como se todos compreendessem que, por trás de decisões formais, existem sempre histórias invisíveis, feitas de circunstâncias, ausências e esperas prolongadas.

Chegando ao último ponto da pauta, iniciaram-se as discussões sobre as eleições de 1985, que definiriam a diretoria responsável por conduzir os destinos da Academia no biênio 1985–1987.

O tema trouxe consigo aquele clima peculiar de transição: uma mistura de expectativa, responsabilidade e curiosidade sobre os rumos que se desenhariam a partir das escolhas futuras.

Foi então que o presidente Nilson Reis tomou novamente a palavra, desta vez com um tom mais íntimo. Declarou sua disposição de não aceitar a reeleição, por motivos de ordem particular, os quais preferiu não explicar.

Sua fala não causou surpresa estrondosa, mas deixou no ar um sentimento delicado de despedida antecipada, como

se aquela reunião já carregasse, silenciosamente, o prenúncio de um novo ciclo.

Alguns confrades trocaram olhares discretos, talvez imaginando quem assumiria, dali em diante, a condução da Casa; outros apenas absorveram o momento, conscientes de que toda liderança é, por natureza, provisória.

E, no entanto, não havia tristeza no ambiente, apenas aquela nostalgia suave que acompanha as transições bem vividas, quando se sabe que algo termina, mas não se perde.

A reunião aproximava-se do fim, mas permanecia no a homenagem futura aos padres Crúzios, como um sino distante chamando para um encontro que ainda viria, carregado de memória e reconhecimento.

O salão da Câmara, testemunha silenciosa de tantas deliberações, parecia ouvir mais uma vez promessas não ditas, feitas não em palavras, mas em intenções que se prolongariam no tempo.

Ao se levantarem, os acadêmicos levavam consigo não apenas as decisões formais daquela noite, mas também a sensação de estarem participando de algo maior, um fio contínuo de história sendo tecido encontro após encontro.

Assim se encerrou aquela reunião, marcada pela reverência ao passado, pela prudência no presente e pela expectativa serena do futuro que começava a se anunciar.

11 - 1985: UM NOVO CAPÍTULO

Na noite de 27 de abril de 1985, o Salão Nobre da Câmara Municipal de Campo Belo parecia respirar mais fundo. As paredes antigas, testemunhas silenciosas de tantas decisões humanas, acolhiam novamente a Academia Campobelense de Letras, que ali se reunia não apenas para cumprir um rito administrativo, mas para celebrar algo maior: a continuidade da palavra, da memória e da esperança.

Havia no ar uma solenidade suave, quase sagrada, como se cada cadeira ocupada carregasse consigo histórias invisíveis, e cada livro, ainda que fechado, murmurasse promessas. Era dia de posse da nova diretoria, eleita em 30 de março daquele mesmo ano, e de homenagem aos cônegos regulares da Ordem da Santa Cruz, padres Crúzios, pelos cinquenta anos de fecunda presença em solo brasileiro.

O então presidente, doutor Nilson Reis, abriu a sessão com a serenidade de quem sabe estar à frente de algo que transcende o instante. Convidou para compor a mesa o prefei-

to João Gibran, o deputado João Barbosa, o presidente da Câmara Jeová Ramos, os padres Justino, Haroldo, Lucas e Clemente, além da presidente da Academia Feminina de Letras de Minas Gerais, a confrreira Natércia Silva Villefort Costa. Representantes das escolas, de clubes sociais, de entidades filantrópicas e os confrades completavam aquele mosaico humano onde se entrelaçavam fé, cultura, política e sonho.

A solenidade avançava como um rio calmo, mas carregado de significados. Chegara o momento da transmissão do comando da Academia, esse gesto tão simples em forma, tão profundo em essência. O doutor Nilson Reis, ao final de seu mandato, levantou-se com a dignidade dos que compreendem que liderar é, sobretudo, saber passar adiante.

Foi então que compareceu o acadêmico José Augusto de Carvalho, brasileiro, casado, bancário aposentado, homem da cidade e da palavra, eleito para conduzir a instituição pelos dois anos seguintes. O secretário José de Oliveira Barra leu o termo de posse, que soava quase como uma fórmula de encantamento civil:

“Aos vinte e sete dias do mês de abril do ano de mil novecentos e oitenta e cinco, no Salão Nobre da Câmara Mu-

nicipal de Campo Belo, presente o acadêmico Nilson Reis Brasileiro, presidente em exercício da Academia Campo-belense de Letras, que nesta data termina seu período de administração, comparece o acadêmico José Augusto de Carvalho, eleito para o mandato dos dois anos seguintes...”

As palavras ecoavam no recinto como sinos invisíveis, marcando a passagem do tempo e das responsabilidades. E, quando chegou o momento, José Augusto ergueu a voz com firmeza serena:

“Declaro solenemente assumir o compromisso de honra de exercer com dignidade e empenho o cargo de presidente da Academia Campo-belense de Letras.”

Era mais que um juramento. Era uma promessa feita não apenas aos presentes, mas às gerações futuras, à própria cidade, às páginas ainda não escritas que um dia repousariam em estantes silenciosas.

Assim, mais uma vez, a Academia cumpria seu rito ancestral: o de transmitir, como um archote invisível, o amor às letras, à cultura e ao pensamento livre. Em clima democrático

e solene, encerrava-se um ciclo, abria-se outro, ambos unidos por ela chamam discreta, mas persistente.

Na sequência, em nome dos padres Crúzios, o reverendíssimo padre Justino Obers tomou a palavra. Falou com gravidade e lucidez sobre os rumos do país, sobre as incertezas que se avizinham após a morte do presidente eleito Tancredo Neves, e agradeceu, com emoção contida, a homenagem prestada pela Academia, sobretudo aos oradores que exaltaram as obras e a presença espiritual da Ordem da Santa Cruz.

Suas palavras não eram apenas discurso, eram também oração civil, gesto de gratidão e de esperança. Naquele instante, fé e cultura pareciam caminhar lado a lado, como antigas companheiras de estrada.

Quando a sessão se encaminhou ao fim, ninguém teve a impressão de que algo simplesmente se encerrava. Ao contrário: sentia-se que algo permanecia. Como um perfume leve que insiste no ar depois da despedida, aquela tarde de abril ficava gravada na memória coletiva da cidade.

Ficava marcada, de modo indelével, a posse da nova diretoria da Academia Campo-belense de Letras, não apenas

como um fato administrativo, mas como um capítulo vivo da história cultural de Campo Belo, onde homens, palavras e sonhos voltaram a se encontrar sob a mesma luz suave do Salão Nobre.

E, assim, mais uma vez, a literatura continuava seu caminho silencioso, mas eterno, pelas ruas da cidade e pelas páginas do tempo.

12 - O SILÊNCIO DAS ATAS

Naquela noite de 25 de maio de 1985, algo diferente parecia pairar sobre a sala da Academia Campo-Belense de Letras. Não era visível, não fazia ruído, mas estava ali, uma espécie de expectativa delicada, como se as paredes antigas soubessem que testemunhariam decisões que atravessariam o tempo.

Os acadêmicos chegavam aos poucos, cumprimentando-se com a familiaridade de quem partilha sonhos e palavras. Os livros repousavam silenciosos nas estantes, como sentinelas atentos, enquanto o relógio marcava o início de mais uma reunião ordinária, dessas que costumam parecer iguais, mas nunca são.

Na mesa diretora, o presidente, confrade José Augusto de Carvalho, organizava papéis com calma quase cerimonial. Nada em seu semblante denunciava que, naquela tarde, ele conduziria a Academia por terrenos ainda não trilhados, discretos, mas decisivos.

Foi então que a voz da Confreira Marli Carvalho Pacheco rompeu suavemente o ar. Não era uma fala alta, nem solene demais. Era uma ideia lançada como quem deposita uma semente no solo fértil da esperança.

Ela propôs algo simples e, ao mesmo tempo, ousado: a criação de um anuário. Um livro vivo, onde cada confrade pudesse deixar registrado não apenas discursos ou atas, mas versos, pensamentos, ensaios, tudo aquilo que, nascido da alma acadêmica, merecesse não se perder no esquecimento.

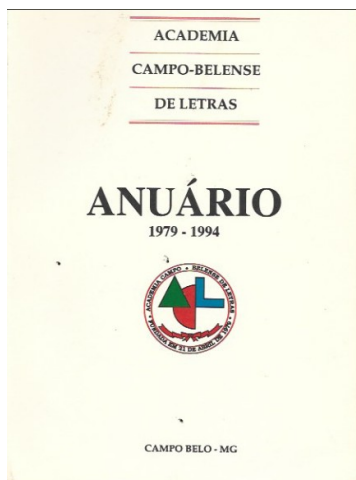
Por um instante, houve silêncio. Não de dúvida, mas de escuta profunda. Como se todos tentassem imaginar aquele volume ainda inexistente, repousando em mãos futuras, abrindo páginas que contariam histórias que ainda estavam sendo escritas.

Mal sabiam eles, e nisso reside o doce mistério do tempo — que anos depois, já sob a própria gestão de Marli Carvalho, aquele sonho ganharia corpo e papel, reunindo memórias da Academia desde 1979 até 1994, como se aquela

sugestão inicial tivesse esperado pacientemente seu momento de florescer.

Era como se, naquele instante, o passado estivesse sendo preservado antes mesmo de existir plenamente. Uma antecipação carinhosa da própria história, escrita não com tinta, mas com confiança no amanhã.

Mas aquela reunião guardava ainda outro movimento, menos poético à primeira vista, embora igualmente essencial. Um segundo gesto, mais discreto, aproximava-se silenciosamente do centro da mesa.



Dez anos após, o sonho da Comendadora Marli Pacheco se concretizara, com a edição do Anuário da Academia Campo-belense de Letras.

Copyright © by Academia Campo-belense de Letras
Todos os direitos reservados

Revisão Geral:

Professores Célio Bastos e Luzinete de M. Tavares

Digitação:

Ângela Figueiredo

Formatação:

Maria Carmelita Ferreira Andrade

Projeto gráfico-editorial:

Mazza Edições Ltda.

Rua Bragança 101, Pompéia

Belo Horizonte – MG

Academia Campo-belense de Letras / José
A168 Miserâni de Carvalho ... [et al.]. –
Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

254p.

I. Letras – Academia. I. Carvalho, José
Miserâni de.

CDD 406

ISBN 85-7160-038-4

O presidente José Augusto, com voz firme e cordial, anunciou algo inédito até então: a necessidade de uma contribuição mensal dos acadêmicos. Não soava como cobrança, mas como convite, um pacto de cuidado com a própria casa das letras.

Alguns respiraram fundo. Outros sorriram em silêncio. Afinal, falar de finanças em um templo de poesia sempre carrega certo desconforto delicado, como quem atravessa uma ponte entre sonho e realidade.

Ficou decidido que o valor seria de cinco mil cruzeiros, podendo ser maior, conforme o coração e as possibilidades de cada confrade. O pagamento poderia ser feito de uma só vez, em até dois meses, gesto simples, mas carregado de compromisso.

Mais do que suprir despesas normais, já então elevadas, aquela contribuição tinha um propósito mais amplo: garantir que a Academia pudesse continuar premiando talentos, incentivando novos escritores e mantendo viva a chama que justificava sua existência.

Poucos perceberam naquele instante, mas aquela decisão era também uma forma de amor. Amor à instituição, à li-

teratura, ao futuro que ainda não se revelara, mas que já começava a ser protegido com gestos concretos.

Entre a proposta do anuário e a criação da contribuição mensal, a reunião seguia, aparentemente comum. Mas algo havia mudado. Invisivelmente, porém para sempre.

Era como se duas forças delicadas tivessem se encontrado naquele dia: a memória e a sobrevivência. Uma cuidava do que precisava ser lembrado; a outra, do que precisava continuar existindo.

Ninguém ali imaginava que, décadas depois, alguém folhearia aquelas atas com olhos atentos e coração emocionado, percebendo que ali não estavam apenas decisões administrativas, mas escolhas que moldaram destinos.

Aquela noite de maio não terminou com aplausos nem discursos grandiosos. Terminou como tantas outras: com despedidas cordiais, cadeiras sendo afastadas, papéis recolhidos. Mas o essencial ficou no ar, invisível, intacto, pulsando.

Porque, às vezes, são justamente as reuniões mais silenciosas que escondem os momentos mais decisivos. E naquele 25 de maio de 1985, sem alarde, a Academia Campobelense de Letras havia escrito uma das páginas mais delicadas, e duradouras, de sua própria história.

13 - O NOME GRAVADO NO TEMPO

Na manhã de 10 de fevereiro de 2026, conforme ata da Academia de 28 de abril de 1986, portanto, ao abrir-se o livro de atas da Academia Campo-Belense de Letras, algo mais do que palavras alinhadas em belas linhas pareciam despertar. Havia ali uma espécie de chamado silencioso, como se o passado, paciente, aguardasse ser novamente escutado.

A reunião transcorria com a serenidade habitual, mas uma presença invisível parecia ocupar a sala. Não era um acadêmico, nem uma cadeira vazia, era a memória de um homem cuja história se entrelaçava com a própria alma de Campo Belo.

Recordava-se, naquele instante, que em 18 de abril de 1869 nascia, naquela mesma terra, o major José Galdino Rios. Seu nome não repousava apenas nos livros: pulsava nas ruas, nas instituições, nas decisões que moldaram o destino da cidade.

Advogado, promotor de justiça, jornalista e, sobretudo, construtor de horizontes, foi ele quem fundou, em 1894, o jornal O Campo Belo, oferecendo à cidade não apenas notícias, mas voz, identidade e consciência.

Não satisfeito, lançou-se também à fundação da primeira Conferência de São Vicente de Paulo em Campo Belo, tornando-se seu primeiro presidente, como quem compreende que a justiça social precisa caminhar ao lado da justiça escrita nas leis.

Em 1903, foi eleito deputado estadual, mandato que exerceu até 1910. Mas talvez seu feito mais silencioso, e, paradoxalmente, mais decisivo, tenha sido a consolidação da comarca em setembro daquele mesmo ano, quando sua existência esteve ameaçada de suspensão. A ele, dizia a ata, devíamos um dos maiores triunfos políticos de nossa história.

Enquanto essas palavras eram lidas, não se ouvia apenas a voz do leitor, mas o eco de um tempo em que homens e mulheres acreditavam que era possível mudar destinos com coragem, tinta e perseverança.

E então surgia um pensamento que atravessava várias páginas da história da Academia: quantas vezes, ao longo das

atas, outros nomes haviam ressurgido? Quantos pronunciamentos haviam tecido, fio a fio, o retrato vivo de uma cidade que se recusava ao esquecimento?

Porque não eram apenas registros burocráticos, eram narrativas de fundação, de luta, de esperança. Contavam como ícones e personalidades daquela terra ajudaram a determinar o desenvolvimento, o engrandecimento e a firme vontade de ser um lugar abençoado por Deus.

Ao folhear aquelas páginas, percebia-se que cada letra parecia desenhada com cuidado quase sagrado. Já eram, naquele momento, oitenta atas escritas, oitenta testemunhos de dedicação, beleza caligráfica e amor à palavra.

Havia nelas algo mais do que forma: havia espírito. Cada curva de letra, cada parágrafo alinhado, guardava a intenção de não deixar o tempo apagar o que fora vivido com tanto empenho.

Era ali, naquele silêncio respeitoso do papel, que as ideias floresciam. Cada acadêmico, ao longo dos anos, depositara sua contribuição para a construção da memória coletiva,

como quem acende pequenas lanternas para iluminar um caminho maior.

A Academia, essa casa de postura e afetos, tornava-se, assim, mais do que um espaço de encontros: transformava-se em guardiã da história, artesã da identidade, sentinela do espírito campo-belense.

E quanto mais eu avançava na leitura dessas atas, mais se compreendia que não se tratava apenas de passado, tratava-se de um presente moldado por gestos antigos, decisões discretas, sonhos que ousaram resistir ao esquecimento.

Havia, nisso tudo, uma espécie de suspense delicado: que outras histórias ainda dormiam naquelas páginas? Que nomes aguardavam o momento certo para serem novamente pronunciados, resgatados, honrados?

Porque cada ata, antes de ser palavra escrita, fora encontro vivo. Cada linha nascera de uma voz, cada parágrafo de um pensamento, cada página de uma esperança.

E ali, naquele 28 de abril de 1986, ao evocar José Gal-dino Rios, não se fazia apenas justiça a um homem, reafirmava-se um compromisso com todos aqueles que haviam

ajudado a erguer Campo Belo sobre pilares de trabalho, fé e amor à coletividade.

Ao escrever este livro, de forma simples, mas sustentada por fatos, nasce em mim uma alegria serena: a de saber que estou contribuindo, ainda que modestamente, para que as gerações futuras compreendam como crescemos, como nos formamos, como o ontem dialoga com o hoje e esculpe o amanhã.

Porque, no fundo, escrever é isso: conversar com o tempo. E a Academia Campo-Belense de Letras, ao longo de suas atas, continua, silenciosa e fiel, a responder, página após página, que nada do que é vivido com amor se perde.

14 - AS PORTAS DO TEMPO

Na noite de 26 de maio de 1988, a Academia Campobense de Letras reuniu-se em Assembleia Geral Extraordinária. Nada, à primeira vista, indicava que aquela sessão seria diferente de tantas outras. Mas havia no ar um silêncio denso, como se algo estivesse prestes a mudar, algo que não se limitaria às páginas dos estatutos, mas alcançaria corações ainda desconhecidos.

As cadeiras dispostas, os olhares atentos, o murmúrio contido das expectativas. Era mais do que uma reunião: era um limiar. Algo antigo precisava ser revisto para que o novo pudesse nascer, e todos pareciam pressentir isso, ainda que sem palavras.

Naquele encontro, foi proposta a alteração do artigo 2º dos estatutos da Casa. Um gesto administrativo, dir-se-ia. Mas, na verdade, tratava-se de redesenhar os contornos da própria imortalidade acadêmica, abrindo espaço para vozes que ainda não haviam sido sonhadas.

Ficou então determinado que a Academia passaria a compor-se de quarenta membros efetivos. Os vinte e três primeiros, ocupantes das cadeiras de 1 a 23, seriam considerados sócios fundadores, guardiões inaugurais de um projeto que, agora, ousava crescer.

Também se decidiu admitir sócios honorários e sócios beneméritos, ampliando ainda mais o horizonte da instituição, como se a Academia estendesse seus braços para além de seus muros, acolhendo aqueles que, de algum modo, também haviam servido à cultura e à palavra.

Entre os quarenta membros efetivos, pelo menos trinta deveriam ter residência fixa em Campo Belo. Não era apenas uma exigência territorial: era um compromisso afetivo com a cidade, com seu ritmo, suas histórias, seus silêncios e suas vozes.

Quando chegou o momento da votação, o suspense tomou forma concreta: vinte votos favoráveis, três contrários e cinco abstenções. O número frio dos registros escondia, porém, o calor de uma decisão que alteraria o destino da Aca-

mia, e de muitos que ainda nem sabiam que, um dia, cruzariam aquelas portas.

Mas a noite guardava ainda outro gesto silencioso, igualmente transformador. Por maioria relativa, foi aprovada a proposta do acadêmico Geraldo Raimundo de Souza: os patronos das cadeiras passariam a ser escolhidos entre escritores brasileiros.

Era uma escolha simbólica, mas poderosa. A partir dali cada cadeira não apenas honraria um nome, mas se ligaria diretamente à grande tradição literária do país, como se cada acadêmico passasse a dialogar, em segredo, com um mestre da palavra.

Essa mudança permitiu o aumento do número de cadeiras, e, com ele, o ingresso de novos confrades e confreiras. Era como se a Academia, até então um círculo mais estreito, abrisse discretamente suas janelas para o futuro.

Poucos perceberam naquele instante, mas essa decisão criava caminhos invisíveis que só anos depois seriam trilhados. Portas que se abriam não para o presente, mas para destinos ainda ocultos, aguardando o momento certo de se revelarem.

Foi assim que, em 1993, em razão direta daquela reforma estatutária, eu, Vicente Soares Neto, e outros tantos tivemos a alegria e a honra de ingressar nesta augusta Casa de Miserani, como quem atravessa um portal silencioso para a eternidade das letras.

Naquele tempo, eu ainda não sabia que um dia escreveria estas linhas. Não imaginava que, ao folhear antigas atas, reencontraria o instante exato em que meu próprio destino acadêmico começara a ser tecido, sem que eu tivesse qualquer consciência disso.

Hoje, ocupando a cadeira de número 40, cujo patrono é o poeta J. G. de Araújo Jorge, sinto que cada palavra escrita aqui carrega não apenas memória, mas gratidão — gratidão por decisões que, tomadas décadas atrás, abriram espaço para minha própria voz.

Este livro, que chamei de Corações e Letras, não pretende ser história fria nem cronologia exata. É antes um conjunto de contos, banhados em nostalgia, temperados com

suspense, escritos com ternura, para tornar a leitura mais viva, mais humana, mais próxima da alma.

Porque contar a história da Academia não é apenas narrar datas e estatutos: é contar encontros invisíveis entre passado e futuro, entre quem foi e quem viria a ser, entre decisões administrativas e sonhos literários.

Naquela noite de 26 de maio de 1988, sem aplausos nem discursos grandiosos, a Academia mudou de forma e, silenciosamente, mudou também o destino de muitos de nós.

Era apenas uma alteração de artigo, dirão alguns. Mas, para quem aprende a escutar o tempo, era o som de portas se abrindo, rangendo suavemente, para acolher novos nomes, novas vozes, novas imortalidades.

E assim, com amor, memória e uma pitada de ficção, registro neste capítulo que aquela assembleia não apenas reformou estatutos: reformou horizontes. E fez da Academia Campo-belense de Letras um espaço ainda mais amplo, mais plural, mais eterno.

Porque às vezes é nas decisões mais técnicas que se escondem os gestos mais poéticos. E naquela noite, sem que

muitos soubessem, a literatura encontrou uma nova maneira de continuar vivendo.

15 – MUDANÇA DE GUARDA

Às vinte e trinta horas daquele 29 de abril de 1989, Campo Belo parecia respirar em festa. Abril, mês em que a Academia Campo-belense de Letras celebrava dez anos de existência, desdobrava-se em símbolos, como se cada esquina da cidade soubesse que algo raro estava prestes a acontecer no salão nobre da Câmara Municipal. Não era apenas uma reunião, era um rito de passagem, uma celebração do tempo, da palavra e da permanência.

As portas se abriram cedo, e o salão logo se encheu de vozes, perfumes discretos, passos apressados e olhares atentos. Autoridades civis e religiosas misturavam-se a professores, alunos premiados, pais orgulhosos, amigos antigos e parentes emocionados. Era como se toda a cidade tivesse sido convidada a testemunhar aquele instante em que a história, delicadamente, se preparava para virar mais uma página.

No centro daquela noite pulsava um nome novo: Wagner Cardoso. O futuro imortal aguardava sua posse com o mesmo misto de serenidade e reverência que atravessa os grandes momentos da vida. Seu nome ecoava nos cumpri-

mentos, nos sorrisos e nos olhares cúmplices, não apenas como um novo ocupante de cadeira, mas como alguém que passava a habitar, definitivamente, o território sagrado das letras campo-belenses.

Mas aquela não era somente a noite de um ingresso; era também a noite de uma despedida suave. José Augusto de Carvalho, após quatro anos, duas gestões inteiras, à frente da Academia, preparava-se para entregar o bastão invisível da liderança. Havia em seus gestos algo de quem fecha um livro querido sabendo que outro, igualmente belo, está prestes a ser aberto.

Quando tomou a palavra, sua voz não trazia o peso do adeus, mas a leveza da gratidão. Agradeceu aos confrades, aos colaboradores, aos amigos silenciosos da retaguarda, àqueles que tornaram possível cada sessão, cada evento, cada pequena vitória cotidiana que constrói instituições duradouras. Em seu discurso, não se falava apenas de gestão, mas de convivência, essa arte delicada de fazer da palavra um espaço comum.

O salão escutava com atenção respeitosa, mas também com uma emoção contida, dessas que não precisam de lágrimas para existir. Muitos ali sabiam que, ao fim daquela fala, algo mudaria, não por ruptura, mas por continuidade. Porque na Academia, como nas boas histórias, toda mudança é também uma forma de permanência.

Então, num gesto simples e simbólico, José Augusto convidou a acadêmica Marli Carvalho Pacheco a assumir a presidência. Eleita por unanimidade, em chapa única, ela se levantou sob aplausos que não eram apenas protocolares, mas carregados de confiança. Sua presença parecia reunir serenidade e firmeza, como quem sabe que governa não apenas uma instituição, mas um legado.

Naquele instante, a transmissão do cargo deixou de ser um ato administrativo para se tornar quase um rito, uma passagem silenciosa de sonhos, responsabilidades e esperanças. O passado entregava-se ao futuro sem resistência, como um rio que aceita o próximo curso sem perder sua nascente.

E enquanto isso, Wagner Cardoso tomava posse, acrescentando sua voz à sinfonia discreta dos imortais. Sua entrada parecia selar o sentido maior daquela noite: renovação.

Renovavam-se os quadros, renovava-se a liderança, renovava-se, sobretudo, a promessa de que as letras continuariam sendo, ali, mais do que ornamento, seriam destino.

Os alunos premiados, sentados entre os adultos, talvez não compreendessem ainda a dimensão do momento. Mas algo lhes ficaria gravado, mesmo sem saber: a sensação de que os livros importam, de que a cultura merece celebração, de que há lugares onde as palavras são tratadas com a solenidade dos rituais e a ternura dos afetos.

Quando a solenidade avançava, o salão já não era apenas um espaço físico. Tornara-se um território simbólico, onde passado, presente e futuro caminhavam juntos, de mãos dadas, sob o mesmo teto de memórias. Cada discurso, cada gesto, cada aplauso parecia escrever uma linha invisível no grande livro da Academia.

E assim, naquela noite de abril, em que a cidade celebrava dez anos de sonhos organizados em letras, os corações mudaram de guarda. Sem alarde, sem ruptura, apenas com a

elegância silenciosa de quem sabe que as instituições duram não por quem as conduz, mas por quem as ama.

Quando as luzes se apagaram e o salão voltou ao seu repouso habitual, algo permaneceu vibrando no ar. Não era som, nem imagem, era a certeza íntima de que a Academia Campo-belense de Letras, mais uma vez, havia cumprido seu destino: transformar encontros em memória, gestos em história, e palavras em eternidade.

16 - AS LETRAS PEDIRAM FUTURO

Na manhã suave de 29 de maio de 1993, a sede da Academia Campo-belense de Letras parecia respirar um ar diferente. Não era apenas dia de eleição, era dia de confirmação. Como se a própria instituição, ao reencontrar seus membros, quisesse reafirmar em silêncio aquilo que já aprendera a dizer em voz alta ao longo dos anos: que a permanência só existe quando nasce do compromisso renovado.

Reunidos sob as normas discretas dos estatutos e regimentos, os acadêmicos conduziram a eleição com a serenidade de quem já compreendia que os rituais importam tanto quanto os resultados. E, mais uma vez, a confiança se expressou em unanimidade: foi reeleita, em chapa única, a diretoria presidida por Marli Carvalho Pacheco, sinal de que a continuidade, ali, não era acomodação, mas maturidade.

Quase sem intervalo entre a escolha e a posse, os membros reassumiram seus lugares como quem retorna ao próprio lar. E Marli, com voz tranquila e firme, deu início à

reunião, trazendo uma notícia que carregava consigo o perfume antigo dos livros resgatados do tempo. Informou aos presentes que recebera da senhora Heloísa Maria de Miserani, herdeira dos direitos autorais, a autorização para a publicação de Velharias, obra de José Miserani de Carvalho. Era como se uma porta antiga se abrisse, permitindo que palavras adormecidas voltassem a circular pela cidade.

Houve, então, um breve silêncio respeitoso, desses que não interrompem, mas consagram. Porque não se tratava apenas de um gesto editorial, tratava-se de resgatar uma voz do passado e devolvê-la ao convívio do presente, gesto tão próprio da Academia quanto qualquer sessão solene ou posse ritualística.

Na sequência, o acadêmico Célio Bastos trouxe às mãos dos confrades um artigo publicado no jornal da cidade pelo presidente do Museu Municipal. O texto narrava um episódio histórico ligado ao doutor Lindolfo Ferreira de Oliveira, prefeito de Campo Belo em 1945, cuja biografia fora cuidadosamente levantada pela própria Academia. Assim, mais uma vez, as letras cumpriam sua missão silenciosa: salvar da poeira

do esquecimento aquilo que a cidade não podia se permitir perder.

Era como se, naquela noite, passado e futuro se inclinassem um ao outro em sinal de reconhecimento. A Academia não apenas guardava memórias, ela as reanimava, devolvendo-lhes fôlego e sentido, para que continuassem caminhando entre gerações.

Poucos dias depois, em 2 de junho de 1993, essa mesma chama se deslocaria para além de suas paredes. Em reunião na sala do prefeito municipal, doutor Romeu Tarciso Cambraia, os acadêmicos solicitaram apoio para a reedição de Velharias. Não era um pedido comum: era quase um apelo do tempo ao presente, para que não se interrompesse a corrente invisível que liga os que escreveram aos que ainda escreverão.

O gesto foi recebido como se recebe uma responsabilidade nobre. Porque reeditar um livro antigo não é apenas imprimir páginas: é reabrir caminhos, restaurar pontes, permitir que vozes esquecidas voltem a conversar com o agora. E a

Academia, mais uma vez, mostrava-se menos uma guardiã do passado e mais uma semeadora de futuros.

De volta às suas reuniões, outro passo decisivo se desenhava. Apresentou-se a proposta de preenchimento das sete cadeiras finais da instituição, conforme estabelecido pela Emenda nº 02/90, de 30 de junho de 1990, em consonância com a alteração estatutária de março de 1988. Não era apenas um ajuste administrativo, era a expansão natural de um organismo vivo, que precisava crescer para continuar respirando.

Quando a proposta foi aceita e declaradas abertas as inscrições para as vagas restantes, algo sutil se moveu no espírito da Academia. As cadeiras vazias deixaram de ser ausências e passaram a ser promessas. Cada espaço não ocupado tornou-se convite, cada silêncio, uma expectativa.

Talvez ninguém o dissesse em voz alta, mas todos sentiam: novas vozes viriam, novos estilos, novas histórias pessoais se entrelaçariam ao tecido já antigo da instituição. E assim, sem alarde, a Academia preparava-se para receber futuros imortais, como quem abre janelas antes mesmo de saber quem olhará por elas.

Naquela sequência de dias — eleição, autorização editorial, resgate histórico, diálogo com o poder público e expansão do quadro acadêmico, algo maior se desenhava. Não eram atos isolados, mas capítulos de um mesmo movimento: o da Academia reafirmando sua vocação de ponte entre tempos, pessoas e memórias.

E assim, em 1993, enquanto o calendário avançava sem saber do que ali se passava, a Academia Campo-belense de Letras escrevia silenciosamente mais uma página essencial de sua história, uma página onde a continuidade não era repetição, mas renovação; onde o passado não era saudade, mas semente; e onde o futuro já começava a ser escrito, mesmo antes de encontrar seus autores.

17 - UMA ELEIÇÃO EMOCIONANTE

Somente agora, em fevereiro de 2026, ao folhear com mãos pacientes os antigos livros de atas da Academia Campobense de Letras, descobri algo que o tempo havia guardado em silêncio para mim. As páginas amareladas, escritas com caligrafias firmes e cuidadosas, revelaram um segredo que atravessara mais de três décadas sem me alcançar, como uma carta esquecida numa gaveta do passado, esperando o instante exato para ser aberta.

Ali, entre registros formais e decisões regimentais, estava o dia 25 de agosto de 1993. Uma reunião ordinária da Casa de Miserani, aparentemente igual a tantas outras, mas que carregava dentro de si um destino invisível. Naquela noite, realizar-se-ia a eleição dos membros efetivos destinados a preencher as cadeiras de número 34 a 40, conforme o artigo 3º, parágrafo 5º do regimento interno. Tudo ocorrera com a sobriedade ritual que marca os grandes momentos quando ainda não sabem que são grandes.

Antes da votação, fora verificada a correspondência interna da Comissão Especial de Sindicância, que aprovara os

nomes dos onze candidatos inscritos. Os papéis, certamente manuseados com zelo, talvez não soubessem que, décadas depois, seriam relidos com olhos marejados por alguém que ignorara, por tanto tempo, ter sido escolhido naquela ocasião.

Veio então a contagem dos votos, silenciosa, solene, quase sagrada. E, um a um, foram anunciados os nomes dos novos acadêmicos eleitos: o querido padre Agostinho, para a cadeira 34; doutor Evaldo Alves da Assunção, cadeira 35; doutor Francisco de Assis Correia, cadeira 36; Denise Cássia Garcia, cadeira 37; Romeu Tarciso Cambraia, cadeira 38; José Cardoso Cambraia, cadeira 39.

E então, sem que eu o soubesse, meu próprio nome foi pronunciado naquela sala distante no tempo: doutor Vicente Soares Neto, eleito para a cadeira número 40.

A ata registra, com a discrição elegante das instituições antigas, que a secretária deveria expedir correspondência aos eleitos comunicando o resultado da eleição. Mas o destino, esse arquivista imprevisível, decidiu guardar a minha carta por

trinta e dois anos, até que eu mesmo a encontrasse, não no correio, mas nas páginas silenciosas da memória escrita.

Imagino agora aquela noite de 1993 sem saber que nela já estava inscrito um pedaço do meu próprio futuro. Imagino os confrades reunidos, as vozes ecoando no salão, os nomes sendo anunciados, e o meu seguindo viagem sem que eu pudesse ouvi-lo, como um sino tocado em cidade distante, cujo som só chega muito depois, quando o vento decide.

Há algo profundamente poético em descobrir, décadas depois, que pertencemos a um lugar antes mesmo de sabermos. Como se a Academia me tivesse escolhido antes que eu pudesse escolhê-la. Como se o amor pelas letras tivesse sido selado num pacto invisível, firmado sem testemunhas conscientes, mas com validade eterna.

Esse reencontro tardio com minha própria eleição não trouxe surpresa apenas, trouxe gratidão. Gratidão por aqueles que confiaram, por aqueles que escreveram, por aqueles que guardaram. Gratidão, sobretudo, por essa Academia que não apenas registra o tempo, mas também o devolve, quando menos se espera, em forma de emoção pura.

Percebi então que algumas datas não vivem no calendário, vivem escondidas, à espera do instante certo para florescer. E aquela noite de agosto de 1993, que dormira por tantos anos dentro de um livro de atas, acordou em fevereiro de 2026 como um gesto de carinho do passado para o presente.

Assim, compreendi algo maior: não foi apenas naquele dia que me tornei acadêmico. Tornei-me naquele momento em que, relendo aquelas páginas antigas, senti que meu nome sempre estivera ali, não apenas numa ata, mas numa história que eu ainda estava aprendendo a ler.

A Prefeitura Municipal e a Academia Campo-Belense de Letras têm a honra de convidar V. Exa. e Exma. Família para as solenidades a se realizarem no dia 25 de setembro de 1993, nos salões de Festas do Campo Belo Country Club, às 20 horas.

PROGRAMAÇÃO:

Posse dos novos sócios efetivos da A. C. L.

Pe. Antonius Wilhelmus Martinus Rijken	— Cadeira 34
Evaldo Alves D'Assumpção	— Cadeira 35
Francisco de Assis Corrêa	— Cadeira 36
Denise Cássia Garcia	— Cadeira 37
Romeu Tarcísio Cambraia	— Cadeira 38
José Cardoso Cambraia	— Cadeira 39
Vicente Soares Neto	— Cadeira 40

ORADORES:

Acadêmico Dr. Milton Pereira Carvalhais, saudando os novos Membros do Sodalício.
Dr. Evaldo Alves D'Assumpção, agradecendo em nome dos confrades.

Lançamento da 2ª edição do Livro Histórico "VELHARIAS", de José Miserêni de Carvalho.

ORADORES:

Acadêmico e Jornalista Lindolfo Cazêca
Prefeito Dr. Romeu Tarcísio Cambraia

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DOS ALUNOS DA E. E. "CONEGO ULISSES".

Campo Belo, Setembro de 1993

Romeu Tarcísio Cambraia
PREFEITO MUNICIPAL

Marli Carvalho Pacheco
PRESIDENTE DA A.C.L.



E talvez seja esse o maior milagre das letras: permitir que o passado nos surpreenda com afeto, que o tempo nos devolva pertencimentos, e que descubramos, mesmo tarde, que sempre fomos esperados.

18 - ECOS DE UMA NOITE DE JULHO

No dia 25 de julho de 1994, às 20 horas, a Academia Campo-belense de Letras reunia-se em sua então sede, à Rua João Pinheiro, nº 101. A sessão foi presidida pela professora Marli Carvalho Pacheco, que, com a elegância serena que lhe era própria, declarou abertos os trabalhos daquela noite que, sem que muitos percebessem, guardaria marcas duradouras na história da Casa.

Após a leitura da ata anterior, momento sempre revestido de formalidade e memória, registrou-se também a referência ao dia 27 de junho como o Dia de Guimarães Rosa, data instituída pela Academia, numa justa reverência ao gênio das letras mineiras. Pequenos gestos assim revelavam a vocação maior da instituição: preservar, celebrar e perpetuar a palavra.

Coube-me, naquela ocasião, a honra de ser o orador da noite. E escrevo agora movido por sincera gratidão, relendo as atas que silenciosamente conservaram cada instante. An-

tes de adentrar o terreno literário, meu coração falou mais alto. Fiz questão de render minhas primeiras homenagens àque-la que me deu a vida, minha mãe, Odete da Rocha Soares, ao meu pai, Francisco Soares Ferreira, à minha esposa, Marlysia Botelho de Sousa Soares, companheira de jornada; à inesque-cível primeira professora, Laura Cardoso; e à presidente Marli Pacheco, cuja condução firme e afetuosa mantinha viva a chama da Academia.

Em seguida, voltei-me ao meu patrono, J. G. de Araújo Jorge. Procurei discorrer sobre sua grandeza poética, sua sensibilidade e o legado que justificava plenamente sua imortalidade nas letras. Ao término, vieram os aplausos, generosos, acolhedores, e as palavras de incentivo dos confrades presentes. Guardo até hoje a emoção daquele instante, quando percebi que já não era apenas um visitante das letras, mas parte viva daquela irmandade literária.

A ata daquela reunião registra ainda discussões administrativas que, vistas hoje, revelam-se proféticas. A presidente comentou a necessidade de verificar, junto ao senhor prefeito, a possibilidade de doação do prédio dos funcionários anexos

da antiga rodoviária, então já vinculado ao IPSEMG, para uso da Academia Campo-belense de Letras.

Era mais que uma tratativa burocrática. Era o embrião de um sonho.

Faço questão de sublinhar este ponto porque o tempo lhe deu razão: foi ali que começou a se desenhar o futuro endereço da Academia. A nova sede, hoje localizada na Praça Rui Barbosa, onde funcionam a Academia e a Casa da Cultura, teve sua articulação inicial conduzida com visão e determinação pela então presidente Marli Pacheco.

Assim, aquela reunião de julho de 1994 não foi apenas mais um encontro protocolar. Foi, para mim, o marco afetivo do meu discurso de posse, cuja essência passo agora a rememorar, e, para a Academia, um passo silencioso rumo à consolidação de seu espaço definitivo na vida cultural de Campo Belo.

Porque, como aprendi naquela noite, as atas registram os fatos..., mas é o tempo que revela a grandeza de cada decisão.

19 - A CIDADE SE CELEBROU

Naquele ano de 1994, precisamente em 25 de setembro, a Academia Campo-belense de Letras viveu uma de suas noites mais simbólicas. Às 18 horas, em sessão festiva realizada em suas dependências, sob a presidência da professora Marli Carvalho Pacheco, a Casa abriu seus trabalhos para celebrar o aniversário de emancipação político-administrativa de Campo Belo, então completando 115 anos de história.

Não era apenas uma comemoração de calendário. Havia, no ambiente, a clara percepção de que se celebrava algo maior: a maturidade cultural de uma cidade que aprendera a honrar sua própria memória.

Na mesma ocasião, registrava-se também a consolidação de duas instituições fundamentais para a vida cultural campo-belense: a Fundação da Casa da Cultura, já em seu segundo ano de existência, e o Museu Municipal, que alcançava seu quarto ano de atividades. Eram sinais vivos de que a cultura local deixava de ser apenas vocação para tornar-se estrutura permanente.

A presidente, com a sobriedade que marcava sua condução, concedeu a palavra ao acadêmico José Marques Vigliani. Em pronunciamento sensível e oportuno, ele prestou homenagem ao Museu Municipal, na pessoa de seu presidente, Divino Dias Maciel, e à Fundação da Casa da Cultura, representada pela doutora Denise Cássia Garcia. Estendeu ainda suas felicitações ao excelentíssimo senhor prefeito municipal, doutor Romeu Tarciso Cambraia, pelo transcurso do aniversário da cidade.

Naquela mesma noite, a Academia recebeu convite da Câmara Municipal para a sessão solene do dia 27 de setembro daquele ano, quando o doutor Edson Antônio Velano seria agraciado com o título de cidadão honorário de Campo Belo, mais um gesto que demonstrava o diálogo constante entre as instituições da cidade.

Entre informes e comentários da presidência, anunciou-se também a edição do Anuário 1979–1994, documento que reunia parte significativa da memória da Academia. Era

como se, naquela noite, passado e presente se dessem as mãos.

O momento mais solene veio com a entrega dos Diplomas de Honra ao Mérito. O senhor Divino Dias Maciel recebeu a honraria pelas mãos da acadêmica Yolanda Menezes, enquanto a doutora Denise Cássia Garcia foi agraciada pela acadêmica Miriam Boueri. Foram instantes de reconhecimento justo, e de emoção visível, àqueles que ajudavam a edificar os alicerces culturais do município.

Assim se encerrou aquela noite que, hoje, ao ser revisitada pelas atas da Academia Campo-belense de Letras, revela sua verdadeira dimensão. Mais que uma cerimônia comemorativa, foi um marco de afirmação cultural de Campo Belo.

Registro aqui este episódio com o carinho de quem viveu, e ainda vive, os ecos daquela jornada. Porque há noites que passam pelo calendário.....e há noites que passam para a história.

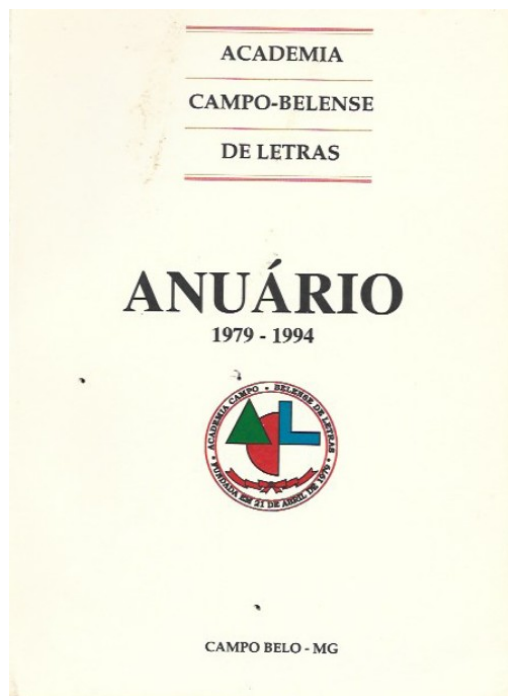
20 - LANÇAMENTO DO ANUÁRIO

No dia 29 de abril de 1995, a Academia Campo-Belense de Letras viveu uma de suas noites mais memoráveis. Às 20 horas, nas elegantes dependências do Campo Belo Country Club, realizou-se uma reunião festiva especialmente dedicada ao lançamento do Anuário da Academia, obra concebida como justa homenagem ao seu fundador, Osvaldo Alvarenga.

O ambiente, cuidadosamente preparado, respirava solenidade e entusiasmo. Coube ao professor Edson José Teixeira, também acadêmico, exercer com distinção o papel de mestre de cerimônias. Em suas palavras iniciais, que ainda ecoam na memória daqueles que ali estiveram, declarou:

— Mais uma vez, estamos aqui reunidos numa festividade literária e cultural; mas, antes de iniciarmos a sessão, ouviremos um número pelo Coral Imaculada Conceição: Barracão de Zinco.

E assim, sob a harmonia do canto coral, a noite abriu suas cortinas simbólicas.



E assim, sob a harmonia do canto coral, a noite abriu suas cortinas simbólicas.

Foram então convidadas diversas autoridades para compor a mesa de honra, entre elas o prefeito municipal, o presidente da Câmara e outras personalidades da vida pública e cultural. A composição daquela mesa refletia, com eloquên-

cia, o prestígio que a Academia já irradiava na comunidade campo-belense.

Ao declarar aberta a sessão, a presidente Marli Carvalho Pacheco falou com brilho e visível orgulho. Enalteceu o trabalho realizado e destacou que a homenagem prestada a Osvaldo Alvarenga era das mais justas, dirigida àquele que tanto lutou para que a Academia tivesse vida perene e vocação de eternidade.

Seguiram-se pronunciamentos de diversos acadêmicos, todos marcados pelo tom de reconhecimento e de celebração da memória institucional. Importa registrar, para a história, que a coordenação e organização do Anuário estiveram a cargo de uma comissão dedicada, composta por:

José Augusto de Carvalho;

Júlia de Sá Carvalho;

Denise Cássia Garcia;

Maria Aparecida Cardoso Furtado;

Natércia Silva Villefort Costa; e

Marli Carvalho Pacheco.

Faço questão de consignar esses nomes, porque obras coletivas se sustentam, sobretudo, no trabalho silencioso de quem as constrói.

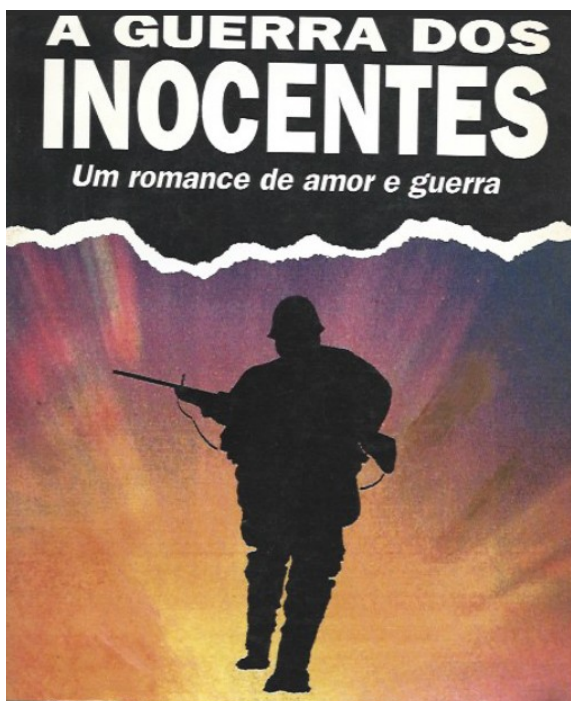
O Anuário teve ainda um gesto de grande alcance cultural: foi distribuído gratuitamente a todas as entidades públicas do município, bem como a todos os confrades e congreiras, atitude que ampliou o acesso à memória literária da Academia e reforçou sua missão pública.

À noite, já rica em significados, foi também enriquecida por diversas palestras e manifestações.

Entre os anúncios que mais despertaram interesse, destacou-se a menção ao futuro lançamento do livro do confrade Joaquim Vilela Filho, “A Guerra dos Inocentes”, obra dedicada à história dos expedicionários brasileiros.

Tratava-se, como bem se percebia, de um trabalho de natureza muito particular, nascido de vivência sensível e compromisso histórico do autor, Campo-belense culto, ícone da

cidade, não somente por este livro, mas, também pela bravura de defender a história livre em campos de guerra na Itália.



Assim transcorreu aquela reunião festiva que hoje se inscreve, com merecido relevo, na trajetória da Academia

Campo-Belense de Letras. O lançamento do Anuário não foi apenas a apresentação de um livro institucional.

Foi a afirmação de uma memória coletiva.

Foi o tributo a um fundador visionário.

Foi, sobretudo, a prova de que a palavra escrita, quando cultivada com amor, atravessa o tempo e permanece.

E é por isso que registro aqui este momento: para que as novas gerações saibam que houve uma noite em que a Academia celebrou a si mesma... e renovou, em silêncio, o seu compromisso com a eternidade das letras.

21 - A CAMINHADA

Em memória do livro do acadêmico doutor Milton Pereira Carvalhais, registro aqui um dos momentos mais sensíveis da vida cultural da Academia Campo-Belense de Letras. Magistrado respeitado em Campo Belo e homem de letras por vocação, o doutor Milton foi também generoso comigo, brindando-me, no dia de minha entrada na Academia, com uma menção tão significativa quanto emocionante, gesto que guardo com gratidão perene.

Foi nesse espírito de reconhecimento que se realizou, em 7 de setembro de 1996, o lançamento de seu livro “A Caminhada”, obra que rapidamente se revelou importante contribuição à memória e ao pensamento de nossa terra.

Naquela noite, nas dependências do foyer Plínio Massote, ocorreu mais uma reunião solene da Academia Campo-Belense de Letras.

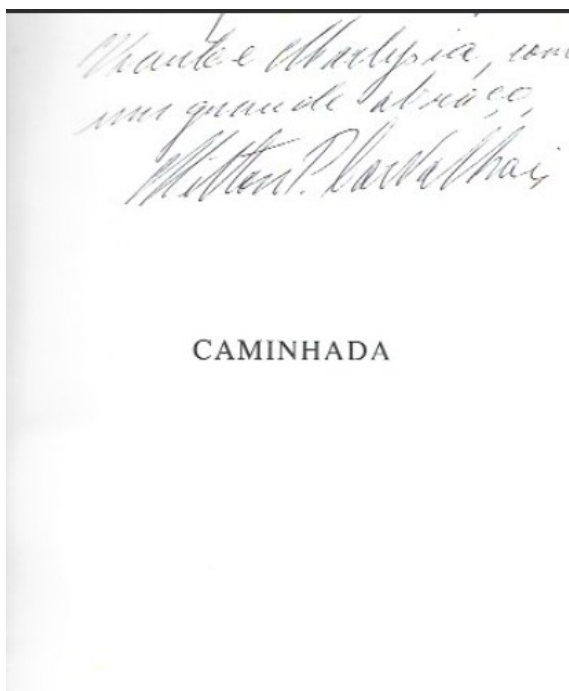
O ponto alto da sessão foi, sem dúvida, o lançamento da referida obra do acadêmico Milton Pereira Carvalhais, evento que reuniu expressivo público formado por amigos, escritores, autoridades e confrades.

A sessão foi aberta pela presidente Marli Carvalho Pacheco, que, com palavras elogiosas e oportunas, destacou o valor literário e humano da obra recém-lançada. Seus comentários, ao mesmo tempo técnicos e afetivos, ajudaram a dimensionar a importância daquele momento para a história da Academia.

À noite, porém, reservava ainda uma surpresa de rara beleza: a apresentação do grupo de serestas da cidade de Diamantina. Suas vozes e instrumentos envolveram o ambiente com uma atmosfera de delicada nostalgia, encantando e emocionando todos os presentes. Era como se a música abrisse janelas para tempos mais suaves, onde a poesia caminhava de mãos dadas com a melodia.

Encerrada a sessão de autógrafos, viveu-se um daqueles instantes que escapam ao protocolo e entram diretamente para a memória afetiva. Os participantes da solenidade saíram às ruas acompanhando o grupo de seresta, que percorreu di-

versos pontos da cidade. Entre canções e acordes, Campo Belo pareceu voltar no tempo, revivendo noites antigas que hoje já pertencem ao território da saudade.



Cantava-se... caminhava-se... lembrava-se.

E é justamente por isso que faço questão de registrar este episódio. Porque, embora a história por vezes passe despercebida nos registros formais, é nesses momentos, quando o coração transborda e a alma se deixa tocar, que se constroem as memórias mais duradouras.

22 - LAÇOS AFETIVOS

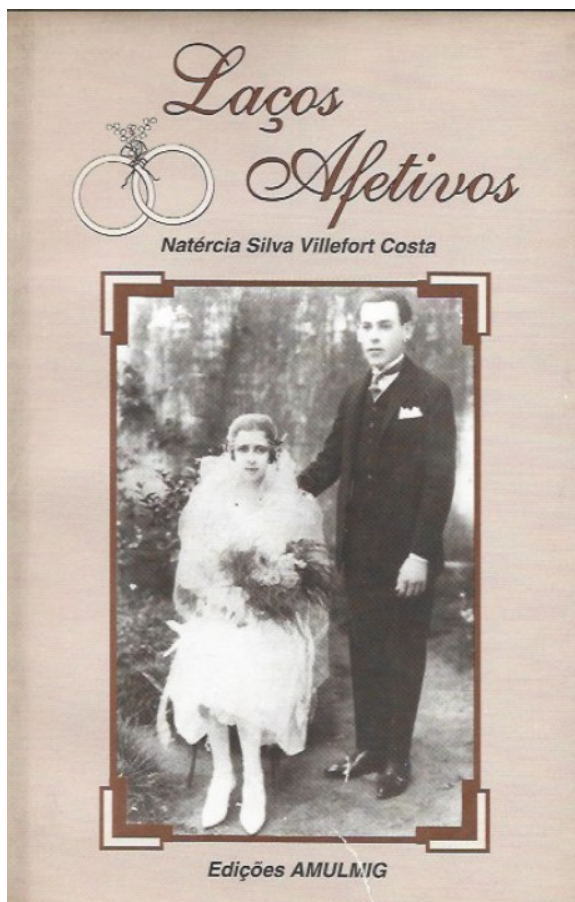
Há momentos em que a história se escreve com tinta...

e outros em que se grava no coração.

Este capítulo nasce do dever, e do afeto, de homenagear a doutora Natércia Silva Villefort Costa, ilustre campobelense, nascida em 2 de setembro de 1927, filha do teatrólogo Otávio Silva e de Delmira Teixeira de Andrade Silva. Foi esposa do empresário Pedro Villefort e, ao longo de sua trajetória, firmou-se como uma das vozes mais sensíveis e comprometidas com a cultura de sua terra natal.

No dia 30 de novembro de 1996, às 20 horas, no foyer Plínio Massote, reuniu-se um público expressivo formado por representantes da cultura, da sociedade e por muitos amigos para uma noite que ficaria marcada pela emoção: a sessão de autógrafos da acadêmica e escritora Natércia, por ocasião do lançamento de sua obra *Laços Afetivos*.

Na mesma oportunidade, procedeu-se também à abertura oficial dos trabalhos de pesquisa do projeto História de Campo Belo, conforme a Lei Municipal nº 1.768, de 1994, iniciativa que demonstrava, mais uma vez, o compromisso da Academia com a preservação da memória local.



A sessão foi aberta pela então presidente Marli Carvalho Pacheco, que, em palavras firmes e calorosas, enalteceu o apoio de todos à cultura campo-belense e, de modo especial, destacou a figura da doutora Natércia, ressaltando que aquela filha da terra jamais se afastara espiritualmente de suas origens, brindando a cidade com momentos de elevado significado cultural.

Segundo registra a ata daquela noite, o Coral Imaculada Conceição marcou presença, e a senhorita Beatriz Silva interpretou diversas canções que engrandeceram ainda mais o ambiente, envolvendo os presentes numa atmosfera de delicada sensibilidade.

Em momento de recolhimento, a presidente solicitou um minuto de silêncio e, nos termos do artigo 4º do Estatuto, declarou vagas as cadeiras de números 2, 4 e 6, anteriormente pertencentes aos acadêmicos José Lopes Dias, Adolfo Pinto Lasmar e José de Oliveira Barra, registro solene que lembrava a todos a continuidade da vida acadêmica através das gerações.

A obra *Laços Afetivos* recebeu inúmeros elogios naquela noite. As manifestações foram unânimes em reconhecer na autora uma escritora de rara sensibilidade, cuja escrita dialoga diretamente com a memória, o sentimento e a identidade de seu povo. A sessão de autógrafos revelou-se extremamente concorrida, evidenciando o carinho e o respeito que Natércia sempre despertou.

Usaram da palavra a presidente Marli Carvalho Pacheco e a própria homenageada, ambos pronunciamentos marcados por emoção e sincero compromisso com a cultura.

Permito-me, neste ponto, uma referência pessoal que o coração me pede para registrar.

Conheci a doutora Natércia ainda muito jovem, em razão de sua amizade fraterna com minha família. Sua convivência próxima com meu pai, Francisco Soares Ferreira, e com minha mãe, Odete da Rocha Soares, deixou em mim a impressão duradoura de uma mulher de extraordinária sensibilidade humana, elegância no trato e profundo amor por Campo Belo.

Por isso, ao escrever este episódio para as páginas de *Corações e Letras*, não faço apenas um registro histórico.

Deixo aqui o reconhecimento a uma das figuras mais ilustres, competentes e amorosas que já honraram a cultura campo-belense.

Porque há pessoas que escrevem livros...

...e há aquelas que, como Natércia, escrevem também nos corações de sua gente.

23 - UM MAESTRO NA PRESIDÊNCIA

Na noite de 12 de julho de 1997, quando o relógio parecia caminhar mais devagar e a expectativa pairava no ar, o foyer Plínio Massote, na Fundação Casa da Cultura, tornou-se palco de mais um capítulo marcante da Academia Campobelense de Letras. As luzes suaves, os cumprimentos discretos e o burburinho contido anunciavam que não seria uma reunião comum, algo de especial estava prestes a acontecer.

A sessão destinava-se à posse do novo presidente do sodalício para o biênio 1997–1999, doutor Francisco de Assis Correia, e à investidura dos novos sócios efetivos, José Maia da Silva e Jair Bernardes da Silva. Mas, como toda noite memorável, havia mais emoção do que o protocolo poderia prever.

Coube à secretária abrir os trabalhos, saudando com elegância os presentes e passando a palavra à presidente em exercício, Marli Carvalho Pacheco. Com voz firme, porém carregada de sentimento, ela declarou aberta a sessão, recordando que aquela Academia nascera em 21 de abril de 1979,

no simbólico ano do centenário de Campo Belo, como quem relembra o nascimento de um filho querido.

Em seguida, Júlia de Sá Carvalho compôs a mesa com a solenidade que o momento exigia. Foram convidados o prefeito municipal, doutor Giovanni José de Souza, ao lado de sua esposa, Wanda Maria Vilela de Souza, presidente do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural. Também se fizeram presentes representantes do Legislativo e da OAB, compondo um cenário de respeitável harmonia institucional.

Feita a chamada dos acadêmicos, presença e ausência registradas como quem conta estrelas numa noite limpa, chegou o instante aguardado. Yolanda Menezes Gibran e Brás Saturnino foram convidados a conduzir ao recinto os novos imortais José Maia da Silva e Jair Bernardes da Silva. O público silenciou. Havia, naquele breve percurso até a mesa, a solenidade de quem cruza um portal invisível.

E então, como se a história tivesse combinado um gesto de surpresa, adentrou o salão a centenária Corporação Musical Santa Cecília, a querida Banda Branca. Seus acordes

preencheram o ambiente com uma emoção quase palpável, numa homenagem inesperada ao maestro Francisco. Não houve quem não se deixasse tocar por aquele instante.

Após a execução do Hino a Campo Belo, tomou a palavra o recipiendário doutor Jair Bernardes da Silva. Falou em nome dos novos acadêmicos. Falou com o coração. E, por alguns momentos, pareceu que o tempo respeitosamente se curvou às suas palavras.

Veio então o juramento.

De pé, sob o olhar atento da plateia, os novos membros pronunciaram as palavras solenes do Regimento Interno. Quando a presidente os declarou oficialmente empossados como membros efetivos e perpétuos da Casa, não se tratava apenas de um ato formal, era a tradição acolhendo novos guardiões da memória.

Seguiu-se a entrega dos diplomas, em cena de delicada ternura:

A senhora Aparecida Ribeiro Azara recebeu, das mãos da vice-presidente Denise Cássia Garcia, o diploma destinado ao professor José Maia da Silva. Logo depois, a senhora Elvi-

na da Silva Bernardes recebeu, das mãos de Célio Bastos, o diploma conferido ao doutor Jair Bernardes da Silva.

Foi então que a secretária, em frase que ecoaria para além daquela noite, registrou:

“Passa a matéria, a substância... mas permanece a essência, a alma, as ações e as obras dos homens.”

Seguiu-se uma homenagem carregada de respeito às cadeiras que naquele instante ganhavam novos ocupantes:

Cadeira nº 2 — patrono Álvares de Azevedo, membro fundador José Lopes Dias;

Cadeira nº 4 — patrono Basílio da Gama, membro fundador Adolfo Pinto Latorre;

Cadeira nº 6 — patrono Casimiro de Abreu, membro fundador José de Oliveira Barra.

Aos familiares presentes, a Academia ofereceu não apenas palavras, mas gratidão viva, daquelas que não se escrevem apenas em atas, mas na memória afetiva das instituições.

Chegava o momento da despedida.

Marlin Carvalho Pacheco, com a serenidade de quem cumprira sua missão, proferiu seu discurso final à frente da presidência. E então, num gesto simbólico que pareceu suspender o ar por alguns segundos, convidou o doutor Francisco de Assis Correia a ocupar a cadeira que agora lhe pertencia.

Ao tomar assento, ao lado da pequena Júnia Caroline, o novo presidente não escondeu a emoção. Em palavras sinceras, exaltou a gestão que se encerrava e prometeu dedicar trabalho, zelo e amor à Academia.

Logo após, Sebastião Godinho, presidente da Corporação Musical Santa Cecília, reforçou, com generosidade, os elogios ao novo dirigente.

Assim se formou a diretoria para o período de 1997 a 1999 — não apenas uma relação de nomes, mas um compromisso coletivo com a cultura campo-belense.

O tempo passou.

Mas aquela noite permaneceu.

Ela impulsionou a trajetória do doutor Francisco de Assis Correia, músico exemplar, advogado respeitado e, mais tarde, magistrado atuante na comarca de Divinópolis. Sua caminhada seguiu firme, como quem carrega consigo a música daquela Banda Branca que um dia entrou de surpresa no salão.

E porque a história sabe reconhecer seus construtores, a Academia Campo-belense de Letras prepara agora novo momento de emoção: por iniciativa da gestão do presidente Vicente Soares Neto, o doutor Francisco de Assis Correia receberá a mais alta honraria da Casa, a Comenda Doutor Osvaldo Alvarenga, em sessão solene marcada para 25 de abril de 2026.

E, quando esse dia chegar, muitos haverão de lembrar.....que tudo começou naquela noite de julho, quando a emoção caminhou de mãos dadas com a memória.

24 - DESPEDIDA DO MAESTRO

Havia, no ar daquela noite, uma emoção difícil de desfazer.

Era 13 de junho de 1998. O relógio marcava 20 horas quando, no já tão familiar foyer Plínio Massote, da Fundação Casa da Cultura, a Academia Campo-belense de Letras voltou a reunir seus confrades, confreres e amigos da Casa. Mas não era uma reunião qualquer. Pressentia-se, nos gestos contidos e nos olhares atentos, que a história preparava mais uma de suas delicadas viradas de página.

Encerrava-se ali a gestão do maestro e doutor Francisco de Assis Correia.

Com visível emoção, daqueles que só nascem do profundo senso de dever, o maestro pediu a palavra. A voz, embora firme, carregava a emoção de quem se despede de um lugar que ama. Agradeceu, com elegância e humildade, a confiança que lhe fora depositada ao longo de sua gestão à frente da augusta Casa de Miserani.

Não era uma despedida desejada.

Explicou que sua saída se dava por motivos alheios à sua vontade. Novos caminhos profissionais o chamavam. Em breve, partiria para outras paragens, onde exerceria a magistratura na cidade de Patos de Minas. Suas palavras pairaram no salão como notas longas de uma música que ninguém queria que terminasse.

Mas, fiel ao espírito acadêmico, o doutor Francisco não se limitou à despedida. Com a serenidade dos que confiam no futuro, anunciou que transmitiria o cargo de presidente e vice-presidente a dois nomes que, como ele próprio afirmou, “muito ainda farão em benefício da Academia Campo-belense de Letras”.

E então chegou o momento.

Naquela mesma sessão extraordinária, sob o silêncio respeitoso dos presentes, deu-se a posse da nova diretoria. Pela primeira vez, assumia a presidência da Casa de Miserani a doutora Denise Cássia Garcia.

Ao tomar a palavra, Denise não fez apenas um discurso, teceu uma verdadeira narrativa afetiva da trajetória da

Academia. Em tom emocionado, revisitou conquistas, lembrou nomes, valorizou esforços. Era como se, ao falar do passado, ela já começasse a construir o futuro.

A nova mesa diretora manteve, com espírito de continuidade, membros da gestão anterior:

Presidente: Denise Cássia Garcia

Vice-presidente: Milton Pereira Carvalhais

1ª Secretária: Júlia de Sá Carvalho

2º Secretário: Célio Bastos

Tesoureiro: Geraldo Raimundo de Souza

Bibliotecários: Maria Aparecida Cardoso Furtado, Edson José Teixeira e Brás Saturnino

Assim, entre a emoção da despedida e a esperança do recomeço, foi lavrada a ata da nova posse.

E a Academia seguiu.

Porque nas Casas de Letras verdadeiras, as cadeiras mudam de ocupante, mas o espírito permanece.

E, naquela noite de junho, a história da Academia Campo-belense de Letras ganhou mais um capítulo escrito não apenas com tinta, mas com memória, gratidão e confiança no porvir.

25 - A PRIMEIRA MUDANÇA

A noite de 26 de agosto de 1998 não trazia pompas nem solenidades extraordinárias. Ainda assim, guardaria, silenciosamente, um daqueles momentos em que a história muda de direção quase sem fazer ruído.

Nas dependências da Academia Campo-belense de Letras, realizou-se mais uma reunião ordinária. Os acadêmicos foram chegando aos poucos, como de costume, cumprimentos cordiais, cadeiras sendo ocupadas, papéis organizados sobre a mesa. À primeira vista, parecia apenas mais um encontro da rotina institucional.

Mas não era.

Ao abrir os trabalhos, a presidente Denise Cássia Garcia agradeceu, com sua habitual elegância, a presença dos confrades e confreriras.

Havia, porém, em seu semblante, a seriedade de quem traz uma decisão amadurecida.

Com voz clara, informou à Casa que as reuniões ordinárias voltariam a ocorrer nas últimas quartas-feiras de cada

mês. A medida, explicou, não nascera do improviso, mas da escuta atenta aos próprios acadêmicos. Muitos haviam manifestado dificuldade em comparecer aos encontros realizados aos sábados, viagens, compromissos familiares, obrigações profissionais. O mundo, pouco a pouco, começava a impor novos ritmos.

A presidente foi além.

Esclareceu que as reuniões de quarta-feira teriam caráter mais administrativo, restritas à diretoria, destinadas às deliberações sobre o funcionamento da Academia. Já os encontros que exigissem a participação ampliada dos acadêmicos, sessões assistivas, eventos especiais ou temas de interesse geral, seriam previamente convocados, com data e horário definidos pela direção.

A decisão pairou no ambiente por alguns instantes.

Não se tratava apenas de mudar um dia no calendário. Era, ainda que discretamente, uma inflexão na forma de convivência da Casa de Letras.

Pela primeira vez, reconhecia-se de modo explícito que a presença dos acadêmicos já não era tão assídua quanto outrora. O tempo, esse personagem invisível, começava a redesenhar hábitos, distâncias e disponibilidades. Em 1998, não havia ainda a facilidade das mídias sociais, das conferências virtuais, das videoconferências instantâneas que hoje encurtam mundos. Quando alguém faltava, faltava por inteiro.

Assim, a decisão da presidente Denise Cássia Garcia nasceu menos de uma escolha e mais de uma necessidade.

E, embora tomada com prudência e espírito prático, ela produziu uma sutil ruptura na dinâmica da Academia e na convivência entre confrades e confreriras. Era o sinal de que a instituição, como todas as que sobrevivem ao tempo, precisava aprender a se adaptar para continuar viva.

Naquela noite aparentemente simples, a Academia Campo-belense de Letras não apenas realizou uma reunião ordinária.

Ela ouviu o passo do tempo.

E, com dignidade, começou a caminhar ao lado dele.

26 - O LIVRO QUE FEZ A MEMÓRIA SORRIR

Na noite de 27 de março de 1999, às 20 horas em ponto, o já consagrado Foyer Plínio Massote voltou a vestir-se de expectativa. As dependências da Academia Campo-belense de Letras respiravam aquele clima especial que antecede os momentos destinados a permanecer.

Não era apenas mais uma reunião.

Era noite de lançamento.

O acadêmico Wagner Cardoso apresentava ao público sua obra História Pitoresca de Campo Belo, um livro tecido com fios de memória, afeto e observação fina da alma campo-belense. Nas páginas da obra, o autor reunia fatos verídicos, alguns vividos por ele próprio, compondo um mosaico vivo da cidade e de sua gente.

Havia, no ar, uma curiosidade quase infantil: que histórias viriam daquele baú?

No prefácio, o senhor Maurílio Miranda Cambraia, com a elegância dos que sabem reconhecer talentos, já antecipava o espírito da obra. Confessava que somente uma amizade profunda, nascida de estreita identidade pessoal, poderia justificar sua escolha para prefaciар o livro de Wagner. E, com fina ironia, evocava o velho ditado inglês — “a pessoa certa para a tarefa certa” — como quem reconhece que, por mérito natural, muitos nomes da cultura campo-belense poderiam ocupar aquele lugar.

Mas havia razão maior.

Como bem observou o doutor Maurílio, a vocação de historiador e o amor de Wagner por Campo Belo sempre foram evidentes. Ao longo da vida, ele demonstrara um compromisso silencioso com a preservação da memória local. Era quase inevitável que, mais cedo ou mais tarde, abrisse ao público parte de seu precioso baú de recordações.

E o fez à sua maneira.

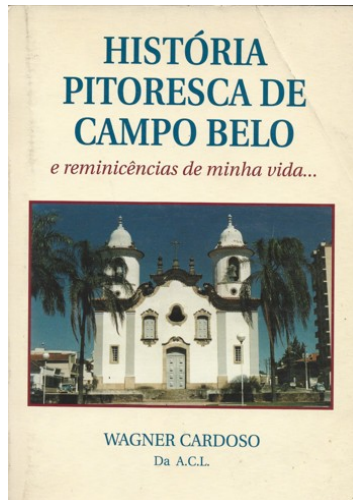
Não se prendeu apenas à história tradicional, político-administrativa, que também domina, mas preferiu oferecer ao leitor um verdadeiro rosário de casos curiosos: episódios jocosos, retratos humanos, pequenas cenas do cotidiano que reve-

lam, com rara vivacidade, a forma de ser dos conterrâneos de ontem e de hoje.

Ali, a história não marchava, ela sorria.

Wagner Cardoso, já respeitado membro da Academia Campo-belense de Letras, dava naquele momento um passo decisivo rumo àquilo que toda obra verdadeira busca: a permanência. Porque certos livros não ficam apenas nas estantes, eles passam a caminhar com a cidade.

E assim aconteceu.



História Pitoresca de Campo Belo tornou-se mais que uma publicação: converteu-se em um gesto de pertencimento. Um conjunto de registros saudosistas que, como bem assinou Maurílio Miranda Cambraia, permanece fiel à linha afetiva do autor.

É uma obra que faz bem.

Faz bem porque fala de pessoas que reconhecemos, de situações que nos parecem familiares, de memórias que, direta ou indiretamente, pertencem a todos nós que carregamos Campo Belo no coração.

E, naquele 27 de março de 1999, sob as luzes acolhedoras do foyer, algo silencioso se confirmou:

Ao contar suas histórias,

Wagner Cardoso passou, definitivamente, para a nossa história.

E, desde então, sua palavra segue caminhando...de geração em geração...na própria eternidade de Campo Belo.

27 - A CONFIANÇA RENOVADA

A noite de 10 de abril de 1999 chegou sem alarde, mas carregada de decisões que moldariam o rumo da Academia Campo-belense de Letras. Nas dependências da Casa, esse refúgio de memória e palavra, reuniram-se, em sessão extraordinária, os acadêmicos e membros da diretoria, atendendo à convocação da presidente em exercício, Denise Cássia Garcia.

Havia no ambiente um sentimento curioso: mistura de rotina e expectativa. Sabia-se que o mandato da diretoria se aproximava do fim naquele mesmo mês, e a Academia, fiel aos seus ritos, precisava decidir os próximos passos.

Aberta a sessão, a presidente agradeceu a presença dos confrades e congreiras, destacando, com especial carinho, o apoio sempre diligente da primeira secretária, Júlia de Sá Carvalho. Em seguida, cumprindo o que determina o artigo 4º do Regimento Interno do sodalício, convidou os presentes a indicarem nomes para o novo pleito.

O silêncio que se seguiu não foi de dúvida.

Foi de consenso amadurecido.

Após ouvir atentamente as manifestações dos presentes, formou-se, quase naturalmente, uma corrente única de vontade. Por aclamação, gesto raro e eloquente, decidiu-se pela reeleição integral da atual diretoria, com prorrogação do mandato, nos termos do artigo 7º, inciso III, do Estatuto.

A decisão não nasceu do acaso.

Pesavam circunstâncias humanas e compreensíveis: alguns acadêmicos já não residiam no município; outros enfrentavam delicadas questões de saúde. Diante desse quadro, a continuidade surgia não apenas como solução administrativa, mas como ato de prudência institucional.

Consultados, todos os membros da diretoria aceitaram a responsabilidade renovada. E o fizeram com o mesmo compromisso que sempre norteou a Casa: cumprir fielmente os estatutos e zelar pelo bom funcionamento da Academia Campo-belense de Letras, essa guardiã da memória campo-belense.

Com a solenidade que o momento exigia, a presidente declarou reeleitos para o novo mandato:

Presidente: Denise Cássia Garcia

Vice-presidente: Milton Pereira Carvalhais

1ª Secretária: Júlia de Sá Carvalho

2º Secretário: Célio Bastos

1º Tesoureiro: Geraldo Raimundo de Souza

2ª Tesoureira: Maria Aparecida Cardoso Furtado

1º Bibliotecário: Edson José Teixeira

2º Bibliotecário: Brás Saturnino

Ficou ainda reafirmado que a presidente responde pela entidade na forma do Capítulo III, artigo 16, alíneas e e f do Estatuto, especialmente nas transações bancárias, recibos, prestações de contas e atos correlatos, assinando em conjunto com o primeiro tesoureiro — ou, na ausência deste, com o segundo tesoureiro.

Assim, sem rupturas nem sobressaltos, a Academia escolheu a continuidade.

Naquela noite de abril, não houve disputa, nem incerteza.

Houve confiança.

E, às vezes, é exatamente isso que mantém vivas as instituições que aprendem a atravessar o tempo.

Confesso, desde já, que poucas honras me tocaram tão profundamente quanto a de exercer a presidência da Academia Campo-belense de Letras.

Durante vinte e oito anos, quase três décadas de dedicação contínua, nossa confreira Denise Cássia Garcia ocupou a cadeira presidencial com rara combinação de virtude, elegância e firmeza. Não foi apenas uma gestão longa; foi uma travessia de responsabilidade, daquelas que exigem não só competência administrativa, mas também amor verdadeiro pela Casa.

Sob sua condução singular, a Academia manteve-se de pé, viva, pulsante, mesmo quando os ventos do tempo sopravam em direções menos favoráveis. Denise não apenas administrou, ela sustentou a Academia Campo-belense de Letras

com a serenidade de quem compreende o peso da memória e o valor da permanência.

Foi nesse contexto que, em abril de 2025, recebi um convite que me surpreendeu e me comoveu profundamente.

Não era um chamado comum.

Fui convidado a integrar a Academia não na condição de confrade, mas diretamente para assumir a presidência da augusta Casa de Miserani. Naquela reunião, que guardo viva na lembrança, meu nome foi submetido aos presentes. E, para minha sincera emoção, fui eleito por unanimidade, sucedendo aquela que por tantos anos fora o verdadeiro norte da instituição.

Assumi, então, não apenas um cargo, mas uma herança moral.

Herança construída por Denise Cássia Garcia ao longo de quase três décadas de zelo e compromisso.

Nesse período de transição, carregado de simbolismo, tive ainda a alegria de receber das mãos da própria Denise

uma obra que traduz muito de sua essência: o livro Os Garcia Frade, ascendentes e descendentes, podendo constatar que minha esposa Marlaysia (Isinha) e a nossa eterna presidente, tiveram ancestrais em comum, portanto parentes.

Trabalho de fôlego, fruto de cuidadosa e extensa pesquisa, a obra revela mais que uma genealogia; revela um profundo respeito pela família como alicerce da vida e da memória.

Ao folhear suas páginas, encontrei uma dedicatória que guardo com especial carinho:

“Ao ilustre Vicente Soares Neto,

com os cumprimentos da Denise Garcia.”

Recebi aquelas palavras como quem recebe um voto de confiança silencioso.

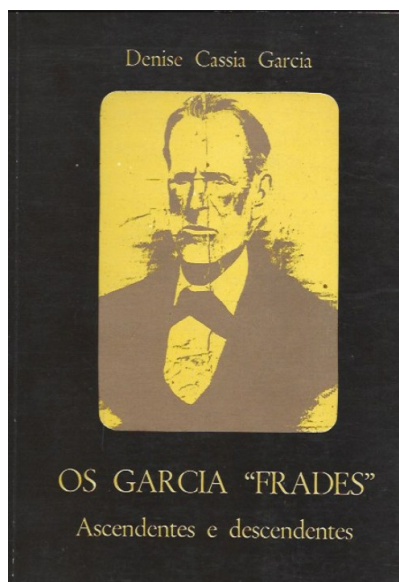
Por isso, registro aqui, com gratidão sincera, meu muito obrigado à congreira Denise Cássia Garcia pela confiança depositada em mim na indicação para presidir a Academia Campo-belense de Letras no período de julho de 2025 a julho de 2027.

Que eu saiba honrar essa confiança.

E que a nossa Casa de Letras continue, como sempre,
caminhando firme...

entre a memória que preserva

e o futuro que nos chama.



Ao folhear, com o devido recolhimento, as páginas da
história recente da Academia Campo-belense de Letras, emer-

ge, com delicada imponência, a figura da Confreira e Comendadora, Denise Cássia Garcia, cuja presença se fez constante e luminosa ao longo de vinte e oito anos de dedicada condução institucional.

Não se tratou apenas de uma permanência administrativa, mas de uma verdadeira vigília afetiva, na qual cada gesto seu parecia guiado por um compromisso silencioso com a continuidade da Casa e com a preservação de sua dignidade cultural.

Durante esse longo período, a ausência de chapas concorrentes não foi sinal de vazio democrático, mas antes expressão de uma confiança coletiva que se consolidava a cada nova recondução, como se a comunidade acadêmica, em uníssono, reconhecesse nela a guardiã mais segura daquele momento histórico.

Sob sua presidência, a Academia seguiu adiante com elegância discreta, mesmo quando os ventos externos sopravam com menos generosidade, exigindo da gestão não apenas competência, mas sensibilidade e firmeza de espírito.

Houve, é verdade, tempos em que a realidade financeira se apresentou dura e pouco complacente, impondo limites

que poderiam ter desestimulado administrações menos vocacionadas para o sacrifício silencioso.

A ausência de mensalidades regulares, em determinados períodos, transformou a rotina administrativa em um exercício contínuo de criatividade, prudência e, sobretudo, perseverança.

Em muitos momentos, a Academia caminhou sobre terreno estreito, onde cada decisão exigia ponderação cuidadosa para que a chama institucional não se enfraquecesse.

Ainda assim, Denise manteve-se serena, como quem compreende que certas missões exigem mais do coração do que das circunstâncias favoráveis.

Ao seu redor, formou-se uma equipe igualmente comprometida, que, sob sua orientação, aprendeu a transformar limitações em movimento e incertezas em continuidade.

Não foram poucos os desafios que se apresentaram ao longo dessa travessia administrativa, alguns deles silenciosos,

outros mais visíveis, mas todos exigindo presença firme e sensibilidade constante.

Em sucessivas reeleições por unanimidade, a congreira Denise foi reconduzida à presidência, não como quem repete um ciclo, mas como quem renova, a cada etapa, um pacto de cuidado com a instituição.

Cada recondução trazia consigo não apenas a honra do reconhecimento, mas também o peso renovado das responsabilidades que a função naturalmente impõe.

Mesmo em cenários financeiros adversos, a Academia não interrompeu seu ritmo de vida cultural, e isso se deve, em grande medida, à persistência afetuosa de sua presidente.

Diversos acadêmicos tomaram posse durante sua gestão, e cada cerimônia realizada representava mais que um ato formal, era, na verdade, uma reafirmação da vitalidade da Casa.

Havia, em cada solenidade, um cuidado visível com a tradição, como se Denise compreendesse que preservar ritos é também preservar memórias futuras.

Paralelamente às atividades institucionais, floresceram lançamentos de obras importantes para a história de Campo Belo e para o fortalecimento do acervo intelectual da própria Academia.

Esses livros, hoje repousando nas estantes da memória coletiva, são testemunhos concretos de que, mesmo em tempos de escassez, a produção cultural não foi interrompida.

Entretanto, como ocorre em muitas jornadas longas e exigentes, alguns registros documentais não acompanharam, com a mesma regularidade, a intensidade dos acontecimentos vividos.

Esse marco coincide com o lançamento da obra *Constante Batalha*, de autoria de Kleber de Oliveira Braga, momento que permanece como última inscrição formal naquele volume.

Após essa data, abre-se uma lacuna documental que, embora não apague os feitos realizados, convida as futuras gestões a completarem, com zelo, a histórica da Casa.

Importa reconhecer, contudo, que a ausência de registros não diminui a dimensão do trabalho efetivamente realizado.

Pelo contrário, evidencia o quanto a gestão esteve, muitas vezes, mais ocupada em manter a Academia viva do que em registrar, com a regularidade ideal, cada passo de sua caminhada.

Administrar em tempos de abundância é tarefa de organização; administrar em tempos de restrição é exercício de entrega.

E foi justamente essa entrega que marcou, com ternura e firmeza, a longa permanência de Denise à frente da instituição.

Seu estilo nunca foi o do alarde, mas o da constância silenciosa, aquela que sustenta sem precisar anunciar o esforço cotidiano.

Quem acompanhou de perto aqueles anos sabe que muitas conquistas nasceram de decisões tomadas com prudência quase maternal.

Havia, em sua condução, uma mistura rara de disciplina administrativa e cuidado humano.

Talvez por isso a Academia tenha atravessado períodos difíceis sem perder sua identidade nem sua dignidade cultural.

Hoje, ao se revisitar esse ciclo de vinte e oito anos, percebe-se que não foi apenas uma gestão prolongada.

Foi uma travessia paciente.

Foi um exercício contínuo de fidelidade institucional.

Foi, acima de tudo, uma demonstração de amor concreto por esta Casa das Letras, a Casa de Miserani.

Em nome dos confrades que, ao longo do tempo, ocuparam as cadeiras desta nobre instituição, impõe-se um registro de reconhecimento profundo e afetuoso.

Saudamos a confreira Denise Cássia Garcia por sua determinação serena e por sua coragem tranquila diante das limitações materiais.

Saudamo-la, igualmente, pelo carinho com que acolheu cada desafio, transformando dificuldades em oportunidades de permanência.

Que se reconheça, com justiça histórica, que muitos dos pilares hoje firmes da Academia foram sustentados por sua persistência cuidadosa.

Na condição de atual Presidente da Academia Campo-belense de Letras, exercício de julho de 2025 a julho de 2027, manifesto minha gratidão sincera e respeitosa por sua dedicação ao longo de tantos anos.

Que este registro permaneça como gesto de memória, mas também como expressão de afeto institucional por quem tanto se doou à Casa de Miserani.

E que a trajetória da confrreira Denise Cássia Garcia continue a inspirar, com sua ternura firme e seu amor perseverante, todos aqueles que vierem a servir esta veneranda Academia Campo-belense de Letras.

28 - DISCURSO DE POSSE

Boa noite...!

Excelentíssimos confrades, confreiras, autoridades aqui presentes, familiares, amigos e amantes das letras de nossa querida Campo Belo.

É com o coração pleno de emoção, e um profundo sentimento de gratidão, que assumo, neste instante solene, a honrosa missão de presidir a Academia Campo-belense de Letras.

Jamais imaginei, naquele longínquo 25 de setembro de 1993, quando tive a alegria de ser admitido nesta augusta casa, que um dia estaria diante de todos vocês com esta sublime missão e responsabilidade.

Permitam-me, inicialmente, voltar um pouco no tempo.

A memória me leva ao dia 21 de abril de 1979, quando, no salão nobre da Câmara Municipal, um sonho tomou

forma, pelas mãos visionárias do saudoso Dr. Oswaldo Alvarenga.

Nascia, ali, nossa Academia. Um templo de pensamentos e das palavras. Um santuário de ideias e de memórias. Um berço da cultura campo-belense.



Foto Arquivo Vicente Soares Neto

Foi naquele momento inaugural que o jornalista e poeta, Professor João Barbosa, foi aclamado nosso Presidente de Honra, justo reconhecimento a uma alma que viveu a palavra com intensidade e ternura.

E, como Patrono, foi escolhido o ilustre José Miserani de Carvalho, cuja obra Velharias, nos legou os primeiros ali-cerces da história de nossa cidade.

Esses nomes não pertencem apenas ao passado. Eles ecoam ainda hoje, em cada canto da cidade, e na verdade, são faróis que continuam a nos guiar.

Quero também fazer uma reverência especial à querida confreira Marli Carvalho Pacheco, então Presidente da Aca-demia na ocasião de minha admissão.

Marli, recebi de suas mãos acolhedoras o ingresso nes-te seletto grupo, com carinho e dignidade. Seu trabalho gene-roso permanece vivo na memória desta casa.

E, não poderia deixar de me dirigir com respeito e afe-to à confreira Denise Garcia, a quem tenho a honra de suce-der nesta Presidência.

Denise, sua dedicação e sensibilidade, marcaram um tempo de luz e de renovação. Você soube escutar as palavras que vinham do papel e as que vinham do silêncio.

Minha missão, a partir de hoje, é continuar o trabalho magnífico que você realizou, com a mesma paixão, com o mesmo amor, e com o mesmo compromisso com esta instituição, que tanto amamos.

A Academia Campo-belense de Letras não é apenas um conjunto de cadeiras ocupadas por escritores e poetas.

Ela é uma guardiã da alma da cidade. Aqui preservamos histórias, valorizamos nossa cultura, exaltamos nossos talentos e alimentamos o espírito de toda uma cidade. Cidade que tanto amo.

É neste espaço, onde convivem a memória e o sonho, o passado e o futuro, que encontraremos sempre as palavras certas, para inspirar as novas gerações. Porque a palavra escrita é um ato de eternidade.

Queridos confrades e congreiras, eu não caminho sozinho. Carrego comigo os versos que li e que fiz, os livros que me formaram e, os livros que escrevi, sobretudo, a fé, de que as letras podem transformar o mundo.

E, com vocês ao meu lado, sei que continuaremos a trilhar este caminho, com respeito, união, entusiasmo e, acima de tudo, com amor por Campo Belo.

Com imensa emoção, dou continuidade ao nosso discurso, agora com o coração voltado para o presente, e para os ventos de mudança, que sopram sobre nós, sobre o Brasil e sobre o mundo.

A Academia Campo-belense de Letras, esta joia preciosa fincada no coração das Alterosas, não está isolada no tempo nem no espaço.

Estamos inseridos, num cenário global em transformação profunda, e não há como ignorar a travessia pela qual todos passamos nos últimos anos.

A pandemia da Covid-19, com sua força devastadora, deixou marcas profundas em nossas vidas. Sofremos perdas irreparáveis, silêncios inesperados e distâncias que pareciam eternas.

Mas também, nos aproximamos por outras vias.

Reinventamos formas de estar juntos. E, nesse processo, as palavras ganharam ainda mais valor. Foram elas que nos consolaram, que nos reconectaram, que nos fizeram resistir.

E como se não bastasse, essa travessia dolorosa, eis que surge um novo tempo, veloz, desafiador e fascinante — impulsionado pelas tecnologias que agora moldam, com vigor, cada aspecto da vida humana. Vivemos a aurora de uma nova era: a era da Inteligência Artificial.

O mundo mudou. Mudou de maneira profunda e irreversível. E nós, escritores, poetas, cronistas, historiadores, somos testemunhas dessas mudanças — mas, mais do que isso, somos também parte ativa dessa transformação.

A palavra continua a ser o elo entre o ontem e o amanhã. E mesmo diante de algoritmos e máquinas que escrevem, compõem e até pensam, há algo que jamais será substituído: a alma humana que pulsa por trás de cada ideia, de cada verso, de cada livro e de cada lembrança.

A nós, da Academia Campo-belense de Letras, cabe agora não apenas o papel de conservar a memória, mas também o de dialogar com este novo mundo que se apresenta.

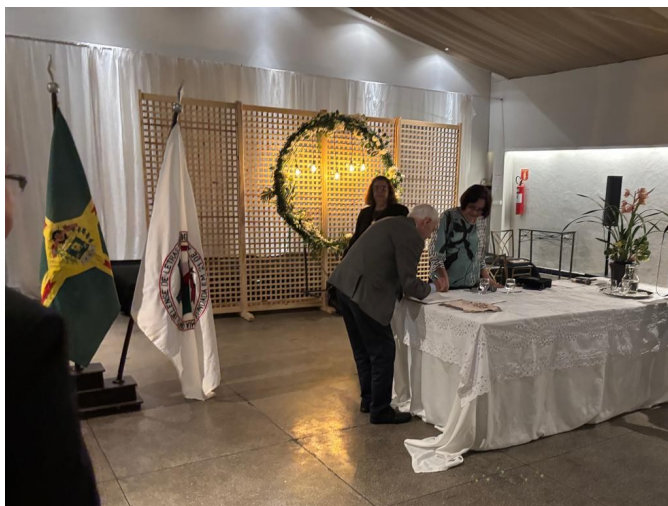


Foto Arquivo Vicente Soares Neto

Não há mais espaço para o medo da mudança. Ou nos adaptamos, ou nos calaremos. E se nos calarmos, fatalmente morreremos.

Mas eu sei e sinto, que a Academia não nasceu para o silêncio. Nós não tememos o novo. Nós o abraçamos com sensibilidade, com inteligência e com o coração aberto.

Seremos, mais do que nunca, ponte entre as tradições que reverenciamos e os futuros que vislumbramos. Porque a

cultura, a literatura e a memória não são inimigas da tecnologia. Pelo contrário: são seus alicerces mais humanos.

Esta casa seguirá viva, atuante e integrada.

Seremos exemplo para os jovens, referência para os estudiosos, farol para os que buscam sentido em meio ao turbilhão das mudanças. E faremos isso, com doçura, com afeto e com paixão.

Por fim, deixo aqui um compromisso: sob a luz dos que nos antecederam, com os olhos firmes no horizonte e os pés enraizados em Campo Belo, faremos da palavra, escrita, falada, cantada ou digital, o nosso eterno instrumento de transformação.

Que nossa Academia, continue sendo esta chama que aquece corações e ilumina consciências.

Muito obrigado!

Campo Belo, 12 de julho de 2025.

29 - O INÍCIO MOTIVADOR

O início de uma gestão raramente se apresenta como um caminho tranquilo. Muitas vezes, ele se assemelha a uma travessia silenciosa, na qual os primeiros passos são dados com cautela, observando o terreno e reconhecendo os desafios que se erguem no horizonte. Foi exatamente assim que começou a nova etapa da Academia Campo-belense de Letras.

No dia 12 de julho de 2025, iniciava-se um novo ciclo administrativo. Não era apenas a troca de um comando institucional, mas o início de uma jornada que carregava consigo expectativas, responsabilidades e sonhos acumulados ao longo de muitos anos de história da Academia.

Sabia-se, desde o primeiro instante, que o caminho não seria simples. As instituições culturais, assim como os próprios homens e mulheres que as compõem, vivem tempos de transformação, exigindo coragem, sensibilidade e visão de futuro.

Entretanto, mesmo diante dessa consciência das dificuldades, o espírito que marcou os primeiros momentos da gestão foi profundamente motivador. Havia no ar uma energia serena, mas firme, como se algo novo estivesse prestes a florescer dentro da instituição.

A Academia Campo-belense de Letras, guardiã da memória intelectual de sua terra, carregava consigo um patrimônio que não se media apenas em livros, discursos ou solenidades. Sua verdadeira riqueza sempre esteve nas pessoas que a compõem e nas ideias que ali encontram abrigo.

Foi com esse entendimento que a nova administração começou a se desenhar. Antes de qualquer projeto grandioso, surgia uma necessidade essencial: aproximar os acadêmicos, fortalecer vínculos e despertar novamente o sentimento de pertencimento àquela Casa de Letras.

Havia, portanto, uma intenção clara de organizar, harmonizar e integrar. Não se tratava apenas de administrar uma instituição, mas de reconstruir pontes invisíveis entre os confrades e confradeiras, permitindo que o diálogo e a convivência intelectual se tornassem ainda mais vivos.

Essa proposta de integração surgia como uma semente lançada em solo fértil. Porém, como toda semente, ela exigiria cuidado, paciência e perseverança para que pudesse germinar e revelar seus frutos.

A ideia de união começou a se tornar o eixo central daquela gestão. Em torno dela, lentamente, novas iniciativas passaram a surgir, cada uma trazendo consigo o propósito de fortalecer a Academia e ampliar sua presença cultural.

Os acadêmicos foram, pouco a pouco, convidados a olhar além das rotinas habituais. A reflexão sobre o futuro da instituição passou a ocupar espaço nas conversas, nos encontros e nas expectativas que começavam a se formar.

Era o início de um movimento silencioso, porém significativo. Uma mudança que não se impunha pela força, mas pela inspiração.

Nesse contexto, a modernização da Academia também passou a ser discutida. O mundo avançava rapidamente, e as instituições culturais precisavam encontrar novas formas de dialogar com a sociedade sem perder sua essência.

A Academia Campo-belense de Letras, com sua tradição e dignidade, encontrava-se diante de um momento delicado: preservar sua história e, ao mesmo tempo, abrir caminhos para o futuro.

Essa dualidade exigia equilíbrio. Era preciso caminhar entre o respeito às raízes e a coragem de inovar.

Foi nesse cenário que Vicente Soares Neto assumiu o desafio de conduzir essa etapa da instituição. Não como alguém que detinha todas as respostas, mas como quem compreendia a importância de ouvir, dialogar e construir coletivamente.

A liderança que se iniciava naquele momento tinha um propósito claro: fortalecer a integração entre os membros da Academia e renovar o entusiasmo pela vida literária e cultural da Casa.

Ao mesmo tempo, surgia outro objetivo igualmente significativo: abrir espaço para novos acadêmicos, permitindo que novas vozes, novas ideias e novos talentos pudessem enriquecer a tradição da instituição.

Cada novo membro representaria não apenas uma cadeira ocupada, mas uma nova história que se entrelaçaria com o legado da Academia.

Assim, lentamente, a gestão começava a revelar seus primeiros contornos. Pequenas iniciativas, encontros, reflexões e projetos formavam as bases de algo que ainda estava em construção.

Mas, como em toda jornada marcada por grandes propósitos, havia também desafios invisíveis, dificuldades que ainda não haviam se revelado por completo.

O tempo, silencioso e paciente, trataria de mostrar que aqueles primeiros passos eram apenas o início de uma caminhada muito maior, uma caminhada que ainda reservava obstáculos, descobertas e momentos decisivos para o futuro da Academia Campo-belense de Letras.

30 - A PRIMEIRA SESSÃO SOLENE

Os primeiros meses da nova gestão ainda estavam envoltos naquele clima de expectativa que acompanha todo início de jornada. As ideias começavam a tomar forma, os encontros tornavam-se mais frequentes e, pouco a pouco, a Academia Campo-belense de Letras voltava a pulsar com uma energia renovada.

Foi nesse ambiente de reencontro e reorganização que surgiu a oportunidade de realizar a primeira grande sessão solene da gestão. Mais do que um evento protocolar, ela se apresentava como um símbolo concreto daquilo que se buscava construir desde o primeiro dia: integração, reconhecimento e fortalecimento da vida acadêmica.

Assim, aquilo que no capítulo anterior aparecia como intenção e propósito começava agora a se transformar em realidade. A Academia abria suas portas não apenas para mais uma cerimônia, mas para um momento destinado a marcar profundamente a memória da instituição.

Entre os momentos mais aguardados da solenidade estava a entrega da Medalha da Comenda Dr. Oswaldo Alvarenga, distinção máxima concedida pela Academia Campobense de Letras. Não se tratava apenas de uma medalha ou de um gesto simbólico; tratava-se de um reconhecimento que carrega consigo a memória de uma tradição.

A comenda, ao repousar sobre o peito de seus agraciados, parecia trazer consigo o peso sereno da história da Academia. Era como se naquele pequeno objeto metálico estivesse condensada a gratidão de gerações inteiras de acadêmicos.

Seu nome evocava a figura do Dr. Oswaldo Alvarenga, cuja memória permanece associada ao espírito de dedicação à cultura e à palavra escrita. Cada vez que essa medalha é concedida, renova-se também o compromisso de manter vivos os valores que sustentam a instituição.

A luz que refletia em sua superfície durante a cerimônia parecia transformar a medalha em algo mais do que um

ornamento honorífico. Ela se tornava um símbolo silencioso de permanência, de legado e de continuidade.

Recebê-la significava mais do que ser homenageado. Significava ser reconhecido como parte da própria história da Academia.

E naquela noite especial, duas trajetórias profundamente ligadas à instituição seriam celebradas através dessa distinção.

Quando os nomes de Marli Pacheco e Denise Cássia Garcia foram anunciados, percebeu-se imediatamente que a homenagem possuía um significado que ultrapassava o protocolo. Não se tratava apenas de reverenciar duas ex-presidentes, mas de reconhecer duas histórias que ajudaram a sustentar e a engrandecer a Academia ao longo de muitos anos.

Cada uma, à sua maneira, havia contribuído para manter viva a chama da cultura literária dentro daquela Casa.

E naquele instante, diante do olhar atento dos confrades, confreriras e convidados, tornava-se evidente que a Aca-

demia prestava tributo não apenas a duas pessoas, mas a dois capítulos fundamentais de sua própria história.



Vicente Soares – Inaê Leandro – Denise Garcia – Marli Pacheco e Daniel Édson. - Foto Roberto Murilo



Daniel Édson e Inaê Leandro – Foto Roberto Murilo



Denise Garcia – Marli Pacheco – Foto Roberto Murilo

AÇÕES INICIAIS DE MODERNIDADE

Se as solenidades representam o brilho público de uma instituição, são os gestos administrativos, muitas vezes silenciosos, que sustentam sua verdadeira estrutura. Assim ocorreu nos primeiros momentos da gestão iniciada em julho de 2025 na Academia Campo-belense de Letras.

Antes que novos projetos pudessem florescer, era necessário organizar as bases institucionais que permitiriam à Academia desenvolver suas atividades com segurança jurídica, estabilidade administrativa e visão de futuro.

Entre as primeiras ações empreendidas esteve a resolução das pendências existentes no período transitório junto à Receita Federal. Esse passo, aparentemente técnico, possuía enorme importância para a regularização plena da instituição e para a continuidade de suas atividades.

Com dedicação e atenção aos detalhes legais, a diretoria empenhou-se em reorganizar toda a documentação neces-

sária, garantindo que a Academia estivesse plenamente alinhada às exigências administrativas e fiscais.

Dentro desse processo de reorganização institucional, surgiu também a necessidade de atualizar os instrumentos que regem a vida da instituição. Foi então que se concretizou a criação de um novo estatuto da Academia Campo-belense de Letras.

Esse estatuto, elaborado inicialmente com grande zelo pela confreira Marli Pacheco, representou um importante marco de modernização normativa. O documento foi cuidadosamente estruturado para refletir tanto a tradição da Academia quanto as necessidades contemporâneas de sua administração.

Após sua elaboração e aprovação, o estatuto foi devidamente registrado em cartório na cidade de Campo Belo, passando a constituir o fundamento legal que orientaria os trabalhos da instituição nos anos seguintes.

O segundo passo fundamental foi o registro formal da ata de posse da nova diretoria, documento indispensável para que a administração pudesse exercer plenamente suas atribuições.

Com essas providências concluídas, a Academia finalmente alcançava uma condição institucional que lhe permitia avançar para novas etapas de organização e funcionamento.

Foi nesse momento que se tornou possível a criação de uma conta bancária oficial da instituição, destinada ao recebimento das contribuições mensais dos acadêmicos.

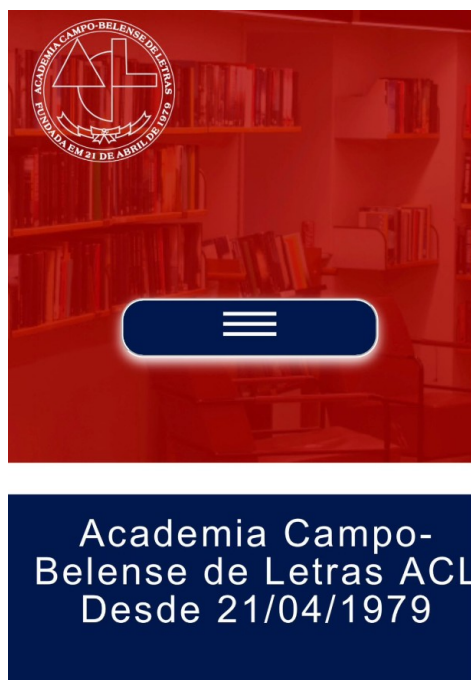
Esse gesto representou um importante avanço administrativo. Pela primeira vez, a Academia passava a contar com um mecanismo financeiro organizado, capaz de garantir maior transparência e eficiência na gestão de seus recursos.

Cabe destacar que a adesão dos confrades e confreriras a esse sistema de contribuições foi imediata e extremamente positiva. Todos compreenderam a importância desse passo para o fortalecimento da instituição.

O espírito de cooperação que marcou essa decisão demonstrou, mais uma vez, o compromisso coletivo dos membros da Academia com o futuro da Casa das Letras.

Mas a modernização da instituição não se restringiu apenas aos aspectos administrativos. A gestão também buscou inserir a Academia no universo digital, ampliando sua presença e sua capacidade de diálogo com a sociedade.

Foi assim que nasceu o site oficial da Academia Campo-belense de Letras, disponível no endereço www.aclcb.com.br



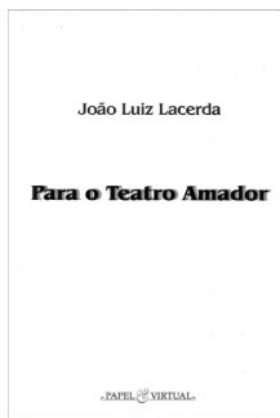
Site da ACL

Esse portal tornou-se rapidamente uma importante vitrine institucional. Nele passaram a constar informações sobre os acadêmicos, dados institucionais da Academia e canais diretos de contato com a presidência.

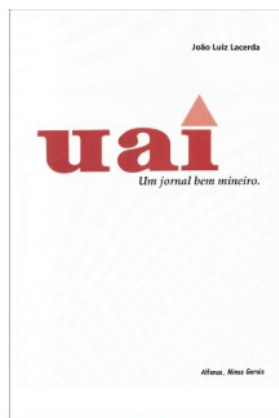
Entre os elementos mais significativos do site encontra-se a criação de uma biblioteca virtual, iniciativa que representa um verdadeiro marco cultural para a instituição.



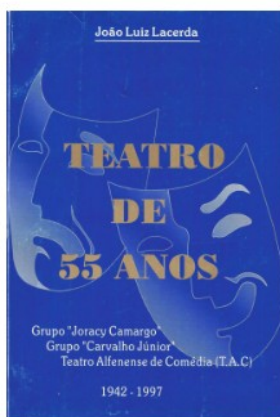




Download



Download



Download



Download

Livros em PDF – Disponíveis sem custo para o leitor

Por meio dessa biblioteca digital, diversos escritores integrantes da Academia puderam disponibilizar suas obras para leitura gratuita, permitindo que leitores de diferentes lugares tivessem acesso à produção literária de seus membros.

Essa iniciativa ampliou significativamente o alcance cultural da Academia, transformando o ambiente digital em uma extensão natural da própria Casa das Letras.

No mesmo movimento de organização institucional, foram criados também canais oficiais de comunicação eletrônica. O presidente passou a contar com o endereço presidente@aclcb.com.br, enquanto a tesouraria recebeu o e-mail tesouraria@aclcb.com.br, estabelecendo um sistema claro e transparente de comunicação.

Essas iniciativas reforçaram a estrutura administrativa da instituição, permitindo maior eficiência no relacionamento entre diretoria, acadêmicos e comunidade.

Outro aspecto inovador do portal institucional foi a possibilidade de inserir espaços destinados à divulgação de

empresas e profissionais liberais, criando oportunidades de apoio financeiro à Academia.

Essas parcerias contribuíram para ampliar a receita institucional, ajudando a sustentar as atividades culturais e administrativas da entidade.

Assim, pouco a pouco, a Academia Campo-belense de Letras consolidava uma estrutura moderna, organizada e preparada para os desafios de seu tempo.

Paralelamente a essas iniciativas, foram estabelecidas reuniões mensais regulares, realizadas com rigor e compromisso.

Esses encontros tornaram-se momentos essenciais de diálogo, onde os acadêmicos podiam apresentar ideias, sugestões e reflexões sobre os caminhos da instituição.

Mais do que reuniões administrativas, esses encontros passaram a representar verdadeiros momentos de convivência intelectual e fortalecimento dos laços de amizade.

Ali, entre conversas, debates e projetos, consolidava-se um ambiente de colaboração que reafirmava o espírito fraterno da Academia.

Dessa forma, a gestão iniciada em julho de 2025 não apenas reorganizou os fundamentos institucionais da Academia Campo-belense de Letras, mas também criou as condições necessárias para que a instituição pudesse seguir adiante com segurança, modernidade e união entre seus membros.

E assim, alicerçada em bases sólidas, a Casa das Letras preparava-se para novos projetos, novas realizações e novos capítulos de sua história cultural.

31 - A CRIAÇÃO DE COMISSÕES

Há instituições que nascem de decretos, de documentos e de assinaturas. Outras, porém, nascem do sopro invisível da sensibilidade humana. São criadas quando homens e mulheres decidem que a palavra — essa delicada centelha do pensamento — merece um lar, um abrigo, um lugar onde possa atravessar o tempo sem se perder no silêncio. A Academia Campo-belense de Letras pertence a essa segunda categoria. Ela não é apenas um espaço físico, nem somente uma organização cultural. É, sobretudo, um território do espírito, onde as letras se encontram com os corações que lhes dão vida.

Em cada geração que passa, a Academia revive o mesmo desafio silencioso: preservar o passado sem deixar de abrir caminhos para o futuro. A tradição precisa de raízes, mas também precisa de horizontes. E foi justamente nesse delicado equilíbrio entre memória e renovação que se desenharam, no ano de 2025, alguns dos gestos administrativos mais significativos de sua história recente.

À primeira vista, poderiam parecer atos simples. Criações formais, registros institucionais, decisões de gestão. Contudo, quando vistos com o olhar mais atento da história, revelam-se muito mais que isso. São sinais de maturidade institucional. São movimentos discretos, porém decisivos, que demonstram o compromisso da Academia com sua permanência, com sua organização e, sobretudo, com sua missão cultural.

A criação de comissões no âmbito da Academia Campo-belense de Letras surgiu exatamente dessa consciência. Não se tratava apenas de dividir tarefas ou organizar responsabilidades. Tratava-se de criar espaços de dedicação coletiva, onde diferentes talentos pudessem contribuir para o fortalecimento da instituição. Cada comissão representaria uma extensão viva da diretoria, um braço ativo da Academia na construção de seu próprio futuro.

Assim, logo no ano de 2025, a diretoria da Academia, no uso das atribuições que lhe confere o Estatuto Social, especialmente o que estabelece o artigo 12, inciso I, deu início a uma das primeiras iniciativas administrativas daquele ciclo. Nascia, naquele momento, a Comissão de Patrimônio, institu-

ída com caráter especial e temporário, destinada a cuidar, organizar e zelar pelo patrimônio material e imaterial da instituição.

Pode parecer simples falar de patrimônio. No entanto, quando se trata de uma casa de letras, essa palavra ganha contornos muito mais amplos. O patrimônio de uma academia literária não se resume apenas aos móveis que ocupam suas salas, nem aos livros cuidadosamente alinhados em suas estantes. Ele também vive nas memórias compartilhadas, nas histórias narradas entre acadêmicos, nas páginas escritas que atravessam o tempo e nos ideais que sustentam sua existência.

Cuidar desse patrimônio é, portanto, um gesto de reverência à própria história.

Foi nesse espírito que a acadêmica Júlia de Sá foi designada para exercer a função de gerente da Comissão de Patrimônio. A ela foi confiada a responsabilidade de coordenar os trabalhos, organizar levantamentos, apresentar relatórios e submeter propostas à diretoria da Academia. Mais do que uma

função administrativa, tratava-se de uma missão de zelo institucional.

A comissão passaria a desenvolver suas atividades em consonância com as diretrizes da diretoria, permanecendo em funcionamento enquanto fosse necessário para cumprir seus objetivos. O trabalho ali desenvolvido possuía também um propósito estratégico: preparar a Academia para atender plenamente às exigências legais aplicáveis às instituições do terceiro setor, garantindo transparência, organização e segurança patrimonial.

Assim, de forma silenciosa e meticulosa, a Academia começava a fortalecer suas próprias bases.

Mas a organização de uma instituição não se sustenta apenas pela preservação de seus bens. Ela também depende da clareza de suas normas, da harmonia de suas práticas e da existência de instrumentos que orientem a convivência entre seus membros. Foi com essa compreensão que surgiu o segundo grande movimento administrativo daquele período.

A presidência da Academia decidiu instituir uma comissão responsável pela elaboração do Regimento Interno da instituição. Esse documento, tão essencial quanto muitas ve-

zes invisível, seria responsável por orientar o funcionamento cotidiano da Academia, definindo procedimentos, responsabilidades e formas de participação.

Para essa missão foram escolhidos dois acadêmicos cuja trajetória profissional unia saber jurídico e compromisso cultural: o doutor Carlos Henrique Soares e o doutor Arthur Edmundo de Souza Rios.

Ambos aceitaram a tarefa com o senso de responsabilidade que ela exigia.

A comissão foi oficialmente instituída em 25 de setembro de 2025. A partir desse momento iniciou-se um trabalho paciente, marcado por debates, análises jurídicas e reflexões institucionais. Cada artigo do futuro regimento era discutido com atenção, pois ali não se escreviam apenas normas: escreviam-se princípios de convivência acadêmica.

Durante semanas, ideias foram avaliadas, conceitos foram aprimorados e o texto foi ganhando forma.

Até que chegou o momento em que aquele esforço coletivo poderia finalmente ser apresentado à apreciação da Assembleia Geral.

No dia 13 de novembro de 2025, a Academia Campobense de Letras viveu um daqueles instantes discretos, porém profundamente significativos para sua história. O Regimento Interno foi aprovado, consolidando um importante instrumento de organização institucional.

Nesse momento, tornou-se impossível não reconhecer a dedicação de todos aqueles que contribuíram para a construção daquele documento.

Além dos membros da comissão, merece especial destaque a colaboração da doutora Denise Cássia Garcia, cuja participação foi decisiva para que o trabalho alcançasse a qualidade e a consistência necessárias.

Contudo, se a organização institucional era fundamental, havia também outra preocupação que pulsava no coração da Academia: o futuro da literatura local.

Pois nenhuma instituição cultural permanece viva se não souber dialogar com as novas gerações.

Foi dessa inquietação generosa que nasceu o Ato nº 4 de 2025, talvez um dos gestos mais simbólicos daquele período administrativo.

Criou-se, então, a Comissão de Jovens Acadêmicos.

Sua missão era clara e profundamente inspiradora: promover a integração de jovens talentos literários e fortalecer o vínculo entre a Academia e aqueles que representam o futuro da criação literária.

Para conduzir esse projeto foi nomeada a acadêmica Inaê Leandro, a quem foi confiada a responsabilidade de coordenar os trabalhos de identificação, incentivo e acompanhamento de jovens escritores.

A comissão recebeu também a atribuição de propor critérios de seleção, formação e acompanhamento desses novos talentos, sempre observando os valores, os princípios e os objetivos que orientam a Academia Campo-belense de Letras.

Mas havia ainda um detalhe de rara beleza simbólica nessa iniciativa.

Ficou estabelecido que os patronos das cadeiras da futura Academia Campo-belense de Jovens seriam os nomes dos acadêmicos que originalmente ocuparam as quarenta cadeiras da Academia Campo-belense de Letras.

Era como se o passado estendesse a mão ao futuro.

Como se cada fundador continuasse, de alguma forma, inspirando aqueles que ainda irão escrever suas próprias histórias.

Assim, entre decisões administrativas e gestos de sensibilidade cultural, a Academia foi tecendo discretamente novas páginas de sua trajetória.

Páginas que talvez não façam barulho nos grandes acontecimentos do mundo.

Mas que possuem um valor incalculável para aqueles que acreditam no poder da palavra.

Porque livros nascem de escritores.

Mas instituições literárias nascem da união entre memória, responsabilidade e esperança.

E quando corações dedicados se unem para proteger as letras, algo extraordinário acontece.

O tempo passa.

As gerações se renovam.

Mas a chama da cultura permanece acesa.

E é justamente essa chama, feita de sonhos, histórias e palavras, que continua iluminando o caminho da Academia Campo-belense de Letras, para que, no encontro eterno entre corações e letras, a memória nunca deixe de florescer.

32 - A SEGUNDA SESSÃO SOLENE

Senhoras e senhores, estimados acadêmicos, autoridades, convidados e amigos da cultura, é com profunda alegria e elevado sentimento de gratidão que declaramos aberta esta Sessão Solene Comemorativa dos 47 anos da Academia Campo-belense de Letras.



Inaê Leandro – Vicente Soares – Júlia de Sá – Foto Roberto Murilo

Ao longo de quase meio século, esta respeitável instituição tem sido guardiã da memória, promotora da cultura e palco onde florescem as letras, os pensamentos e os sonhos daqueles que acreditam na força transformadora da palavra.

Hoje celebramos não apenas uma data, mas uma trajetória construída com dedicação, idealismo e amor à literatura.

Nesta ocasião tão especial, registramos nossos mais sinceros agradecimentos à secretária da Academia, Júlia de Sá Carvalho, e à dedicada confreira Inaê Leandro, cujo empenho, organização e sensibilidade tornaram possível a realização desta solenidade.



Acadêmicos presentes – Foto Roberto Murilo

Também agradecemos ao Sr. Carlucio Murta, e equipe pela valiosa amizade que possibilitou estarmos hoje aqui, realizando esta Sessão Solene.

O trabalho cuidadoso de todos, realizado com zelo e espírito de colaboração, reflete o compromisso com a grandeza desta Casa de Letras e demonstra que os bastidores de uma celebração também são espaços de verdadeira dedicação cultural.

A todos os presentes, acadêmicos, autoridades, familiares e amigos, expressamos nossa mais sincera gratidão pela honrosa presença nesta noite memorável.

A participação de cada um fortalece os laços que unem esta comunidade literária e reafirma o valor da Academia Campo-belense de Letras como espaço de encontro, reflexão e celebração da cultura.

Que esta sessão seja marcada pela alegria, pelo reconhecimento e pela renovação do compromisso com as letras, com a história e com o futuro da nossa Academia.

Com profunda alegria no espírito e reverência no coração, saudamos a todos os presentes e declaramos aberta esta Sessão Festiva da Academia Campo-belense de Letras.

Reunimo-nos nesta noite de memória e celebração para honrar a trajetória luminosa de 47 anos de dedicação ininterrupta à cultura da Língua Portuguesa e à grandeza da Literatura Brasileira, missão que esta Casa tem abraçado com zelo, dignidade e amor às letras.

A Academia Campo-belense de Letras, ao longo de sua fecunda caminhada, tem sido abrigo generoso e altar simbólico do pensamento, acolhendo em seu seio mulheres e homens cuja inteligência, sensibilidade e compromisso cívico engrandecem o nosso patrimônio cultural.

Aqui se entrelaçam as vozes de escritores, cronistas e poetas; aqui floresce o saber de professores, médicos, advogados, engenheiros e magistrados.

Aqui se elevam, com nobre distinção, personalidades que se destacam nas múltiplas vertentes das ciências e das artes do espírito.

Nesta sessão particularmente significativa, além de celebrarmos quase meio século de labor cultural, temos a elevada honra de outorgar a Comenda Dr. Osvaldo Alvarenga a diversos confrades e congreiras cujo mérito intelectual, dedicação à cultura e serviços prestados à comunidade literária e social os tornam dignos do mais respeitoso reconhecimento desta Casa.

Que esta solenidade seja, ao mesmo tempo, tributo e inspiração — tributo àqueles que edificaram e sustentam esta Casa de Letras, e inspiração para que prossigamos, com ternura e firmeza, no cultivo da palavra, na defesa da cultura e no engrandecimento do espírito humano.

Sejam todos, calorosamente bem-vindos.

Homenagem da ACL realizada por INAÊ LE-ANDRO

Temos uma grande surpresa para esta noite. A apresentação aos imortais desta Casa, do Hino da Academia Campo-belense de Letras. Com música de José Newton Almeida Noronha e letra de Vicente Soares Neto.

José Newton Almeida Noronha nasceu em 11 de julho de 1951, na cidade de São Gonçalo do Sapucaí, no Sul de Minas Gerais, filho de David Carvalho Almeida e Adelina de Siqueira Noronha. Desde muito cedo revelou sua sensibilidade artística, iniciando sua trajetória musical aos oito anos de idade, quando, de forma autodidata, começou a tocar acordeão.

Aos quatorze anos, encontrou no violão o instrumento que se tornaria seu grande companheiro de expressão musical.

Durante o período estudantil, participou de inúmeros festivais na região sul-mineira, onde seu talento ganhou destaque não apenas como instrumentista, mas também como compositor, letrista e intérprete, consolidando uma identidade artística marcada pela emoção e pela autenticidade.

Paralelamente à música, José Newton trilhou uma sólida carreira profissional. Graduou-se em Administração e atuou em importantes instituições e empresas, como General Motors, Telemig, Valep e ECT – Correios. Mesmo dedican-

do-se intensamente à vida profissional, jamais se afastou da arte que sempre pulsou em seu coração.

A música permaneceu como presença constante em sua vida, seja por meio de apresentações individuais ou participando de grupos musicais. Hoje, residindo na cidade de Pouso Alegre, Minas Gerais, continua cultivando a criação musical, mantendo viva sua inspiração na Música Popular Brasileira, com composições que em breve estarão disponíveis nas plataformas digitais.

Foi esse talento musical que levou José Newton Almeida Noronha a compor a melodia e a harmonia do Hino da Academia Campo-belense de Letras, obra que ganhou forma poética através da letra escrita pelo escritor e poeta Vicente Soares Neto, nosso atual Presidente. Reconhecido por sua sensibilidade literária e profundo amor pelas letras, Vicente Soares construiu versos que exaltam a cultura, a memória e a vocação literária da instituição.

A união entre a musicalidade inspiradora de José Newton e a poesia elegante de Vicente Soares Neto deu origem a um hino que simboliza o espírito da Academia, transformando

música e palavra em um tributo permanente à arte, à cultura e ao legado intelectual da Casa de Miserani.

Por esta grande contribuição musical para a Academia Campo-belense de Letras, nesta data em que completamos 47 anos de existência, a Casa de Miserani, concede o Título de Acadêmico Honorário, ao confrade e imortal, compositor José Newton Almeida Noronha.

Presidente homenageia os 47 anos da Academia.

Confreiras e Confrades, Senhoras e Senhores,

Ao recordarmos esta noite tão significativa, parece que o tempo nos convida a voltar, com delicadeza e reverência, àquela tarde luminosa de 21 de abril de 1979.

Campo Belo celebrava o centenário de sua história, e o próprio céu parecia inclinar-se sobre a cidade como quem guarda um segredo.

No Salão Nobre da Câmara Municipal, enquanto o sol dourava telhados e memórias, algumas almas inquietas se reuniam não apenas para uma reunião formal, mas para dar abri-

go a um sonho antigo: o de que as palavras também precisavam de uma casa.

No centro desse instante majestoso estava o doutor Oswaldo Alvarenga, homem que compreendia que cuidar de uma cidade não é apenas tratar suas dores visíveis, mas preservar aquilo que sustenta sua alma: a memória, a cultura e o pensamento.

Ao redor dele, reuniam-se professores, poetas, jornalistas, educadores e sonhadores, homens e mulheres que, cada qual à sua maneira, traziam nas mãos não apenas papéis, mas fragmentos da própria história desta Terra.

E, mesmo aqueles que não estavam fisicamente presentes, pareciam ocupar silenciosamente suas cadeiras, como se o espírito das letras tivesse decidido, naquele instante, tomar morada definitiva entre nós.

Quando as primeiras palavras ecoaram naquele salão, talvez ninguém pudesse imaginar plenamente o alcance daquele gesto.

Fundar a Academia Campo-belense de Letras era mais do que instituir uma entidade: era acender uma chama que de-

veria atravessar gerações. Uma chama que guardaria histórias, inspiraria novos escritores, despertaria leitores e manteria viva a delicada arte de transformar a vida em palavra.

Hoje, quarenta e sete anos depois, ao celebrarmos esta trajetória, percebemos que aquela noite não foi apenas um início, foi um convite ao futuro.

Um convite que continua sendo aceito para cada acadêmico, para cada leitor, para cada voz que encontra abrigo nesta casa das letras.

Porque a Academia nasceu naquele dia, é verdade..., mas sua história, como toda grande obra, continua sendo escrita, verso por verso, sonho por sonho, coração por coração.

Presidente homenageia o Comendador, in memoriam José Augusto de Carvalho

Numa pequena cidade mineira chamada Iguatama, no dia 19 de março de 1924, nascia uma alma destinada a caminhar entre duas harmonias eternas: a das palavras e a da música.

Filho de João Augusto Gomes e Petrina de Carvalho, cresceu em um ambiente onde os livros começaram cedo a sussurrar-lhe histórias.

Incentivado pelo avô Pedro, formou ainda menino uma pequena biblioteca infantil, como se pressentisse que, nas páginas silenciosas, habitavam universos inteiros.

Aprendeu a ler muito cedo, e, desde então, a leitura tornou-se para ele não apenas hábito, mas companhia constante na travessia da vida.



*Entrega da Medalha de Comendador “in memoriam”
ao José Augusto de Carvalho, recebida pelo seu filho Carlos
Carvalho – Foto Roberto Murilo*

Pouco depois, outro encanto lhe abriu novos horizontes: a música. Sob o incentivo de seu tio-avô José Sabino de Carvalho, aproximou-se das bandas e dos instrumentos, descobrindo na requinta e na clarineta novos modos de conversar com o mundo.

Aos dez anos já dominava a leitura e a escrita musical, e, aos treze, tocava órgão e harmônio com notável habilidade. Era como se as notas também desejassem morar em seu espírito. Não tardou para que começasse a compor, dando início a uma produção que, ao longo da vida, resultaria em dezenas de melodias.

Em 1940, seus caminhos o trouxeram a Campo Belo, onde ingressou no Colégio Dom Cabral. Ali, entre estudos e livros, chegou a substituir professores nas aulas de francês, revelando desde cedo sua vocação para o saber e para o ensino. Foi também naquele ambiente que encontrou o grande amor de sua vida, Nilza Eliazar de Carvalho, com quem se casaria após ingressar no Banco do Brasil.

Sua trajetória profissional o levaria a diversas cidades do país, mas o vínculo com Campo Belo permaneceria profundo, como uma raiz que nunca se desprende da terra que escolheu para florescer.

E foi justamente em Campo Belo que sua história se entrelaçou definitivamente com a cultura da cidade.

Em 1979, durante as celebrações do centenário municipal, tornou-se um dos fundadores da Academia Campobelense de Letras. Autor de obras dedicadas à memória cultural e à música erudita, compositor de hinos e reconhecido com diversas honrarias: entre elas o título de Cidadão Benemérito de Campo Belo e a Medalha da Inconfidência, deixou um legado que ultrapassa partituras e páginas. Quando partiu, em 15 de fevereiro de 2015, não levou consigo o silêncio; deixou, antes, uma melodia duradoura de saudade, que ainda ecoa na memória da cidade e nas páginas da cultura que ajudou a construir.

Homenageamos aqui, por indicação do Professor Edson José Teixeira o Comendador José Augusto de Carvalho, in memoriam, na presença de seu filho e meu grande amigo Carlos Roberto de Carvalho.

Presidente Homenageia o Comendador Nílson Reis

Entre as paisagens serenas de Cristais, em Minas Gerais, nasceu, em 8 de fevereiro de 1939, o Comendador Nílson Reis, filho de Modestino Ferreira Reis e Nazira Conceição Reis.

Desde cedo, sua vida começou a ser tecida entre o estudo, a disciplina e o profundo respeito pelo conhecimento. Das primeiras letras aprendidas nos grupos escolares de Cristais e de Campo Belo até os bancos do tradicional Colégio Dom Cabral, já se percebia o espírito atento de um jovem que buscava na educação não apenas um caminho profissional, mas uma forma de compreender e servir ao mundo.

Essa jornada de formação conduziu-o a Lavras e, depois, a Belo Horizonte, onde consolidou sua vocação jurídica ao ingressar na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, formando-se em 1964.



***Entrega da Comenda ao Nilson Reis, pelo Arthur Rios. –
Foto Roberto Murilo***

Ali floresceu não apenas o estudante dedicado, mas também o líder acadêmico, participando ativamente da vida universitária. Mais tarde, aprofundaria seus estudos com a pós-graduação em Direito Público, fortalecendo uma trajetória que o conduziria a ocupar alguns dos mais respeitados postos da magistratura mineira.

Ao longo dos anos, o Comendador Nilson Reis construiu uma carreira marcada pela responsabilidade pública e pela busca constante pela justiça.

Atuou como juiz, chegou ao Tribunal de Alçada e tornou-se desembargador do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, deixando sua marca em diversas comissões, conselhos e projetos institucionais. Além disto, recebeu a condecoração com a Medalha de Honra da Inconfidência Mineira.

Paralelamente, nunca abandonou a vocação pelo ensino e pela reflexão intelectual: foi professor, conferencista, articulista e autor de relevantes estudos jurídicos, compartilhando saberes com gerações de estudantes e profissionais do direito.

Mas sua história também se entrelaça profundamente com a cultura e a vida intelectual de Campo Belo. Membro fundador da Academia Campo-belense de Letras, onde exerceu a presidência com grande liderança, Nilson Reis ajudou a consolidar esta casa como espaço de pensamento, diálogo e memória.

Condecorado com inúmeras honrarias e reconhecido em várias cidades mineiras, sua trajetória revela algo maior que cargos ou títulos: revela o compromisso silencioso de uma vi-

da dedicada à justiça, ao saber e ao fortalecimento das instituições que preservam a dignidade humana e a cultura de nossa terra.

Presidente homenageia o Comendador Francisco de Assis Correa

Em 29 de agosto de 1963, na querida cidade de Campo Belo, nascia o Comendador Francisco de Assis Corrêa, filho de Vicente de Paulo Corrêa e Maria Aparecida Corrêa, ambos já saudosos na memória de todos que os conheceram.

Primogênito de uma família humilde e trabalhadora, cresceu ao lado dos irmãos José de Paulo e Joaquim, sob o calor de um lar onde imperavam o afeto, a responsabilidade e o espírito de colaboração. Mais tarde, formaria sua própria família ao lado de Maria Aparecida Silva Corrêa, união que floresceu na filha Júnia Caroline e, com o passar do tempo, nos netos Isabella e Gabriel, novas luzes que prolongam, com ternura, a continuidade de sua história.

Sua juventude foi marcada por esforço e perseverança. Estudou nas escolas tradicionais de Campo Belo, no Grupo Escolar Abílio Neves, na Escola Polivalente e no Colégio

Armstrong, e, diante das dificuldades naturais de quem precisava custear os próprios estudos, não hesitou em trabalhar.



Entrega da Comenda ao Comendador Francisco de Assis Corrêa pela Comendadora Denise Cássia Garcia. Foto Roberto Murilo

Foi garçom, atuou nas lavouras de café e iniciou sua vida profissional ainda muito jovem, registrando sua primeira carteira de trabalho em 1980.

Passou por diferentes atividades até ingressar na MinasCaixa, período em que, conciliando trabalho e estudo, gra-

duou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Varginha, abrindo assim as portas de uma trajetória marcada pela dedicação à justiça.

Os caminhos da vida o levaram à Defensoria Pública e, mais tarde, ao respeitado escritório de advocacia “Modestino Ferreira Reis”, convite que recebeu com orgulho e gratidão.

Em 1997, ingressou na magistratura mineira, iniciando uma jornada que o conduziria por diversas comarcas do Estado. Atuou com zelo e responsabilidade em Patos de Minas, Cláudio e, posteriormente, em Divinópolis, onde passou a exercer a titularidade da Vara de Execuções Penais e Precatórias Criminais.

Seu compromisso com a justiça e com a sociedade rendeu-lhe reconhecimentos importantes, entre eles os títulos de Cidadania Honorária nas cidades de Cláudio e Divinópolis.

Mas sua história não se escreve apenas nos autos judiciais. Desde cedo, revelou sensibilidade pela cultura, pela música e pela língua portuguesa.

Ainda jovem ingressou na Corporação Musical Santa Cecília de Campo Belo, tornando-se músico, professor e maestro por mais de uma década.

Também encontrou espaço nas letras, como articulista do Jornal Liberdade, experiência que o aproximou da Academia Campo-belense de Letras, a querida Casa de Miserani, onde chegou a exercer a presidência.

O Comendador Francisco de Assis Corrêa é, assim, exemplo de uma vida construída com trabalho, amor às letras e profunda devoção à sua terra natal, a qual, com emoção poética, costuma chamar de “minha pequena pátria.”

Presidente homenageia a Comendadora Júlia de Sá Carvalho

Permitam-me, por fim, reservar estas palavras para uma homenagem muito especial. Deixei para o último momento a lembrança carinhosa de uma amiga querida e grande referência nesta Casa: a Comendadora Júlia de Sá Carvalho.

Mais do que uma congreira ilustre, ela foi, e continua sendo, uma verdadeira professora na arte de servir à cultura e às letras.

Por isso, ao evocá-la nesta celebração, faço-o com profundo respeito e gratidão, reconhecendo nela uma presença luminosa na história da Academia Campo-belense de Letras.

Júlia de Sá Carvalho nasceu em 4 de dezembro de 1947, na cidade de Bom Jardim de Minas, filha de Adelino Cardoso de Sá e Alice de Carvalho Sá.

Ainda muito pequena, com apenas dois anos de idade, mudou-se para Campo Belo, cidade que adotou como sua e onde construiu toda a sua trajetória de vida.

Primogênita de uma numerosa família, cresceu cultivando desde cedo o espírito de responsabilidade e de colaboração, ajudando os pais na criação dos irmãos.



Entrega da Comenda à Comendadora Júlia de Sá Carvalho pelo Presidente Vicente Soares Neto – Foto Roberto Murilo

Mais tarde, formaria também sua própria família ao lado de Benjamin Barbosa Carvalho, com quem teve três filhos, Giulliano, Luciano e Bárbara Alice, e hoje celebra a alegria de cinco netos que ampliam o círculo de seu afeto.

Sua formação revela uma personalidade dedicada e multifacetada.

Estudou no Grupo Escolar Professor José Monteiro, no Colégio São José e concluiu o curso normal no Instituto Evangélico Armstrong em 1970.

Antes disso, já havia se formado técnica em contabilidade pela Escola de Comércio Dom Cabral. Ainda jovem ingressou na vida profissional, trabalhando na coletoria estadual, na indústria e posteriormente na Companhia Energética de Minas Gerais — CEMIG, onde construiu sólida carreira até sua aposentadoria.

Contudo, mesmo entre números e responsabilidades administrativas, jamais abandonou o amor pelas letras, escrevendo desde os tempos escolares para jornais locais e participando ativamente da vida cultural da cidade.

Esse compromisso com a cultura encontrou expressão maior quando, em 1979 — no centenário de Campo Belo — foi convidada a integrar a Academia Campo-belense de Letras, ocupando a cadeira nº 22, cujo patrono é Monteiro Lobato.

Desde então, tornou-se uma das grandes guardiãs da memória desta instituição, exercendo com dedicação a função de secretária por décadas.

Participou também da criação da Fundação Casa da Cultura e da Fundação Museu e Arquivo de Campo Belo Divino Dias Maciel, além de atuar como Secretária Municipal de Cultura e conselheira de importantes órgãos culturais.

Tornada cidadã campo-belense em 1998, Júlia de Sá Carvalho simboliza uma vida de entrega à família, à cultura e à cidade que aprendeu a amar desde a infância, uma trajetória que honra esta Academia e enriquece a memória de Campo Belo.

33 - HINO DA ACADEMIA

Conforme pronunciamento da confrreira Inaê Leandro na sessão solene de 25 de abril de 2026, comemorativa aos 47 anos da Academia Campo-belense de Letras, retrata a emoção contida em todos, motivada pela execução do Hino da Academia.

Senhoras e senhores, imortais desta nobre Casa... por um instante, permitam que o tempo desacelere.

Há noites que passam. Há noites que ficam. E há aquelas, raríssimas, que nascem para a eternidade.

Esta é uma delas.

Porque o que estamos prestes a viver não é apenas uma apresentação... é uma revelação. Um daqueles momentos em que a história deixa de ser escrita apenas em páginas e passa a pulsar no ar, na emoção, no silêncio que antecede o inesquecível.

Há uma surpresa preparada. Mas não uma surpresa qualquer.

Algo que foi cuidadosamente tecido entre notas e palavras, entre sensibilidade e inspiração... algo que carrega a alma desta Academia. Algo que, a partir desta noite, deixará de ser promessa para se tornar legado.

Hoje, será apresentado, pela primeira vez aos imortais desta Casa, o Hino da Academia Campo-belense de Letras.

E antes que ele ecoe... é preciso compreender de onde vem sua força.

A melodia nasce da sensibilidade de um artista cuja vida é, por si só, uma composição. José Newton Almeida Noronha, filho da terra acolhedora de São Gonçalo do Sapucaí, descobriu ainda menino que a música não era apenas som — era linguagem da alma. Aos oito anos, sem mestres, sem mapas, encontrou no acordeão seu primeiro diálogo com o mundo. Mais tarde, no violão, encontrou não apenas um instrumento... mas um destino.

E assim, entre festivais, palcos e aplausos, foi moldando sua identidade artística, não apenas como músico, mas como criador de emoções. Um homem que, mesmo trilhando

caminhos firmes no universo profissional, jamais silenciou a voz que vinha do coração.

Hoje, vivendo em Pouso Alegre, continua compondo — como quem respira, como quem sente, como quem entende que a música é uma forma de eternidade.

Mas toda grande melodia precisa de palavras à altura.

E elas vieram.

Vieram da sensibilidade, da vivência e da profunda conexão com as letras de Vicente Soares Neto, presidente desta Academia. Em seus versos, não há apenas poesia, há identidade, há memória, há pertencimento. Há a essência desta Casa traduzida em palavras que tocam, elevam e permanecem.

E então... acontece o encontro.

Música e poesia.

Som e sentimento. Inspiração e propósito.

Dessa união nasce algo maior que uma obra. Nasce um símbolo.

Um eco permanente daquilo que somos, do que fomos... e do que ainda seremos.

Mas... ainda não.

Porque há um instante sagrado antes do primeiro acorde. Há um silêncio que antecede a emoção. Há um suspiro coletivo que prepara o coração para aquilo que jamais será esquecido.

E é exatamente nesse instante... que nos encontramos agora.

Senhoras e senhores, ao celebrarmos 47 anos de existência da nossa querida Academia Campo-belense de Letras, a Casa de Miserani não apenas apresenta seu Hino — ela consagra um legado.

E, como reconhecimento à grandeza desta contribuição, concede, nesta noite histórica, o Título de Acadêmico Honorário ao confrade e imortal José Newton Almeida Noronha.

Agora... o silêncio se transforma em expectativa. A expectativa... em emoção.

Hino da Academia Campo-belense de Letras

Música: José Newton Noronha Almeida - Letra: Vicente Soares Neto

No vale onde o livro floresce,
A voz da palavra é luz,
Do campo que o sonho enaltece,
Surge a letra que a alma conduz

São letras que erguem o tempo,
Da mente, da vida e da luz,
Semeando saber no momento,
Que a chama do verbo conduz.

São vozes que guardam memórias,
Do povo, da fé e do chão,
Tecendo o saber em histórias,
Que vivem no verso e na mão.

Que o tempo nos traga a constância,
Do verbo que ergue e refaz,
E em letras semeie a herança,
De um povo que escreve a paz.

(REFRÃO)

Campo-Belense, nobre saber,
És chama que nunca se apaga!
No livro, a esperança a crescer,
Na pena, a palavra que afaga.

(BIS)

(REFRÃO).

Campo-Belense, nobre saber,
És chama que nunca se apaga!
No livro, a esperança a crescer,
Na pena, a palavra que afaga.

(BIS)

Hino da Academia Campo-belense de Letras

Letra Vicente Soares Neto
Música José Newton Noronha Almeida

D Bb° Bm
 No vi---le on---de o li---vro flo-----res-----ce a
 Bm/A Em B/F# Em B/F#
 voz da pa---la---vra é luz do cam---po que o so---nho e---nal -
 Em Em/G E E/G# A
 -te---ce sur---ge a le---tra que a al---ma con---duz são
 F# F#/E Bm Bm/A E E/G# A D/C
 vo---zes que guar---dam me---mó---rias do po---vo da fé e do chão te -
 G F# Bm G D A
 -cen---do o sa---ber em his---tô---rias que vi---vem no ver---so e na

Corações e Letras

mão Cam-po - be-len-se no-bre sa-ber és
 cha-ma que nun-ca se a-pa-ga no li-vro a espe-ran-ça a cres-
 -cer na pe-na a pa-la-vra que a-fa-ga Cam-po - be-len-se
 no-bre sa-ber és cha-ma que nun-ca se a-pa-ga no
 li-vro a espe-ran-ça a cres- na pe-na a pa-la-vra que a-fa-ga São

2 D Bb° Bm Bm/A Em B/F# 3
 le-tras que er-guem o tem-po da men-te da vi-da e da luz se-me-
 -an-do sa-ber no mo-men-to que a cha-ma do ver-bo con-
 -duz que o tem-po nos tra-ga a cons-tân-cia do ver-bo que er-gue e re-
 -faz e em le-tras se-me-le a he-ran-ça de um po-vo que es-cree-ve a
 paz Cam-po - be-len-se no-bre sa-ber és

E A D/C G F#

cha-----ma que nun-----ca se a-----pa-----ga no li-----vro a espe-----ran-----ça a cres-

Bm G 3 D A D 3 F#

-cer na pe-----na a pa-----la-----vra que a-----fa-----ga Cam--po - be-----len-----se

Bm 3 E A D/C

no-----bre sa-----ber és cha-----ma que nun-----ca se a-----pa-----ga no

G F# Bm G 3 rall. D A rall. D

li-----vro a espe-----ran-----ça a cres-----cer na pe-----na a pa-----la-----vra que a-----fa-----ga

34 - ACADÊMICOS

Importa salientar, com a devida reverência histórica, que a Academia nasceu sustentada pela dedicação e pelo idealismo de um grupo notável de acadêmicos fundadores. Foram eles os primeiros guardiões do sonho literário que, ao longo do tempo, se transformaria em uma das mais significativas expressões culturais de nossa comunidade.

Ao todo, trinta acadêmicos compuseram esse seleto grupo de fundadores. Mais do que nomes inscritos em uma ata inaugural, eram homens e mulheres movidos pelo amor às letras, pela sensibilidade artística e pelo compromisso com a preservação da cultura e da memória intelectual de sua terra. Cada um deles trouxe consigo não apenas sua erudição, mas também sua disposição em construir, com paciência e perseverança, os alicerces institucionais da Academia.

Esses pioneiros assumiram, desde os primeiros passos da instituição, a responsabilidade de organizar, estruturar e dar legitimidade à nova casa das letras. Foram anos de dedicação

silenciosa, reuniões produtivas, debates literários e iniciativas culturais que fortaleceram a presença da Academia no cenário intelectual local.

Entre esses trinta fundadores encontravam-se personalidades de grande relevância social, cultural e educacional, figuras cuja atuação ultrapassava os limites da literatura e alcançava também a vida pública, a educação e a formação cultural da comunidade. Por essa razão, tornaram-se, ao longo dos anos, verdadeiros sustentáculos da Academia, garantindo sua continuidade, sua respeitabilidade e sua missão.

Foi graças ao empenho desses primeiros acadêmicos que a instituição pôde consolidar-se, atravessar os desafios naturais de seus anos iniciais e firmar-se como espaço permanente de cultivo da literatura, da memória e do pensamento.

Assim, registrar os nomes dos acadêmicos fundadores não é apenas um gesto protocolar. É, sobretudo, um ato de gratidão histórica, um reconhecimento àqueles que, com visão e coragem, acenderam a chama que continua iluminando as atividades da Academia até os dias atuais.

Corações e Letras

A seguir, apresenta-se a relação dos trinta acadêmicos fundadores, cuja presença permanece eternizada na história desta ilustre instituição.

Nº	CADEIRA	PATRONO	ACADÊMICOS FUNDADORES
1	Cadeira 1	Alphonsus de Guimarães	Marli Carvalho Pacheco
2	Cadeira 2	Alvares de Azevedo	José Lopes Dias
3	Cadeira 3	Augusto dos Anjos	Henry Corrêa de Araújo
4	Cadeira 4	Basílio da Gama	Adolfo Pinto Lasmar
5	Cadeira 5	Bernardo Guimarães	Joaquim Vilela Filho
6	Cadeira 6	Cassimiro de Abreu	José de Oliveira Barra
7	Cadeira 7	Castro Alves	Maria Clara Mendonça
8	Cadeira 8	Cecília Meireles	Josefina Massote Teixeira de Carvalho
9	Cadeira 9	Cláudio Manoel da Costa	Lindolfo Cazeca
10	Cadeira 10	Cruze Souza	Iolanda Meneses Gibrã
11	Cadeira 11	Érico Veríssimo	Francisco Raposo Lima
12	Cadeira 12	Euclides da Cunha	Arthur Edmundo de Souza Rios
13	Cadeira 13	Gonçalves Dias	Célio Bastos
14	Cadeira 14	Guilherme de Almeida	Nilson Reis
15	Cadeira 15	Guimarães Rosa	Natércia Silva Villefort Costa
16	Cadeira 16	Humberto de Campos	Otávio J. Alvarenga
17	Cadeira 17	Joaquim Manoel de Macedo	Nympha Leite Cambraia
18	Cadeira 18	Juscelino Kubitschek	Oswaldo Alvarenga
19	Cadeira 19	Machado de Assis	Marta Peixoto Silva
20	Cadeira 20	Manoel Bandeira	Geraldo Raimundo de Souza
21	Cadeira 21	Mário de Andrade	José Augusto de Carvalho
22	Cadeira 22	Monteiro Lobato	Júlia de Sá Carvalho
23	Cadeira 23	Olegário Mariano	João Barbosa
24	Cadeira 24	Oswaldo de Andrade	Mirian Boueri Magalhães
25	Cadeira 25	Raul Pompéia	José Sebastião d'Assunção Rodarte
26	Cadeira 26	Santa Rita Durão	José Gomide Borges
27	Cadeira 27	Silva Alvarenga	José da Silva Furtado
28	Cadeira 28	Tomáz Antônio Gonzaga	Braz Saturnino
29	Cadeira 29	Vicente de Carvalho	Militão Batista Brasileiro
30	Cadeira 30	Vinicius de Moraes	Maria Aparecida Cardoso Furtado

Acadêmicos Fundadores

ACADÊMICOS ATIVOS

Ronaldo Garcia Dias

Arthur Edmundo de Souza Rios

Nilson Reis

Daniel Edson

Júlia de Sá Carvalho

Mirian Boueri Magalhães

Edson José Teixeira

Sérgio Luiz Maia

João Luiz Lacerda

Evaldo Alves D´Assumpção

Francisco de Assis Corrêa

Denise Cássia Garcia

Inaê Leandro

Vicente Soares Neto

Evaldo Ferreira Vilela

Carlos Henrique Soares

Otávio de Avelar Esteves

Schleiden Nunes Pimenta

Edilson Borges Cardoso

Alysson Massote Carvalho

Antônio Braz

José Newton Noronha Almeida

ACADÊMICOS REMIDOS

Marli Carvalho Pacheco

Luiza Maria Tagliaferri Menezes

Josephina Marisa Massote Teixeira de Carvalho

Alessandra Garcia Trindade

Nathércia Silva Villefort Costa

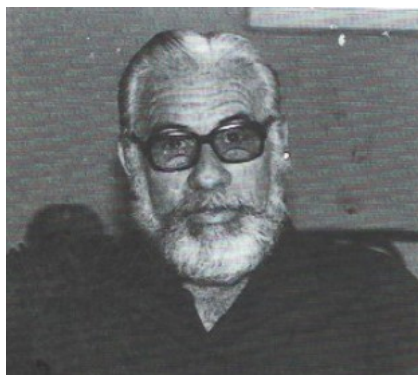
Édson Resende de Castro

Júlio Fernando Martins

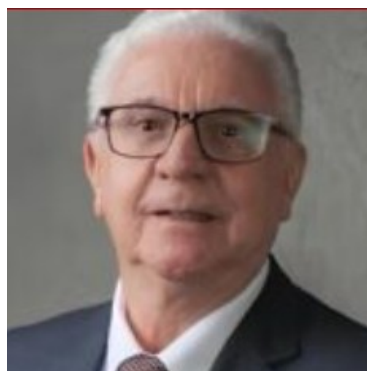
Maria Aparecida Cardoso Furtado

Anelise Suseley Leite Cambraia

35 - GALERIA DOS PRESIDENTES



Dr. Osvaldo Alvarenga – Foto Anuário ACL 1979 – 1994



Dr. Nilson Reis – Foto do Arquivo de Nilson Reis



José Augusto de Carvalho – Foto do Livro Grandes Nomes do Século XX



Marli Carvalho Pacheco - Foto Anuário ACL 1979 – 1994



Francisco de Assis Correa



*Denise Cássia Garcia - Foto do Arquivo de Denise Cássia
Garcia*



Vicente Soares Neto – Foto Arquivo de Vicente Soares Neto